

V – RELAÇÃO DE ANEXOS TÉCNICOS

Anexos Técnicos

PROGRAMA DE ACERVO: CONSERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

Meta 2 - Manter inventário de acervo atualizado (acervos museológico, bibliográfico e de história oral), revisando e inserindo no Banco de Dados da SEC.

O trabalho de revisão e atualização dos Bancos de Dados dos acervos do Memorial do Imigrante vem sendo executado concomitantemente à execução do trabalho de checagem e transferência dos acervos.

Esta revisão e atualização tem como foco principal a checagem de números de tombo, a revisão do estado de conservação das peças e a atribuição de valores para seguro dos itens. Esta base de dados subsidiará também todo o processo de transferência do acervo museológico.

No que diz respeito ao inventário bibliográfico e de história oral, uma primeira checagem já foi executada, sendo necessário, por ocasião da embalagem e transferência destes acervos, a atualização sistemática destes dados.

Segue abaixo relatório da empresa contratada para a gestão da transferência do acervo museológico.

RELATÓRIO DE SERVIÇOS REALIZADOS PELA EXPOMUS

PERÍODO: 14 de fevereiro a 25 de março de 2011

PARÂMETROS INICIAIS ADOTADOS

Acervo Museológico do Museu da Imigração composto por cerca de 6.300 itens.

Realização dos trabalhos em 3 meses, sendo 2 meses para o deslocamento do acervo e o período anterior de 15 dias para a preparação do material e definição de critérios e do processo de trabalho e posterior para a produção de relatório e listagem final de controle.

Serviços desenvolvidos pela Expomus

Os trabalhos aqui relacionados estão sendo desenvolvidos pela equipe técnica da Expomus instalada no Museu da Imigração, onde se encontra hoje o acervo.

I – DISPOSIÇÃO PRELIMINAR

1. Equipe Técnica de Coordenação de Atividades

O projeto contou com a contratação de duas técnicas documentalistas, com experiências anteriores em projetos similares da nossa empresa. A equipe iniciou os trabalhos na Expomus e a partir do dia 21 de fevereiro, a equipe foi transferida para dar início aos trabalhos no Museu da Imigração. A equipe recebeu as orientações e definições de bases para início dos trabalhos. Foi realizada uma primeira análise do acervo e o estabelecimento dos parâmetros gerais de manuseio, deslocamentos, cuidados preventivos, procedimentos técnicos para embalagem/desembalagem, orientação para procedimento com a documentação, alimentação do banco de dados e sugestões de formas de atuação da equipe.

A coordenação acompanhou todos os trabalhos desenvolvidos pelos técnicos, empenhando-se em: orientações gerais de preenchimento de listagens de controle e conservação, esclarecimento de dúvidas, conferência de processos de trabalho, controle do volume embalado, de acordo com o planejamento inicial previsto, entre outros.

A equipe de Coordenação, durante todo o período acompanhou o desenvolvimento dos trabalhos, através de listas enviadas via email e em visitas semanais ao Museu.

2. Equipe técnica da Expomus e desenvolvimento do projeto

As técnicas Carla de Oliveira, Michele Joaquim, Patricia Guilhoto e Thais Biazoli trabalharam alocadas fisicamente no Museu da Imigração, em sala disponibilizada para o período de embalagem do acervo, onde foi montada uma unidade de trabalho.

O trabalho conta com a parceria junto à empresa, Alternativa Transportes, contratada pelo Museu para a realização dos serviços de embalagem e transporte do acervo.

3. Diagnóstico inicial do acervo no Museu

A equipe Expomus levantou os dados básicos para preparar o início da embalagem para transferência temporária do acervo, por meio de visita técnica, consulta ao banco de dados do acervo – ACERVCYS e imagens do acervo.

A partir destas informações, foi realizado o levantamento quantitativo geral do acervo e controles para embalagem, dividido em categorias:

ARQUIVO - A0000001 a A0002029

ICONOGRAFIA - I0000001 a I0000384

OBJETOS - O0000001 a O0003238

PINACOTECA - P0000001 a P0000120

4. Descrição das atividades que estão sendo desenvolvidas

- Identificação dos itens a serem transferidos (caso esses não tenham nenhuma identificação);
- Checagem contínua da listagem recebida do acervo com os itens realmente encontrados;
- Exportação dos dados de identificação dos itens para tabela em Excel para gerenciamento do acervo, produção de listagens específicas e controles;
- Impressão de etiquetas de identificação de objeto e de embalagem;
- Impressão de listagens de controle de embalagem e de deslocamento;
- Definição de critérios de cores para os volumes (ex. para acervo a ser selecionado para exposição, acervo com prioridade de conservação/restauro, etc.);
- Higienização superficial do acervo;
- Indicação do estado de conservação de cada item;
- Acompanhamento da embalagem de cada item, fornecendo indicações sobre os materiais a serem empregados em função de cada tipologia;

- Definição em conjunto com o Memorial do Imigrante e empresa de transportes do tipo de embalagem padrão e as embalagens especiais necessárias (ex. engradados de madeira para peças pesadas);
- Acompanhamento da embalagem do acervo;
- Interface contínua com Memorial do Imigrante e fornecedores de embalagem e transporte;
- Interface com Memorial do Imigrante para o deslocamento do mobiliário de armazenagem considerado "acervo permanente";
- Indicação de fornecedor para avaliação do acervo.

Atividades que ainda devem ser desenvolvidas no decorrer do trabalho:

- Emissão de *packing list* dos volumes e conteúdo;
- Sinalização por áreas dos volumes e do local de armazenagem;
- Atualização de listagens de controle e no Banco de dados Acervsys;
- Acompanhamento da transferência e armazenagem do acervo;
- Emissão de relatório final do processo e listagem atualizada da localização do acervo por volume a área de armazenagem;
- Verificação bimensal do acervo no local de armazenagem do acervo a ser realizada de forma amostral: por tipologia e por local;
- Atendimento a pesquisadores, caso necessário durante o período de armazenagem.

II- PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA TEMPORÁRIA DO ACERVO

1. Organização das atividades

Foram criados arquivos de controles para embalagem do acervo, composto por diferentes categorias, a partir da listagem original do acervo, exportada do banco de dados ACERVCYS.

Para controle e conferência dos itens do acervo, geramos 4 listas diferentes, seguindo as categorias estabelecidas na catalogação: Arquivo, Iconografia, Objetos e Pinacoteca.

A partir da listagem dos itens do acervo, organizamos um arquivo em Excel, de controle, conferência e registro de todas as atividades a serem desenvolvidas na embalagem e transporte do acervo.

LISTA DE CONTROLE DE EMBALAGEM, CONSERVAÇÃO E LOCALIZAÇÃO												
TOM BO	DENOMIN AÇÃO	TÍTUL O	QUA NT.	ESTADO DE CONSERVAÇÃO				VOLU ME	RE SP.	DA TA	OBS. GER AIS	LOCALIZ AÇÃO
				A	B	C	OBS.					

Para o controle de embalagem do acervo, foram desenvolvidas e impressas 4 tipos de etiquetas de volumes, de acordo com as categorias do acervo, com um breve formulário sobre os itens.



As cores das etiquetas correspondem as diferentes categorias: Arquivo – azul, Pinacoteca – amarela, Objetos – verde - Iconografia – rosa.

ARQUIVO

mi
Memorial do Imigrante
do Estado de São Paulo

VOLUME No.: _____

☐ ANEXO

☐ ACONDICIONAMENTO

☐ CAIXA DE FOLHONDA

☐ ENVELOPE

☐ OUTROS

PARTES: ____/____

DATA DO FECHAMENTO DO VOLUME: ____/____/2011

Resp: _____

EXCEMUS

ICONOGRAFIA

mi
Memorial do Imigrante
do Estado de São Paulo

VOLUME No.: _____

☐ PINTURA ☐ FOTOGRAFIA ☐ DOCUMENTO

☐ MADEIRA ☐ PAPEL

☐ MONTAGEM

☐ VIDRO ☐ PASSEPARTOUT ☐ MOLDURA

PARTES: ____/____

DATA DO FECHAMENTO DO VOLUME: ____/____/2011

Resp: _____

EXCEMUS

PINACOTECA

VOLUME No.: _____

☐ PINTURA ☐ FOTOGRAFIA ☐ DOCUMENTO

☐ TELA ☐ MADEIRA ☐ PAPEL

☐ MONTAGEM

☐ VIDRO ☐ MOLDURA

PARTES: ____/____

DATA DO FECHAMENTO DO VOLUME: ____/____/2011

Resp: _____

EXDUMUS

OBJETO

VOLUME No.: _____

☐ OBJETO ☐ MOBILIÁRIO ☐ INDUMENTÁRIA

☐ VIDRO/ESPELHO ☐ MADEIRA ☐ TECIDO

☐ COURO ☐ FIBRA NATURAL ☐ PAPEL

☐ METAL ☐ POLIMERO ☐ OUTROS

☐ PORCELANA/CERÂMICA

☐ ACONDICIONAMENTO

☐ CAIXA DE POLIÍNDIA ☐ GAVETA ☐ OUTROS

PARTES: ____/____

DATA DO FECHAMENTO DO VOLUME: ____/____/2011

Resp: _____

EXDUMUS

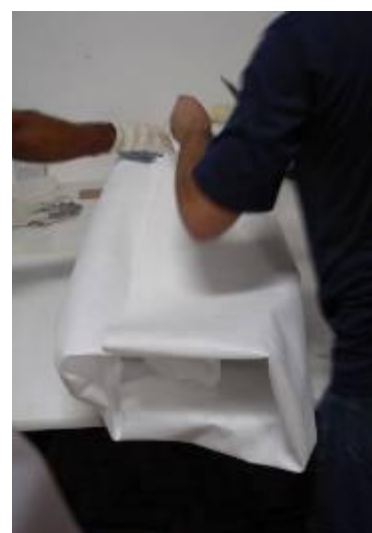
2. Remanejamento interno

Os três primeiros dias de trabalho no Museu foram destinados ao remanejamento interno do acervo, momento em que também iniciou o trabalho da equipe da Alternativa Transportes.

O acervo prioritariamente trabalhado estava no antigo prédio da reserva técnica, no prédio da administração e disperso em outras dependências do Museu, foi identificado e transferido para 3 salas do prédio principal, onde as atividades concernentes à transferência do acervo estão sendo realizadas.

3. Desenvolvimento das atividades

O nosso cronograma de trabalho junto ao acervo teve início no dia 24 de fevereiro, a partir daí foram estabelecidas as etapas de trabalho, como descrito anteriormente, que precedem a embalagem do acervo e transporte (identificação dos itens, preenchimento de lista de controle, análise de conservação preventiva, higienização superficial, registro fotográfico, etiqueta de identificação, etc.)



Durante o processo de trabalho acima descrito, já foi possível elencar algumas questões:

- Itens com cupim (foram embalados provisoriamente em plástico bolha e separados dos outros itens do acervo);
- Itens em processo de doação para o Museu, que não possuem número de tombo e ainda não constam no banco de dados (critério a ser definido);
- Itens que não possuem número de tombo (critério a ser definido);
- Itens que o número de tombo não confere com as informações e imagem do banco de dados (critério a ser definido);
- Itens com número de tombo que consta na listagem do banco de dados com '*Tombo livre*' (critério a ser definido).

Quantidade de itens e embalados e volumes

ITENS	de acordo com o número de TOMBO do acervo*	1.789
VOLUME	de acordo com caixas de embalagem (podem conter vários tombos)	469

* Neste primeiro mês de trabalho, começamos o processo de embalagem do acervo pelos itens de maior porte (mobiliário). Dando continuidade, iniciamos a embalagem dos itens de menor porte composto por objetos, pinacoteca, arquivos.

De acordo com nossa orientação, a Alternativa Transportes está providenciando embalagens especiais (engradados e caixa de madeira) para os seguintes itens que foram apontados pela equipe da Expomus em conjunto com a equipe do Museu: Barco de madeira; Maquete de madeira, Bustos com base (6 itens), Cofres (4 itens) e Lustres (3 itens)

III – CONSIDERAÇÕES

Na avaliação do período em análise, a Expomus considera que os serviços desenvolvidos foram bem encaminhados e a interação entre a equipe da Expomus, as equipes do Museu e da Alternativa Transportes, ocorreram de forma harmoniosa.

Estamos cientes da não definição do local de armazenagem do acervo, e para tanto aguardamos informações sobre a esta decisão para darmos início ao processo de transporte e armazenagem.

Colocamo-nos à inteira disposição para quaisquer esclarecimentos necessários,

**INSTITUTO DA ARTE
DO FUTEBOL BRASILEIRO**
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



Atenciosamente,

Alessandra Labate Rosso

Alessandra Labate Rosso

*Gerente de Gestão do Patrimônio
Coleção*

Cristiane Basílio Gonçalves

Cristiane Basílio Gonçalves

Supervisora de Gestão de

Meta 3 - Apoiar a pesquisa para nova exposição de longa duração.

A equipe do Instituto da Arte do Futebol Brasileiro tem acompanhado e apoiado as atividades concernentes à pesquisa para a nova exposição de longa duração, com participação ativa nas reuniões de definição de conteúdos e escolha de recortes para os novos módulos expositivos.

A empresa Expomus, contratada desde 2010 (ainda na gestão da antiga OS) para dar andamento à pesquisa, entre outras atividades, tem desenvolvido este trabalho, baseando-se sempre no novo Plano Museológico, também proposto pela Expomus, e nos acervos museológico e arquivístico do Memorial do Imigrante.

Até o presente momento não foi solicitada nenhuma outra forma de apoio à pesquisa e os trabalhos referentes a este quesito estão caminhando de acordo com o previsto, conforme relatório abaixo.

RELATÓRIO DE PESQUISA MEMORIAL DO IMIGRANTE
04.03.2011

Resultado da pesquisa para a exposição de longa duração
Textos e temas elencados

Coordenação
Expomus

Consultores
Eduardo Góes Neves
José Guilherme Magnani

Equipe de Pesquisa
Odair Paiva
Glória Kok Martins
Kelly Ludkiewicz Alves

Exposições, Museus, Projetos Culturais

Módulo 1: A diáspora humana

Algumas ideias sobre migrações e expansões
Eduardo Góes Neves

Se a história da espécie humana, desde suas origens remotas, pudesse ser contada resumidamente, ela poderia ser escrita por meio de uma série de narrativas de migração e expansões demográficas que se sucederam ao longo dos milênios. Apesar de ocupar atualmente todo o planeta, nossa espécie *Homo sapiens* tem uma origem bem definida, na África, continente que é o berço da humanidade.

Nossos ancestrais mais antigos viveram há milhões de anos no continente africano, principalmente em sua parte oriental, onde estão hoje a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia, até a África do Sul. Foi nessa região que ocorreu o processo evolutivo que levou ao surgimento de espécies de homínídeos diferentes dos ancestrais dos bonobos, chimpanzés e gorilas, nossos parentes mais próximos entre os primatas vivos. Esse processo levou ao surgimento da espécie *Homo habilis*, há cerca de dois milhões e meio de anos. Até aquele momento nossos ancestrais estavam restritos à África, mas há dois milhões de anos seus descendentes começaram a ocupar partes de outros continentes, como a Ásia Central, o sudeste da Ásia e o Extremo Oriente.

A primeira leva de expansão demográfica para fora da África deu origem, ao longo do tempo, a populações que evoluíram localmente, dos quais os mais famosos são os Neandertais, que ocuparam a Europa, o Oriente Médio e a Ásia Central desde 250.000 anos até 30.000 anos atrás. O debate sobre o desaparecimento final dos Neandertais é um dos mais intensos da arqueologia, mas há um consenso que associa esse desaparecimento à chegada na Europa de uma nova espécie de Hominídeos, a nossa própria – Homo sapiens, que também surgiu na África, só que em uma época mais recente, há cerca de 200.000 anos.

Assim, no curso do longo tempo de evolução de nossa espécie, a África foi duas vezes berço. Primeiramente o berço dos hominídeos mais antigos, que viveram há milhões de anos na própria África e partes da Ásia e Europa. Em segundo lugar, berço de nossa própria espécie, Homo sapiens, que ali surgiu e dali se expandiu para outras partes do Expositões, velho mundo a partir de 100.000 anos atrás. Essa segunda expansão levou, ao longo dos milênios, à colonização de todo o planeta terra. Depois da África, Europa e Ásia, a Oceania foi ocupada há cerca de 70.000 anos, em um processo de ocupação que envolveu uma travessia marítima. Posteriormente, em uma data ainda incerta, mas provavelmente entre 20 e 15.000 anos atrás, foi ocupado o continente americano. As Américas foram a última grande massa de terra a ser ocupada em nosso planeta. As hipóteses mais aceitas no momento defendem a ideia de que a ocupação do continente ocorreu a partir de sua extremidade noroeste, onde está hoje o Alasca, e que os primeiros habitantes descendiam de populações originárias da Ásia. Ao longo de poucos milênios, essas populações colonizadoras ocuparam todo o continente até sua extremidade meridional, na Terra do Fogo. De fato, um dos sítios mais antigos do continente, Monte Verde, está localizado no sul do Chile. Há cerca de 10.000 anos todo nosso planeta já estava ocupado pelos descendentes de nossos ancestrais africanos. Nesse período, houve, no entanto, outros notáveis processos de migrações. Um deles diz respeito à colonização das ilhas do Pacífico (Polinésia) a partir do sudeste da Ásia. Essa colonização incluiu a navegação, identificação e ocupação de

ilhas ou arquipélagos situados a milhares de quilômetros de distância uns dos outros, perdidos na imensidão do Oceano Pacífico. Algumas dessas ilhas e arquipélagos, como a Nova Zelândia, têm grandes dimensões, mas outras, como a ilha de Páscoa, são pequenos pontos totalmente isolados. As evidências mostram que é provável que os Polinésios tenham tido contato com os moradores antigos da América do Sul cerca de mil anos atrás. Outro notável processo de migração, esse de caráter militar e político, mas com profundas consequências demográficas, foi a expansão europeia a partir do século XVI DC. Essa expansão levou à ocupação das Américas, partes da Ásia, África e Oceania pelos europeus e seus descendentes, mas também levou à transposição, muitas vezes compulsória, de africanos e asiáticos para as Américas, de europeus para a Oceania e de asiáticos para a África.

No Brasil, a arqueologia mostra que diversos processos migratórios ocorreram no que é hoje conhecido como território nacional. Esses movimentos migratórios são inferidos a partir de duas fontes: o estudo dos objetos produzidos e abandonados nos sítios arqueológicos, dentre os quais se destaca a cerâmica; e o estudo do padrão moderno de distribuição de línguas indígenas, que pode indicar relações entre elas no passado.

É provável que o caso mais conhecido de migrações antigas seja o dos povos falantes de línguas da família tupi-guarani. No século XVI, quando os portugueses chegaram ao litoral do Brasil, toda a região que ia do litoral do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul era majoritariamente ocupada por falantes de línguas Tupinambá ou a ela aparentadas

(desde a foz do rio Ribeira de Iguape até o Rio Grande do Norte) e por falantes de línguas Guarani ou a ela aparentadas (desde a foz do Ribeira até o sul da lagoa dos Patos, bem como pelo interior do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraguai). A arqueologia e a linguística mostram, porém, que o centro de origem desses povos estava na Amazônia, próximo à região onde hoje está o Estado de Rondônia. Para chegar até o local onde habitavam no século XVI, atravessaram praticamente todo o território brasileiro, do noroeste ao sudeste. É interessante notar que esse padrão migratório prevalece até hoje entre alguns desses povos: os Guarani continuam silenciosamente sua expansão pelo litoral sudeste do país, colonizando novas áreas em busca da “terra sem mal” de sua religião.

Outro exemplo conhecido de migração pré-colonial no Brasil e adjacências é a dos grupos falantes de línguas Arawak. Quando Colombo chegou ao Caribe em 1492, encontrou ali os índios Taino, vivendo nos territórios que hoje correspondem à República Dominicana, ao Haiti, Cuba e à Jamaica. A arqueologia e a linguística mostram que esses povos descendiam de colonizadores que tinham também uma origem remota na Amazônia e que, a partir da Venezuela, colonizaram as ilhas do Caribe ainda antes do início da era Cristã. Migrações e expansões demográficas eram, portanto, frequentes no Brasil antigo. No caso da cidade de São Paulo e de seu entorno, a posição geográfica da cidade, localizada na área geral de cabeceiras do rio Tietê e próximo ao litoral, favoreceu que fosse um local de passagem de grupos que buscavam o mar, rio acima, ou que partiam para o interior baixando o Tietê. No período colonial, a rota para Minas Gerais saía de São Paulo pelo Tietê acima até a região de Mogi das Cruzes e Guararema, onde se abordavam canoas já no rio Paraíba, que era navegado até o local, já próximo à atual divisa com o Estado do Rio de Janeiro, onde se cruzava a pé a Mantiqueira rumo a Minas. As rotas para o Mato Grosso e a Amazônia, por outro lado, se aproveitavam do curso para Oeste do Tietê, embora alguns trechos tivessem que ser percorridos por terra por causa da presença de inúmeras corredeiras, como é o caso da região entre Cabreúva e Itu.

Resumindo as ideias aqui apresentadas, migrações e expansões demográficas são tão antigas quanto a própria humanidade. Desde a origem dos tempos, nossos ancestrais têm atravessado continentes ou oceanos, a pé ou de barco, em viagens realizadas por razões políticas, econômicas, religiosas ou talvez pela simples curiosidade de conhecer outros lugares. Foram essas migrações que levaram a que nossa espécie seja a de maior distribuição geográfica pelo planeta, desde sua origem africana até, quem sabe, a colonização de outros planetas em um futuro não tão distante assim.

Módulo 2: A história da Grande Imigração no Brasil

2ª: Movimentações indígenas e tráfico de escravos

A Terra sem mal

Populações indígenas tupis-guaranis deslocavam-se em busca do que acreditavam ser o paraíso terrestre, a “Terra sem Mal”, um lugar indicado nas visões dos profetas. Essas migrações intensificaram-se com a chegada dos europeus, na tentativa de escapar à sua dominação, sobretudo em Pernambuco, Ilhéus, Porto Seguro, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraguai e sul do Brasil. A fim de garantir a sobrevivência, ameaçada pelas epidemias, pela fome e pela escravização, os índios rumavam em direção aos remotos sertões ou às densas florestas. Sucessivas migrações tiveram lugar em diversas áreas de conflito entre

índios e brancos. Em 1912, índios guaranis vindos do Paraguai estabeleceram-se numa reserva demarcada pelo governo, no litoral de São Paulo. Eram os sobreviventes de um grande movimento migratório, que teve início em 1812, em busca da terra da imortalidade, abundância, das festas, da guerra e do canibalismo: a "Terra sem Mal".

O Tráfico Negroiro

Mais de nove milhões de africanos – homens, mulheres e crianças – desembarcaram no continente americano, entre os séculos XVI e XIX, na condição de escravos. Estima-se que só a América portuguesa importou aproximadamente quatro milhões de africanos. Isso ocorreu porque o tráfico negroiro, que abastecia as colônias com escravos, gerava lucros comerciais exorbitantes para os traficantes da Metrópole e para a própria Coroa portuguesa. Segundo Luiz Felipe de Alencastro, "o tráfico negroiro se apresentou como um instrumento da alavancagem do Império do Ocidente" (ALENCASTRO, 2000, p. 28). No século XVI, cerca de 5500 indivíduos estavam sendo anualmente deportados da África Ocidental através do Saara, enquanto 1340 dali saíam por ano mediante o trato marítimo europeu". (ALENCASTRO, 2000, p.47).

Os portos que mais receberam escravos africanos foram os de Recife e Salvador, nos séculos XVI e XVII, e Rio de Janeiro, no século XVIII, em decorrência da demanda de mão de obra nos engenhos de açúcar, nas minas de ouro e nas fazendas de café, respectivamente. Chegaram negros bantos (angolas e cabindas), sudaneses (iorubas, jejês, hauçás e minas) e os malês (muçulmanos que falavam o árabe).

Na fase inicial do comércio de escravos na África, tornavam-se cativos os homens que, nas aldeias, haviam cometido delitos, contraído dívidas ou os que foram derrotados nas guerras tribais, sendo então recrutados pelos portugueses. A partir do século XVII, entretanto, atraídos pelo lucrativo tráfico negroiro, muitos reinos africanos, como Sego, Oio, Benin e Daomé, passaram a organizar expedições militares de captura de escravos.

Os principais agentes do tráfico de cativos eram os chamados pombeiros: portugueses brancos, mulatos, negros livres ou escravos de confiança eram encarregados de levar os escravos para o interior da África para a costa, a fim de serem comercializados pelos portugueses. Uma vez capturados em suas aldeias, os escravos eram trocados por mercadorias de pouco valor para os europeus e levados para as feitorias. Os principais produtos do escambo eram as aguardentes ("jeribita") e os têxteis, seguidos de perto pelos apetrechos bélicos – pólvora, armas de fogo, espadas, facas, arcos e flechas –, produtos tropicais (açúcar, fumo e farinha de mandioca), além de barras de ferro, louças, ferragens, miçangas, vidros, algodão e conchas. Antes de embarcarem nos navios negreiros, os cativos eram batizados com uma pitada de sal em suas línguas e recebiam um nome cristão.

Para os cativos, a viagem para a América portuguesa era o início de uma infernal epopeia, à qual poucos sobreviviam. Os navios ou tumbeiros (túmulos marítimos) transportavam de cem a quatrocentos escravos, acorrentados, dois a dois, nos porões, numa viagem que se estendia de trinta a sessenta dias. Até os primeiros anos do século XVIII, cerca de 20% dos cativos morriam na travessia, cometendo suicídios, sucumbidos pelo banzo ou atacados por doenças, como disenteria, escorbuto, sarampo, varíola e sarna. Calcula-se que mais de um milhão e meio de africanos tenham morrido durante o percurso do Atlântico.

2B: Imigração para o Brasil durante o século XIX - A fixação de estrangeiros no Brasil

Durante todo o período colonial, a entrada de estrangeiros na colônia sempre foi motivo de preocupação por parte das autoridades portuguesas. O processo de ocupação das terras – que formariam a futura colônia – pelos colonizadores portugueses foi, desde o início, pautado por disputas com outras nações europeias. Das ocupações holandesas e francesas de partes do território colonial português durante os séculos XVI e XVII ao “avanço” sobre terras pertencentes à Espanha, a colônia foi conquistada numa luta secular contra a presença estrangeira.

A presença e o trânsito de súditos estrangeiros também foi motivo de preocupação, ao ponto de serem exigidos documentos que autorizassem o seu trânsito pelas terras coloniais, que, numa versão mais contemporânea, poderíamos denominar como salvo-conduto. Em determinadas regiões consideradas estratégicas ou de grande potencial de riqueza – como as Minas Gerais do século XVIII –, a presença de estrangeiros era extremamente vigiada e em alguns casos até proibida.

Este quadro paulatinamente foi alterado entre meados do século XVIII e início do século XIX. A consolidação das fronteiras coloniais passou a exigir o povoamento de certas áreas por meio da fixação de elementos não nascidos na colônia. A Provisão de 9 de agosto de 1747 dava providências para a condução e estabelecimento de casais de açorianos no Brasil. Este é o primeiro documento no qual a Coroa Portuguesa autoriza a fixação de pessoas não nascidas no território colonial, exceção feita aos próprios portugueses.

Com a chegada da família real portuguesa em 1808 e a consequente elevação do Brasil à categoria de reino unido a Portugal e Algarves, uma série de decretos, cartas régias e portarias com vistas à fixação de estrangeiros (notadamente açorianos, suíços e germânicos) no Brasil foram editadas. Em sentido amplo, estas autorizações objetivavam a fixação de estrangeiros com vistas à colonização de terras e em menor grau à dinamização econômica.

Assim, ainda no período pré-independência, a fixação de estrangeiros no Brasil cumpria dois objetivos básicos: criação de núcleos coloniais visando à ocupação de terras e consolidação do território e/ou dinamização da economia com o desenvolvimento de novas culturas agrícolas. Estes dois objetivos estarão presentes na política imigratória brasileira durante todo o século XIX até a primeira metade do século XX. Um terceiro objetivo da política imigratória surgiu durante o século XIX e tem relação com a substituição da mão de obra escrava.

O termo “imigrante”

O termo “imigrante” foi incorporado ao título dos documentos que autorizavam a fixação de estrangeiros no Brasil apenas em 1829. Na fala do Imperador de 03 de maio, que abriu os trabalhos da Assembleia Geral daquele ano, encontramos: “salientando a necessidade de auxiliar no desenvolvimento da agricultura do país, através do incentivo à imigração, da criação de uma lei de naturalização e de um regulamento para a distribuição das terras incultas”. Até então, os elementos não nascidos na colônia ou em Portugal eram nominados a partir de suas regiões de origem – açorianos, suíços – como estrangeiros ou colonos.

A palavra “imigrante”, a partir de então, consolida num único termo a condição de nascimento dos sujeitos (e consequentemente a noção de estrangeiro) e a razão de sua incorporação na comunidade nacional como colonos (ocupantes de terras) ou trabalhadores. Até nossos dias, o termo imigrante define, embora de forma não muito precisa, uma relação complexa do estrangeiro com a comunidade nacional na medida em que a noção de imigrante leva em consideração prioritariamente a dimensão indivíduo estrangeiro-trabalho e coloca num plano secundário a dimensão sujeito-cidadão, portador de direitos (políticos) e necessidades (sociais e culturais).

Imigração e Colonização durante o século XIX: os núcleos coloniais

O processo de independência, em 1822, dinamizou as iniciativas para a fixação de estrangeiros no Brasil. Entre 1823 e 1830 houve a edição de 25 Decisões, Portarias, Decretos e Leis que regulavam ou davam instruções sobre a entrada e fixação de não-nacionais em solo pátrio. Durante a primeira metade do século XIX, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram as regiões que mais receberam atenção do Estado no tocante à fixação de estrangeiros. Surgiram pequenos 10 núcleos coloniais que deram origem a ou dinamizaram o crescimento de cidades como Petrópolis (RJ), Blumenau e Florianópolis (SC), e São Francisco do Sul (RJ).

No caso da cidade de São Paulo, em 1827 é fundado o Núcleo Colonial de Santo Amaro, com imigrantes oriundos do que futuramente seria a Alemanha. Com a expansão da cidade, esse núcleo foi incorporado ao seu território e hoje é conhecido bairro da capital. O mesmo ocorreu com os Núcleos Coloniais de Santana, São Caetano e São Bernardo, todos fundados em 1877. O Núcleo Colonial de Ribeirão Pires data de 1887. A política de fundação de Núcleos Coloniais e Áreas de Colonização no Estado de São Paulo produziu ao todo 37 Núcleos e Áreas de Colonização entre 1829 e 1933. Além da iniciativa oficial, muitas colônias foram fundadas por iniciativa de empresas privadas ou pelos próprios imigrantes. Registro (japoneses), Holambra (holandeses) e Pedrinhas (italianos) são apenas alguns dentre muitos exemplos. Ainda durante o século XIX, tanto na esfera privada quanto pública, várias foram as iniciativas para a inserção de imigrantes com o objetivo de substituição da mão de obra escrava. Dentre as iniciativas privadas, o caso do Senador Vergueiro (Fazenda Ibicaba), na década de 1840, é o mais conhecido. A partir da Proclamação da República (1889), o governo paulista promoveu em vários períodos uma política de subsídios à entrada de imigrantes com passagens gratuitas até São Paulo (a partir de portos europeus), bem como hospedagem e transporte até as fazendas de café.

As Hospedarias e o contexto das migrações

Entre o século XIX e a I Guerra Mundial (1914-1918), os deslocamentos populacionais ganharam uma magnitude até então desconhecida. De 1820 até 1914, migraram para o continente americano aproximadamente 50 milhões de pessoas. Novas, maiores e mais complexas estruturas de alojamento para o crescente fluxo de populações que se dirigiam para a América tornaram-se necessárias.

As Hospedarias de Imigrantes, construídas em vários países do continente americano a partir da segunda metade do século XIX, cumpriram uma função de destaque na dinâmica dos deslocamentos populacionais. Na Alemanha, Japão e Itália, Hospedarias de Emigrantes foram erigidas no mesmo período. Em ambos os lados do processo migratório – saída (emigração) e chegada (imigração), elas foram os locais para a expedição ou aferição de documentos, o controle médico-sanitário, o registro e encaminhamento para o local de destino.

Criadas num contexto cuja necessidade de coordenação dos fluxos migratórios pelo Estado era fundamental, as Hospedarias de Imigrantes e de Emigrantes cumpriram um importante papel nas políticas migratórias oficiais. Despedidas, sonhos e esperança eram palavras-chave no vocabulário daqueles que partiam das hospedarias dos portos de Kobe, no Japão, de Hamburgo, na Alemanha, e de Gênova, na Itália, portais de embarque para o Novo Mundo.

Uma nova vida que, em solo estrangeiro, começaria nas Hospedarias de recepção de imigrantes. Dentre elas, destacavam-se a Hospedaria de São Paulo (1888-1978), a Hospedaria da Ilha das Flores (1883-1966), na cidade do Rio de Janeiro, a Hospedaria de Buenos Aires (1911-1953) e a Hospedaria da Ilha de Ellis, em Nova York (1892-1954). As Hospedarias localizavam-se próximas a regiões portuárias ou mesmo em ilhas. Isto facilitava os trabalhos de conferência de documentação, controle médico-sanitário e de alfândega. A Hospedaria de São Paulo foi a única exceção a essa regra dentre as grandes Hospedarias. A topografia acidentada entre o litoral e o planalto e o fato da malha ferroviária irradiar-se a partir da cidade de São Paulo fez com que a opção pela construção de uma Hospedaria no planalto fosse a mais adequada.

Em outras regiões do país, para atender ao crescimento do fluxo imigratório, foram criadas várias Hospedarias de Imigrantes, destacando-se: a Hospedaria da Ilha das Flores e a dos Pinheiros, no Rio de Janeiro, Hospedaria da Pedra d'Água, em Vitória (ES), Hospedaria de Imigrantes Pensador, em Manaus (AM), Hospedaria Oficial de Rio Branco (AC), Hospedaria dos Imigrantes do Saco do Padre Inácio, em Florianópolis (SC) e a Hospedaria de Belo Horizonte (MG).

Após a I Guerra Mundial e especialmente a partir dos anos 1930, o refluxo e a mudança do caráter das migrações fez com que muitas Hospedarias encerrassem suas atividades.

Neste período, a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo já havia reorientado suas 12 atividades para o atendimento dos fluxos de migração interna, enquanto que a Hospedaria da Ilha das Flores foi desativada em 1966. Hospedarias de emigrantes na Europa e seus exemplares nas Américas Kobe (Japão) A Hospedaria Nacional dos Emigrantes Ultramarinos de Kobe, no Japão, foi construída em março de 1928, como resultado da Lei de Incentivo à Emigração. Centenas de emigrantes ficavam abrigados na hospedaria até a partida do navio, durante aproximadamente dez dias. Rebatizada como "Centro de Habilitação para os Emigrantes Ultramarinos de Kobe", em 1932, seu funcionamento foi temporariamente interrompido pela guerra. Em 1952, foi reaberta como "Central de Serviços de Emigração de Kobe"; depois, em 1964 recebeu o nome de "Centro de Emigração de Kobe", encerrando definitivamente suas atividades em maio de 1971.

Bremen

Pesquisas em andamento

Gênova

Pesquisas em andamento

Ellis Island (EUA)

Ellis Island, porta de entrada dos imigrantes nos Estados Unidos, situa-se numa pequena ilha na foz do Rio Hudson. De 1892 a 1954, mais de 12 milhões de imigrantes europeus, recém-chegados de longas viagens em navios a vapor, registraram os seus nomes na ilha e tentaram a sorte em novas terras. Em 1990, o edifício por onde passaram os imigrantes foi transformado em museu.

Hotel dos Imigrantes (Argentina)

O Hotel dos Imigrantes recebeu, entre 1911 e 1953, 3,7 milhões de imigrantes provenientes de 60 países que aportavam na Argentina em busca de uma vida melhor. Depois de cinco dias de estada, com alimentação e alojamento garantidos, partiam para trabalhar no interior. Em agosto de 1985, o espaço do edifício foi remodelado para abrigar o Museo Nacional de la Inmigración da Argentina.

2C: Mapa das hospedarias no Brasil

Minas Gerais: Hospedaria de Imigrantes Horta Barbosa Instalada em Juiz de Fora, Minas Gerais, a partir de agosto de 1888, no bairro da Tapera, atual Santa Terezinha, foi desativada na primeira década do século XX. No local, hoje, encontra-se o 2º Batalhão de Polícia Militar. Documentação Livros de registros de entradas. O Arquivo Público Mineiro (APM), da Superintendência da Secretaria de Estado de Cultura (SEC), é guardião do conjunto de documentos que possibilita a emissão de certidão probatória de ascendência. Pode ser consultado via internet, pelo Sistema Integrado de Acesso (SIA/APM), uma base informatizada que reúne documentos históricos pertencentes ao Arquivo Público Mineiro (Rio de Janeiro: Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores www.siaapm.cultura.mg.gov.br).

Foi criada pela Inspetoria de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura brasileiro ao fim do século XIX, em maio de 1883; sabe-se, porém, que o primeiro livro de Registro de Imigrantes é datado de 1877. Foi desativada em 1966, sendo ocupada pela Marinha do Brasil. Foi construída em uma ilha na Baía de Guanabara, em São Gonçalo, hoje município do Estado do Rio de Janeiro, onde, na época, havia um porto com grande movimento e também uma linha férrea que ligava São Gonçalo, Niterói, Magé e Itaboraí. Documentação O primeiro livro de registros de entrada de imigrantes na Hospedaria da Ilha das Flores tem início apenas em 1877, e a série vai até 1913. Os documentos da Hospedaria encontram-se microfilmados no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, onde podem ser consultados (<http://www.arquivonacional.gov.br>). A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – SUD, conhecida popularmente como Igreja Mórmon ou dos Mórmons, também microfilmou esses papéis (<http://www.familysearch.org>).

Espírito Santo: Hospedaria dos Imigrantes Alfredo Chaves

A Hospedaria dos Imigrantes de Vitória foi inaugurada em 1889, na localidade de Pedra d'Água, na entrada de uma baía pertencente ao município de Vila Velha. Em 1924 o edifício foi transformado em penitenciária do Estado, situação que permanece até os dias atuais, com a denominação de Instituto de Reabilitação Social (IRS). Documentação O projeto Imigrantes Espírito Santo teve início no ano de 1995, para atender a grande demanda de descendentes de imigrantes que procuravam o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) para resgatar suas origens. Com a informatização das listas dos imigrantes, localizadas no acervo documental, e cruzando-se os dados entre as diversas fontes, impediu-se a degradação dos documentos primários, ao mesmo tempo em que fez dinamizar e ampliar, com grande repercussão social, o procedimento da pesquisa. Possui também, passaportes e contratos de trabalho (<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/>).

Pará: Hospedaria dos Imigrantes da Ilha do Outeiro Caratateua ou Outeiro, como é mais conhecida, é uma ilha que é banhada pela baía do Guajará, situada a 18 km do centro de Belém, ligada diretamente a Icoaraci.

Amazonas: Hospedaria de Imigrantes Pensador - Manaus

Em 1958, devido à grande seca no Nordeste, dezenas de famílias embarcaram para Manaus com o apoio do governo do Amazonas e do Departamento Nacional de Imigração. Os nordestinos vieram para o trabalho na retirada do látex e se instalaram inicialmente na hospedaria. Os moradores batizaram o local de Hospedaria Pensador, em homenagem ao governador Eduardo Ribeiro. A hospedaria era na maior parte do tempo ocupada pelas mulheres e crianças. Os homens deslocavam-se para os seringais.

Santa Catarina: Hospedaria do Saco do Padre Inácio

O edifício da antiga Hospedaria, que hoje abriga o Portal de Florianópolis, data de 29 de junho de 1890. O prédio foi descrito na época como sendo um edifício situado em magnífico local, possuindo um bom ponto e uma excelente vista, com acomodações para 250 pessoas. A Hospedaria foi o primeiro edifício projetado e construído pelo poder público depois da Proclamação da República.

Durante o período de 1904 a 1906, o prédio sediou a Estação Agrônômica e Veterinária, e a partir de 02/09/1907 passou a abrigar a Escola de Aprendizes Marinheiros.

São Paulo: Hospedaria de Imigrantes de Santos

Construída a partir de 1912 com o objetivo de hospedar os imigrantes que chegavam ao porto santista, procedentes do Japão e da Europa, e a caminho das fazendas do interior paulista e paranaense, a Hospedaria de Imigrantes nunca serviu a essa função. A entrada dos imigrantes seria pelo lado do cais, onde haveria um portão de ferro atravessado pela linha férrea, servida por vagões que trariam os passageiros desde o porto até ela.

São Paulo: Hospedaria de Imigrantes de Campinas

A iniciativa de erguer mais dois estabelecimentos para receber imigrantes no Estado de São partiu do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1890. A construção da Hospedaria de Campinas foi colocada em concorrência pública, em 1891, e suas obras interrompidas por falta de recursos. A planta do conjunto é desconhecida, mas o esquema pertencente ao relatório apresentado à Câmara Municipal, em 1894, apresenta grande semelhança com a hospedaria de São Paulo. Hospedarias e alojamentos na capital antes da construção da Hospedaria do Brás.

Entre 1827 e 1886, entraram somente 53.517 estrangeiros em São Paulo, número bastante diminuto se comparado com aqueles que registram a entrada de estrangeiros na cidade do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Como consequência, os serviços de hospedagem foram marcados pela precariedade, seja por conta da ausência de um número significativo de imigrantes, seja pela falta de interesses políticos e econômicos que viabilizassem a montagem de uma estrutura adequada. A partir da segunda metade do século XIX, a crise da escravidão e o desenvolvimento da cafeicultura fizeram com que – em São Paulo – houvesse uma mudança na perspectiva

sobre a imigração. De colonização a substituição de mão de obra, a política migratória foi reorientada. A hospedagem de imigrantes em São Paulo, durante o século XIX, tornou-se um problema cujo debate nem sempre resultou em ações efetivas para sua solução. 16 Segundo Di Francesco (1994), em dezembro de 1827, chegou à capital, oriundo de regiões que hoje compõem a atual Alemanha, particularmente da Baviera, um grupo de 226 pessoas destinadas à colonização de terras. Foram hospedadas no Hospital Militar, localizado na região central da cidade, próximo ao rio Anhangabaú, no local em que atualmente se encontra a Praça do Correio (Praça Pedro Lessa).

A hospedagem desses imigrantes no Hospital Militar não só revelava a inexistência de um lugar mais apropriado para sua recepção, como também era expressão das dificuldades em transpor a serra para se chegar ao planalto. Subir a serra do Mar a pé nunca foi tarefa fácil, ainda mais depois de uma longa viagem por mar, da Europa ao Brasil. Na chegada a São Paulo, muitos imigrantes tinham de receber tratamento médico, fosse por debilidade física provocada pelo cansaço ou mesmo por estarem com doenças comuns na época, como cólera, tifo, varíola, difteria ou malária.

Havia dois locais, dentre outros provavelmente, nos quais os imigrantes eram alojados. Um deles era o Areal. Informações esparsas dão conta de que provavelmente se referia a um rancho às margens do rio Tamanduateí, nas imediações da atual avenida do Estado e da rua São Caetano. Segundo Di Francesco (1999), outro local era a Mançom D'Ouro, talvez uma pensão ou hospedaria particular, das muitas existentes no bairro da Luz, e cujo nome foi inspirado em Maison d'Or, aportuguesado para Mansão d'Ouro. A primeira hospedaria criada pelo Governo Provincial foi instalada em dezembro de 1878, na casa onde funcionou a sede do então Núcleo Colonial de Sant'ana, fundado em 1877 em área que atualmente faz parte do bairro de Santana, na zona norte da capital.

Denominada Hospedaria de Sant'ana, foi desativada em junho de 1880; o prédio foi demolido em 1915. Hoje há instalações do exército no local (rua Alfredo Pujol). A hospedaria, de dimensões pequenas, era constituída de uma casa de dois pavimentos, em construção de taipa, com vários compartimentos e uma pequena cozinha. A Hospedaria de Sant'ana foi a primeira tentativa de sistematizar e racionalizar os serviços de recepção, hospedagem e encaminhamento dos imigrantes que para cá afluíam.

Entretanto, sua efêmera existência demonstrou que as crescentes necessidades de mão de obra para a cafeicultura demandavam uma estrutura melhor equipada. Em 1881, a Lei n. 36, de 21 de fevereiro, autorizava o governo da Província a construir um novo estabelecimento para os imigrantes. Surgia a segunda Hospedaria de Imigrantes na cidade, a Hospedaria do Bom Retiro; sua construção foi concluída em março de 1882. Com capacidade para quinhentos imigrantes, as instalações da Hospedaria do Bom Retiro foram erigidas sob os auspícios do Governo Provincial. Situava-se na antiga rua dos Imigrantes, hoje rua do Areal (continuação da rua José Paulino), na confluência com a rua Tenente Pena e a rua Mamoré; o prédio não existe mais. Provavelmente, ela foi construída próxima do Areal, referido anteriormente como um dos lugares de alojamento dos imigrantes, por volta de 1870. Na Hospedaria do Bom Retiro produziram-se os primeiros livros de registro de imigrantes, importante fonte de referência para o resgate da história de muitos dos que aqui chegaram. Entretanto, tal qual a Hospedaria de Sant'ana, a do Bom Retiro rapidamente tornou-se obsoleta. A necessidade da construção de uma nova Hospedaria tornava-se indispensável.

Em julho de 1886, no governo de Antonio de Queiroz Telles, na época Barão de Parnaíba, iniciaram-se as obras de construção da Hospedaria de Imigrantes do Brás. Em julho de 1887, um surto de varíola e difteria, ocorrido na Hospedaria do Bom Retiro, fez com que as dependências do Brás, mesmo inacabadas, recebessem o primeiro grupo de imigrantes. As obras só foram concluídas em 1888 e a administração da Hospedaria, em seus primeiros dez anos, esteve a cargo da Sociedade Promotora de Imigração.

À frente da Sociedade Promotora estavam os interesses de grandes proprietários de fazendas de café do Interior que, a seu tempo, tinham bastante influência junto ao

governo provincial. A construção da Hospedaria de Imigrantes do Brás solucionava o velho problema da hospedagem dos imigrantes na capital.

Com a abertura da concorrência, em 1886, a comissão incumbida de escolher o terreno para a construção da obra tinha duas opções: um terreno ao lado da estrada de ferro São Paulo Railway ou o terreno do Convento da Luz, no bairro de mesmo nome, que fora desapropriado pelo Governo Provincial. Venceu o argumento de que o bairro da Luz não se prestava a ser um alojamento de imigrantes e sim a ser “aformoseado”, uma vez que para lá acorria a população mais abastada da cidade. No seu entorno já se construíam os palacetes do bairro dos Campos Elíseos.

A escolha do bairro do Brás para a construção da Hospedaria foi estratégica. Ali se dava o cruzamento dos trilhos das duas ferrovias que serviam a cidade de São Paulo: a antiga Central do Brasil, vinda do Rio de Janeiro, e a São Paulo Railway, que vinha de Santos, cidades em cujos portos desembarcavam as levas de imigrantes. Na época, a representação que muitos habitantes da cidade tinham sobre o bairro não era das melhores.

Módulo 3: A Hospedaria de Imigrantes

Em seus 90 anos de história, este edifício passou por inúmeras alterações em sua arquitetura e readaptações em seu uso. Num olhar mais atento, podemos perceber que sua dinâmica esteve compassada com os inúmeros movimentos e momentos da história do país. Movimentos sociais como a Revolta Tenentista de 1924 ou a Revolução Constitucionalista de 1932 estão inscritos em suas várias fases.

A Hospedaria de Imigrantes nunca foi um edifício apartado da história e mesmo após o encerramento de suas atividades, em 1978, este edifício mantém uma de suas funções básicas e originais: servir como alojamento de indivíduos e grupos migrantes e imigrantes. Isto faz da antiga Hospedaria de Imigrantes de São Paulo um exemplo único dentre suas congêneres no continente americano. Ao contrário da Hospedaria de Buenos Aires ou de Nova York, que foram transformadas em espaços musealizados, a Hospedaria do Brás mantém os serviços de recepção e hospedagem, ao passo em que foi transformada em Museu.

As histórias pretérita e presente das migrações, desde o final do século XIX até as contemporâneas, estão unidas e convivem lado a lado neste espaço.

A Hospedaria dos Imigrantes do Brás

A construção da Hospedaria de Imigrantes teve relação direta com o aumento do fluxo de imigrantes para São Paulo no final do século XIX. Em seu projeto original, ela foi concebida para atender as necessidades de alojamento dos imigrantes durante sua estada, bem como sua triagem e encaminhamento ao trabalho na lavoura cafeeira.

Dormitórios, refeitório, hospital, enfermaria, sala de registro, estação férrea e agência de colocação foram alguns dos vários ambientes que compunham um dos maiores conjuntos arquitetônicos da cidade de São Paulo quando de sua inauguração, em 1888.

Alguns desses ambientes foram reconstituídos, agregando memórias de sucessivas gerações de imigrantes que por aqui passaram. Noutros ambientes, fotografias e objetos do cotidiano do trabalho expressam a presença de inúmeros funcionários que aqui trabalharam. A Hospedaria de Imigrantes foi um lugar de cruzamento de muitas histórias.

Adentrar em suas “dependências reconstituídas” é um primeiro passo para a descoberta de muitas dessas histórias. A construção do edifício e a criação do Memorial do Imigrante O edifício da Hospedaria de Imigrantes do Brás começou a ser construído em 1885 para receber o crescente fluxo de imigrantes que chegavam ao Estado de São Paulo com destino às lavouras de café do interior ou para trabalhar nas indústrias da capital. Devido a uma epidemia na Hospedaria do Bom Retiro, suas instalações começaram a funcionar em 1887, antes mesmo da conclusão das obras e da inauguração oficial, que ocorreu um ano depois. A Hospedaria tinha capacidade para acomodar 1200 imigrantes, porém, nos períodos de maior movimento, chegou a abrigar cerca de 6000 pessoas. Durante os 90 anos de seu funcionamento, passaram por suas dependências mais de 1 milhão de migrantes nacionais provenientes de várias regiões do país e, aproximadamente, 1,9 milhão de imigrantes estrangeiros de 75 nacionalidades e etnias.

Em 1993, foi criado o Museu da Imigração, que ocupava parte das instalações da antiga Hospedaria. Sua reestruturação em 1998 deu origem ao Memorial do Imigrante, com o objetivo de preservar, catalogar, pesquisar e divulgar a História da Imigração e a memória dos imigrantes que vieram para o Estado de São Paulo. Porém, a maior parte do edifício atualmente continua a desempenhar atividades próximas às da fundação da Hospedaria no século XIX. Nessa parte funciona a Associação Internacional conhecida como Arsenal da Esperança, uma entidade sem fins lucrativos, de caráter beneficente, que abriga pessoas do sexo masculino, que não têm moradia, migrantes e refugiados políticos.

Dessa forma, a Hospedaria de Imigrantes de São Paulo representa na atualidade, dentre todas as instituições similares, a única que congrega tanto as funções de espaço de preservação da história da imigração quanto de acolhida a migrantes nacionais e estrangeiros. Esta particularidade da Hospedaria demonstra a sua vitalidade em se manter presente e atuante no quadro complexo das migrações contemporâneas.

Espaço de memória e espaço da História, a antiga Hospedaria de Imigrantes de São Paulo mantém, no presente, parte do passado da cidade. Elo entre tempos cada vez mais distantes, sua presença na paisagem propicia uma compreensão mais arguta sobre a história de uma cidade marcada pela diversidade de seus habitantes.

Administração da Hospedaria

Os serviços de recepção, triagem e encaminhamento estiveram ativos durante os 90 anos de funcionamento da Hospedaria dos Imigrantes (1888-1978), bem como a maior parte dos serviços que nela foram implementados. Porém, a Hospedaria passou por sucessivas reorganizações em sua estrutura e nas atribuições de seus departamentos, de modo que sua história administrativa confunde-se com a história da administração do Estado de São Paulo, e com a dos muitos órgãos ligados à Secretaria de Agricultura que, cada qual a seu tempo, foram responsáveis pelos serviços de terras, colonização e imigração. Vale lembrar que, durante este período de quase um século, houve profundas transformações na sociedade e na economia paulista, bem como alterações significativas nos fluxos migratórios, como reflexo da conjuntura nacional e estrangeira.

Assim, os registros fotográficos, relatórios, estatísticas, boletins médicos, listas de chamadas, entre outros documentos produzidos em sua rotina administrativa, hoje são fontes preciosas para a compreensão de suas funções de gerenciamento, acomodação,

alimentação e encaminhamento dos imigrantes que por aqui passaram, bem como da história da imigração ao longo dos séculos XIX e XX.

Estrutura do edifício

A Hospedaria de Imigrantes contava com oito grandes dormitórios, seis no primeiro andar e dois no térreo, que acomodavam cada um deles, em casos normais, cerca de 150 pessoas, com divisões para famílias e solteiros. Junto às paredes, as camas de ferro eram erguidas, deixando espaço livre para a circulação. A parte central era dividida por madeiras, em pequenos quartos reservados às famílias; tais divisões eram desmontáveis e tanto elas como as camas de ferro constituíam importantes inovações para a época.

Posteriormente, os cubículos para as famílias foram removidos e substituídos por camas, e os dormitórios passaram a ser separados por sexo. Nos alojamentos havia compartimentos 22 com lavatórios e privadas para utilização noturna. Toda a roupa de cama era esterilizada por máquinas a vapor na lavanderia à esquerda do edifício central. A Seção de Banhos era constituída de 31 banheiros e estufa para a desinfecção de roupas.

Cada banheiro, com água quente e fria, continha três compartimentos: um para o imigrante despir-se, outro para tomar banho e o último para vestir-se com a roupa deixada no primeiro compartimento e desinfetada na estufa. Após passar por este processo, o imigrante retirava-se por um corredor independente, não entrando em contato com os que ainda não tivessem passado pelo banho e pela desinfecção de roupas.

Recepção dos imigrantes

Recepção, triagem e encaminhamento – era este o tripé que determinava a permanência dos imigrantes estrangeiros e nacionais na Hospedaria e seu posterior encaminhamento para as fazendas no interior do Estado. Os imigrantes que não traziam Carta de Chamada e não vinham com seu contrato de trabalho garantido, tinham pouso na Hospedaria por um tempo ideal de permanência de dois dias, durante os quais eram intercalados os serviços de alimentação, alojamento, controle médico sanitário e direcionamento ao trabalho. A estada dos imigrantes na Hospedaria era condicionada também pela oferta de trabalho, a existência de problemas médico-sanitários ou à disponibilidade de transporte para o interior. Assim, de acordo com os registros da Hospedaria, o tempo médio de permanência era de uma semana.

Logo na entrada da Hospedaria havia uma área dividida em dois compartimentos, destinados ao banho e a desinfecção de roupas por onde passava o imigrante quando chegava. Após esse procedimento, eram vacinados e depois encaminhados para o Salão de Chamadas, onde pelas listas e documentos que os acompanhava fazia-se a verificação de seus nomes, idades, profissões, parentesco e constituição de famílias. Após o registro, recebiam o cartão de rancho para refeições, que lhes dava o direito de permanecer na Hospedaria por seis dias. Nele constavam o nome do vapor, nome e nacionalidade do imigrante, número de rações de alimento a que tinham direito o imigrante e, eventualmente, sua família, segundo as respectivas idades.

Cartas de Chamada

No acervo do Museu da Imigração existe uma série documental denominada como “Cartas de Chamada”. Durante as primeiras décadas do século XX, a troca de correspondência entre os imigrantes radicados no Brasil e seus parentes na Europa era algo comum. Os

relatos positivos sobre a vida no Brasil incentivavam os que ficaram na Europa a emigrarem e, em vários casos, os imigrantes aqui estabelecidos davam garantias de emprego e moradia.

De posse destas cartas, muitos imigrantes tinham seu ingresso facilitado no Brasil, pois os fiscais de imigração entendiam que o imigrante teria amparo da família ou amigos para sua fixação no país. Era comum a carta ser confiscada pelos fiscais da imigração e anexada à lista de bordo do navio que trazia o imigrante. Na medida em que as listas de bordo eram arquivadas, as cartas passaram a compor o acervo da Antiga Hospedaria de Imigrantes.

O sucesso das Cartas de Chamada como expediente de entrada de imigrantes no Brasil, aliado ao fato de boa parte dos imigrantes serem analfabetos, fez com que consulados como o de Portugal e Espanha criassem um tipo de Carta de Chamada que, em realidade, era um formulário padrão no qual o imigrante preenchia apenas alguns dados do interessado em imigrar para o Brasil.

Atendimento médico

Atravessando os oceanos em porões superlotados, sob péssimas condições de higiene, numa época marcada por grandes epidemias de varíola, tuberculose, tifo, cólera, entre outras, o imigrante tinha na sua boa condição de saúde o cartão de entrada para uma nova vida. Ao chegar à Hospedaria, após os primeiros procedimentos de higiene, o imigrante passava pelo serviço médico, que avaliava com acuidade seu estado de saúde.

Este serviço estava localizado no pavimento térreo do Edifício da Enfermaria, onde funcionavam também a farmácia, a cozinha e a rouparia. No pavimento superior estavam situados três dormitórios com vinte leitos que atendiam somente os casos de urgência. Já os doentes com maior gravidade eram removidos para a Santa Casa de Misericórdia ou para o Hospital de Isolamento.

A Hospedaria contava com um médico, um enfermeiro e uma parteira. O médico, além de assistir à chegada dos imigrantes, fazia visitas diárias ao alojamento e atendia de pronto aos chamados de emergência. Era exigido que este profissional tivesse telefone em sua residência, zelasse pelas condições higiênicas do alojamento e que tivesse alguém que o substituísse caso não pudesse comparecer, correndo por sua conta a remuneração do suplente.

Ao enfermeiro cabia a responsabilidade da enfermaria, recorrer à Farmácia do Estado, prestar assistência constante aos doentes, requisitar a presença médica quando necessário e organizar o Boletim do movimento da enfermaria. A parteira, além de exercer suas funções, devia também prestar serviço como enfermeira no compartimento das mulheres. Todos os funcionários da enfermaria residiam na Hospedaria.

Refeição

Logo após os primeiros procedimentos de chegada, os imigrantes eram levados ao refeitório, onde era servida a primeira refeição. Em seguida o regulamento interno da Hospedaria, impresso em seis línguas diferentes e afixado em todas as suas dependências, era comunicado e explicado.

A Hospedaria contava com refeitórios que comportavam 80 mesas, cada uma com 10 lugares, onde eram servidos: às 7 horas o café da manhã, composto de café e pão; às 11 horas o almoço, às 16 horas o jantar e às 19 horas o café da tarde. O cardápio das refeições geralmente era composto de pão, carne, feijão, arroz, batata ou verdura e café.

As crianças fracas ou menores de três anos recebiam leite. Os imigrantes quando embarcavam no trem para as fazendas de destino no interior levavam um farnel, composto de pão e salame.

A Hospedaria possuía um restaurante pago, funcionando com aparelhos especiais a gás, onde os imigrantes que preferissem podiam ser servidos à vontade, por um preço módico, de acordo com tabela aprovada pelo governo.

Bagagens

À esquerda, no edifício central, ficavam os armazéns de bagagem, onde eram recolhidas as bagagens dos imigrantes, enviadas pela Alfândega de Santos, para serem examinadas por um funcionário da Alfândega Federal.

Da bagagem faziam parte, além das malas, os mais diversos objetos como baús, sacos, caixas, fardos, trouxas, volumes amarrados, móveis, tais como camas, cadeiras e mesas, roupas, joias, utensílios domésticos e instrumentos de trabalho. Havia artefatos especialmente considerados como “bagagens do colono que viesse se estabelecer no país”, a saber, barras, catres, louça comum e usada, instrumentos para trabalho na lavoura, além da tolerância de uma espingarda de caça para cada adulto. Além da inspeção feita pela Alfândega, as bagagens passavam por um processo de desinfecção, que geralmente ocorria com morosidade, dada à insuficiência de instalações existentes para esse fim. Assim, era comum o atraso no envio das bagagens da Hospedaria às respectivas fazendas para onde se encaminhavam os imigrantes.

Muitas vezes, por apresentarem etiqueta com dados incorretos, ou por outro motivo qualquer, as bagagens eram extraviadas ou permaneciam nos armazéns da Hospedaria, sem serem procuradas por seus donos. Nesses casos, os volumes eram leiloados.

Agência Oficial de Colonização e Trabalho

Em 1906, foi anexada uma construção à direita do prédio principal, que passou a servir à Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Era uma das poucas edificações da Hospedaria que possuía uma ligação direta com a rua Visconde de Parnaíba, sendo de fácil acesso tanto aos imigrantes alojados quanto aos fazendeiros que traziam seus pedidos de mão de obra. Considerada uma inovação para a época, a Agência possuía exclusividade na intermediação entre os fazendeiros e os imigrantes e seu posterior encaminhamento aos locais de trabalho, de acordo com suas profissões. Era dividida em duas seções – a primeira, dedicada à colocação dos trabalhadores e à celebração dos contratos e, a segunda, onde eram feitos os contratos de distribuição, compra e venda de lotes em Núcleos Coloniais. Em ambos os casos, os contratos eram definidos na presença de um funcionário da Agência e lá eram registrados. O imigrante recebia uma caderneta autenticada, na qual eram definidos os termos do contrato de trabalho ou de concessão de terras. Em 1911, teve seu nome alterado para Agência Oficial de Colocação.

Quando o imigrante chegava à Agência Oficial de Colonização e Trabalho, procedia-se à chamada dos mesmos e pelas listas e documentos que os acompanhava fazia-se a verificação de seus nomes, idades, profissões, parentesco e constituição de famílias, e se estavam ou não em condições de serem aceitos por conta dos decretos, contratos e autorizações que regiam a sua introdução.

Na parede ficavam afixados grandes quadros-negros, nos quais eram escritas as ofertas dos fazendeiros e os lugares onde se podia encontrar colocação, com a indicação das respectivas distâncias. Um mapa do Estado de São Paulo ajudava os imigrantes a se localizarem melhor.

Hospedaria de Imigrantes 1947-1968

O período que abrange os anos de 1947 a 1968 compreende o término da II Guerra Mundial. Nesse contexto, a demanda interna por mão de obra para as atividades agrícolas continuava intensa e, conseqüentemente, o fluxo de trabalhadores nacionais mantinha-se alto.

Nesse período também cresceu o peso das atividades fabris em São Paulo, exigindo a vinda de mão de obra mais qualificada para o trabalho nas indústrias paulistas. Esta necessidade seria suprida por trabalhadores vindos da Europa, dada a difícil situação daquele continente, após a II Guerra. Esse novo fluxo de imigrantes seria composto, sobretudo, pelos Deslocados de Guerra, que estavam alojados em campos de refugiados e que, após convênio celebrado entre o governo brasileiro e a Organização Internacional de Refugiados, foram encaminhados ao país.

Pode-se considerar que, a partir de meados da década de 1940, o governo brasileiro empenhou-se de forma mais efetiva, por meio de novos convênios que foram firmados, em uma política imigratória que promovesse a entrada de trabalhadores estrangeiros, cujo perfil estava mais adequado às atividades industriais.

Na Hospedaria de Imigrantes, os serviços de recepção, triagem e encaminhamento foram direcionados para a inserção desses trabalhadores nas indústrias da capital e regiões próximas a ela. A entrada de imigrantes oriundos de diversas partes da Europa ganha um novo impulso, embora em menor magnitude, pois, ao contrário de seus antepassados, este contingente foi introduzido num outro contexto mundial das relações econômicas, distinto, evidentemente dos marcos do final do século XIX.

Hospedaria de Imigrantes 1968-1978

A partir de 1968 os serviços de recepção, triagem e encaminhamento de imigrantes e migrantes foram transferidos da Secretaria da Agricultura para a Secretaria da Promoção Social que, por intermédio do Departamento de Amparo e Assistência Social, coordenou a política de recepção desses trabalhadores até fins da década de 1980. Essa transferência de Secretarias expressa uma questão importante que está relacionada com o grande afluxo de migrantes nordestinos para São Paulo, a partir da década de 1960, que fez com que a migração deixasse de ser vista pelo governo como uma questão de mão de obra e passasse a ser pensada como um problema de assistência social, que estava relacionado com o crescimento desordenado da cidade e com problemas como a favelização e a falta de trabalho e moradia.

A passagem de imigrantes pela Hospedaria neste período reduziu-se significativamente, pois, aqueles que chegavam ao país por intermédio do acordo celebrado entre o governo brasileiro e o Comitê Internacional para as Migrações Europeias (CIME), eram recebidos no Porto de Santos e, a partir da década de 1970, também no aeroporto de Congonhas, e encaminhados diretamente para as Companhias empregadoras. Ficavam alojados nas dependências da Hospedaria de Imigrantes somente os que ainda não tinham residência definitiva.

Módulo 4: A Hospedaria e o homem

A migração é quase sempre uma experiência radical. Aquele que se desloca no espaço vive os mais variados sentidos da perda de suas raízes e da reelaboração delas no novo contexto de inserção. O deslocamento é, portanto, mais do que espacial, ele é temporal, cultural, familiar, subjetivo e mesmo político.

O deslocamento causa estranhamentos múltiplos, sugere perdas e ganhos, implica em negociações com o outro, com o novo lugar, constrói novas identidades, alarga nossa dimensão de vida, de mundo, do que é ser humano.

Milhões de homens, mulheres e crianças deslocaram-se para novas e estranhas terras. Deparam-se com desafios, tiveram que superar muitas adversidades. Muitas dessas sensações, dessas impressões e desses desafios impregnaram suas memórias, algumas se perderam e outras puderam ser registradas pela História Oral, outras ainda ganharam concretude nas cartas enviadas. Sejam quais forem as formas da memória, todas expressam os aspectos transformadores da experiência do deslocamento.

Necessidade de mão de obra e política imigratória

O Estado de São Paulo recebeu, entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, o maior contingente de imigrantes desembarcados no Brasil. Mesmo após experiências um tanto frustradas de implementação de mão de obra estrangeira na agricultura, feitas anteriormente à abolição, o imigrante foi considerado a solução mais rápida e eficaz para o problema da escassez de mão de obra.

Muitos trabalhadores, principalmente da agricultura, eram motivados por uma intensa propaganda feita em seus países de origem, que lhes prometia terras e novas oportunidades na América, e pela política de incentivo colocada em prática pelo governo federal brasileiro. De acordo com tal política, aqueles que decidiam migrar para o Brasil tinham seu transporte de navio subsidiado, quando necessário, pelo Estado ou por particulares.

Em 1906, por exemplo, a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo divulgou um folheto em português, italiano, espanhol e alemão, esclarecendo aos imigrantes as condições para a restituição da quantia gasta com suas passagens. De acordo com o panfleto, tinham direito aqueles que tivessem chegado ao Porto de Santos como passageiros de terceira classe; que fossem agricultores, com menos de 45 anos e constituídos em família; e que se destinassem à lavoura no Estado de São Paulo, quer como trabalhadores nas fazendas de café, quer se estabelecendo por conta própria em terras arrendadas ou adquiridas de particulares ou do governo.

O Serviço de Chamada de Imigrantes começou a vigorar em 1906 e marcou o encerramento do regime de subvenção às companhias de navegação e aos armadores, em vigor desde 1900. O serviço funcionava por meio da emissão dos chamados Bilhetes de

Chamada, que deveriam ser trocados por passagens nas companhias de navegação, por emigrantes que partissem exclusivamente de portos europeus. Esses Bilhetes eram emitidos mediante pedido feito à Agência Oficial de Colonização e Trabalho por proprietários agrícolas estabelecidos no Estado de São Paulo ou por colonos residentes em núcleos coloniais situados no Estado que tivessem pagado, pelo menos, a primeira prestação de seus lotes de terra. A Agência incumbia-se de encaminhar os pedidos à Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que então entrava em contato com as companhias de navegação conveniadas, solicitando a expedição do Bilhete de Chamada por conta do Estado.

Era comum que os imigrantes aqui estabelecidos apresentassem pedidos para requisitar a vinda da família, parentes ou amigos, a fim de que estes se dirigissem para a mesma fazenda onde se encontravam colocados. Nesse caso, comprometiam-se a pagar as despesas da viagem.

Em 10 de abril de 1907, com a aprovação do Decreto n. 1458, que regulamentava a imigração e a colonização no Estado de São Paulo, foi estabelecido, entre outras medidas, que os imigrantes que viessem por conta do Estado fossem constituídos, obrigatoriamente, em famílias com pelo menos três pessoas entre 12 e 45 anos de idade e que estivessem aptas ao trabalho.

Vale lembrar que a política de introdução de imigrantes implementada pelo governo passou, ao longo de sua existência, por uma série de regulamentações e normatizações, 30 motivadas pelas transformações sociais e econômicas ocorridas ao longo do século XX, que provocaram constantes alterações em seu teor.

O embarque na Europa

Era obrigatório o comparecimento dos emigrantes ao setor de emigração da companhia de navegação na véspera da partida, podendo ser recusados, na hora do embarque, caso não seguissem as instruções existentes no verso da passagem. Além disso, no momento do embarque, o comandante do navio, de acordo com o parecer do médico de bordo, podia impedir a viagem daqueles que estivessem enfermos. Em caso de doença durante a travessia, o emigrante podia ser desembarcado em algum porto de escala, com o direito de completar a viagem em um navio da mesma companhia, depois de recuperado seu estado de saúde.

Após a promulgação do Decreto Estadual n. 1458, de 1907, foi imposta uma série de requisitos às companhias de navegação quanto ao transporte de emigrantes para o Estado de São Paulo. Dentre elas estavam a proibição do embarque de portadores de doenças infectocontagiosas, vício orgânico ou insuficiência física ou mental, que os inabilitassem para o trabalho. As companhias também não podiam transportar mendigos, vadios e criminosos. Os maiores de 60 anos só poderiam viajar acompanhados pela família, ou para vir se reunir a ela.

A experiência do deslocamento

Faz parte da ambição humana melhorar sua condição, ainda que para isso tenha que atravessar mares, transpor paisagens, percorrer longas distâncias e penetrar novas culturas. O imigrante deixa para trás bens, lembranças, entes queridos e o legado de toda uma vida. Atravessa fronteiras rumo ao desconhecido, experimenta a tensão e a tristeza que marcam a despedida. Antagonizar saudade e esperança, vivenciar o medo trazido pelo desconhecimento do mundo que o espera e ao chegar ao seu destino ser acometido por um novo sentimento em que tudo é estranhamento: a paisagem, o cheiro, a comida, as pessoas, a língua – migrar é como nascer de novo.

Centenas de pessoas acenam em despedida. Dos navios passageiros abanam seus lenços dando adeus àqueles que deixam para trás, entre eles o sentimento é de tristeza e saudade, afinal, uma velha vida se encerra para dar início a um novo ciclo. A viagem é a primeira grande experiência vivida pelos imigrantes e na medida em que o navio se distancia do porto os sentimentos se transformam e aquilo que era saudade se converte em esperança. O enjôo causado pelo balanço das águas vai aos poucos deixando os corpos e a música, os jogos e as brincadeiras entre as crianças passam a fazer parte do cotidiano da travessia.

Os movimentos migratórios fazem parte da cultura humana e estão presentes desde os primeiros tempos de sua História. Porém, ao longo do tempo, muitos foram os fatores que motivaram a movimentação de centenas de milhares de pessoas de um lugar a outro: guerras, fome, conflitos religiosos, ou simplesmente a busca de melhores condições de vida para si e sua família.

A Inspetoria de imigração e o procedimento nos navios

Quem assumia a responsabilidade pelos navios, no momento em que ancoravam no Porto de Santos, era a Inspetoria de Imigração, que realizava a fiscalização, o controle e a contagem dos imigrantes antes de seu desembarque. Também fazia parte de suas funções o transporte de trem dos recém-chegados que declaravam ao encarregado sua intenção de seguir até a Hospedaria de Imigrantes. Posteriormente, a Inspetoria também se encarregava do transporte de trem para as fazendas do interior de São Paulo.

Quando o navio ancorava no Porto de Santos, trazendo um grupo de imigrantes, após uma longa e cansativa viagem que durava, em média, 30 dias, eram feitos os procedimentos de inspeção nos navios e enviada uma mensagem de telégrafo à Hospedaria, dando informações sobre a chegada e a quantidade de passageiros que seriam encaminhados. Os recém-chegados subiam a Serra do Mar nos trens da São Paulo Railway e desembarcavam junto com suas bagagens na estação ferroviária anexa à Hospedaria, construída especialmente para esse fim.

A migração interna

Os anos de 1930 a 1945 correspondem ao período de vigência do primeiro governo do presidente Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo, e ao contexto da II Guerra Mundial. Tanto o panorama político interno quanto a conjuntura internacional promoveram intensas mudanças na política imigrantista brasileira, a ponto de o governo federal impor severas restrições à entrada de estrangeiros no país e incentivar a migração de brasileiros de outros Estados para São Paulo, o que deu origem a uma política de nacionalização da força de trabalho. Tal política estava comprometida com a necessidade de remodelar as relações de trabalho, tendo em vista um projeto integrador para a nação. Esse movimento estava apoiado num certo xenofobismo que revia a ideia do estrangeiro como trabalhador ideal e que se expressava, por exemplo, na preocupação com a existência de colônias de imigrantes no Brasil, especialmente de alemães, italianos e japoneses, que se intensifica a partir da II Guerra.

As secas periódicas no sertão nordestino e a existência de regiões em processo de estagnação econômica – como foi o caso de áreas produtoras de cana-de-açúcar em Pernambuco ou de algodão em vários Estados nordestinos – impulsionaram, a partir das últimas décadas do século XIX, milhares de pessoas a buscarem nas regiões mais ao sul do país a possibilidade de um recomeço. Nesse contexto, a migração de brasileiros de outros Estados para São Paulo foi contemporânea à entrada de imigrantes europeus, pois encontramos, já em 1888, a primeira menção sobre a passagem pela Hospedaria de

trabalhadores nacionais vindos do Ceará. Esse contingente, apesar de inferior ao de imigrantes estrangeiros – entre o final do século XIX e a década de 1920 – cresceu ao longo dos anos e superou já no início da década de 1930 a entrada de estrangeiros: dos 633.986 entrados na cidade ao longo desse período, quase 69% do total era composto por trabalhadores nacionais. De acordo com dados da Secretaria de Agricultura, entre os anos de 1910 e 1933, o Estado recebeu um fluxo de mais de 323.400 migrantes, que tinham como principal destino o trabalho na agricultura. Somente em meados da década de 1930 e, principalmente, a partir de 1950, com o desenvolvimento industrial de regiões como o ABC paulista, é que esse contingente passou a se fixar no meio urbano de forma mais intensa.

A inserção desses trabalhadores em São Paulo não foi mais fácil do que a dos imigrantes. Embora falassem a mesma língua e compartilhassem aspectos da cultura de sua nova terra – como o caso da religião – foram recebidos como estrangeiros, numa realidade que procurava negar seus laços com o próprio país.

Os Migrantes internos

Faz parte da história da migração nordestina para a região Sul do país as referências aos vapores Ita. Dos portos de Cabedelo (PB), Recife (PE), Salvador (BA), Natal (RN) e Maceió (AL), entre outros, milhares de nordestinos embarcavam rumo aos portos do Rio de Janeiro e de Santos. Assim, os vapores Ita ficaram conhecidos no sul do país, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, como o meio de transporte pelo qual chegaram muitas levadas de migrantes, vindos das regiões Norte e Nordeste do país.

Os vapores Ita pertenciam à Companhia Nacional de Navegação Costeira. Essa Companhia já operava no final do século XIX e os nomes de seus vapores sempre tiveram o prefixo Ita. No período entre 1907 e 1960, 54 vapores Ita provenientes do Norte, Nordeste e Sul do país aportaram em Santos, trazendo passageiros e cargas.

O primeiro Ita vindo do Nordeste para São Paulo foi o Itaipoca, que chegou a Santos em 1913, vindo de Aracaju (SE). Nos livros de registro de imigrantes da Hospedaria deste ano são encontradas referências a outros vapores Ita, vindos de portos do Nordeste, como o Itapura e Itapuhy, ambos provenientes de Maceió, e o Itahyguana, proveniente de Salvador.

Em meados da década de 1920, com o aumento do fluxo migratório de trabalhadores nacionais e, particularmente, a partir dos anos 1927/28, a rota Norte/Nordeste passou a ser mais importante entre as demais operadas pela Companhia.

Durante os anos 1930 e 1940, a entrada dos Ita em Santos foi referência na vinda de trabalhadores no Nordeste e Norte do país. Porém, os Itas não monopolizaram o transporte de passageiros, pois outros vapores, do Lloyd Brasileiro e de companhias estrangeiras, também faziam a mesma rota.

A partir dos anos 1950, a entrada dos Ita no porto de Santos diminuiu significativamente. Na análise das listas dos vapores entrados nesse porto, o ano de 1952 foi o momento do 1956 e 1961, há registros de apenas cinco vapores: Itahité, Itaimbé, Itajaí, Itatinga e Itanagé. Entre 1962 e 1964, encontra-se apenas o registro do Itajaí e, a partir de 1964, não há mais registros de vapores Ita aportados em Santos.

A maioria de trabalhadores provenientes das regiões Norte e Nordeste do país, entretanto, chegavam a São Paulo por via terrestre, principalmente pela Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1940, por exemplo, de um total de 45.886 trabalhadores entrados na Hospedaria, 38.090 (83%) vieram por terra, enquanto somente 7.896 (17%) vieram por via marítima.

Com o objetivo de atender ao crescente fluxo de trabalhadores nacionais, a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, através do Departamento Estadual do Trabalho montou, a partir de 1939, em duas cidades mineiras – Pirapora e Montes Claros – postos avançados, nos quais os migrantes eram recrutados. Em Pirapora, onde havia um porto fluvial do rio São Francisco, eram recebidos nordestinos procedentes de vários Estados que chegavam àquela cidade de barco, o chamado “vaporzinho”, via Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), em uma viagem que poderia durar até 20 dias, dependendo das condições de navegação do rio. Já a cidade de Montes Claros era o ponto de confluência de migrantes procedentes do sul da Bahia e norte de Minas Gerais, que chegavam à cidade por meio das várias estradas de rodagem que convergiam para o lugar. Os migrantes procedentes de ambas as cidades eram transportados de trem até São Paulo pela Central do Brasil. Na Hospedaria de Imigrantes, após serem registrados e passarem pelos procedimentos médicos, seguiam para o interior do Estado.

Módulo 5: O encaminhamento para o campo

As representações sobre a imigração estão bastante associadas ao ambiente rural. Não apenas em São Paulo, mas no Brasil de maneira geral, a inserção de imigrantes teve como objetivos a colonização de terras ou a substituição da mão de obra escrava. A presença dos imigrantes e migrantes no campo revela um conjunto de transformações muito variado e que podemos compreender ao menos em três planos.

No primeiro deles, as transformações ocorridas no meio ambiente, com a expansão da cafeicultura. Num segundo plano, decorrente do primeiro, a construção de uma nova paisagem com a criação de novas cidades, vilarejos, fazendas, núcleos coloniais, escolas, implantação de linhas férreas, dentre outros. Num terceiro plano, os testemunhos legados pelos imigrantes através de fotografias e objetos; estes nos dão uma dimensão de sua vida cotidiana, suas alegrias, sonhos e desafios, e demonstram as formas de manutenção ou adaptação de suas tradições no novo contexto de fixação.

Estes três planos em conjunto nos remetem à força da imigração e da migração enquanto elemento de transformação radical da sociedade paulista. Em algumas décadas, a paisagem social, política e econômica tanto do interior quanto da capital foram radicalmente transformados.

Trabalhadores Nacionais.

Durante a primeira metade do século XX, o fenômeno das migrações internas ganha intensidade. Entre 1935 e 1959, segundo dados da Secretaria de Agricultura, mais de dois milhões de nordestinos migram para São Paulo. Mesmo sem a aura de positividade que cercou o migrante europeu, os nacionais eram tidos como agentes que contribuíam para manter a velocidade da locomotiva paulista.

A partir das cidades mineiras de Pirapora e Montes Claros, esses trabalhadores tinham suas passagens pagas até a cidade de São Paulo pelo governo paulista. A permanência na Hospedaria de Imigrantes da capital não acarretava para esses migrantes nenhum ônus, bem como seu transporte para as fazendas do interior do Estado. As formas de recepção, 36 triagem e encaminhamento dos migrantes nas dependências da Hospedaria de Imigrantes eram as mesmas utilizadas para os trabalhadores estrangeiros.

A entrada de trabalhadores oriundos do Nordeste e de outros Estados brasileiros em São Paulo respondia às necessidades de mão de obra nas fazendas de café e algodão do interior do Estado num contexto de redução da imigração europeia. Cafeicultura e transformações sociais, políticas, culturais e ambientais. A imigração para o Estado de São Paulo foi consequência direta do processo, iniciado em meados do século XIX, de substituição dos escravos por mão de obra livre nas grandes plantações de café. Este

processo foi acelerado por volta de 1850, devido ao aumento das restrições ao comércio de escravos. A eliminação do trabalho escravo e o crescimento da importância do café para a economia brasileira criaram as condições adequadas para iniciativas, tanto públicas quanto privadas, de introdução do trabalho imigrante.

O desenvolvimento da cafeicultura e as necessidades dela decorrentes transformaram o panorama geográfico, paisagístico, cultural e demográfico do Estado de São Paulo. As ferrovias passaram a integrar as regiões que antes eram isoladas; grandes áreas do Estado foram devastadas para dar espaço às plantações de café; vários grupos tradicionais, como tribos indígenas e comunidades negras, foram expulsos de seus habitats; comunidades de imigrantes ocuparam a paisagem e impuseram seus hábitos e costumes.

Em pouco mais de 70 anos, o Estado de São Paulo – sua capital e interior – passou por transformações que alteraram radicalmente sua paisagem social, econômica, cultural e política.

Colônias e Núcleos Coloniais

A política imigratória a cargo da Secretaria da Agricultura incluía também a fundação de Núcleos Coloniais. Entre os anos 1890 e 1940, a Secretaria esteve empenhada na criação de Núcleos em diversas áreas do Estado. Esta colonização apresentava-se como um instrumento importante na viabilização dos interesses do capital cafeicultor, uma vez que a pequena propriedade instalada nos núcleos de colonização – localizados em sua maior parte em regiões próximas de grandes áreas produtoras de café – serviria como reserva de mão de obra para o trabalho nas fazendas de café.

Além dos Núcleos Coloniais, houve várias iniciativas de empresas privadas que também tiveram origem na criação de Colônias. Estas empresas lotearam áreas em várias regiões do Estado e vendiam pequenos lotes aos imigrantes. Destas iniciativas surgiram Colônias como Varpa, Holambra, Registro, e muitas outras. Diferentemente dos Núcleos Coloniais, as Colônias – oriundas da iniciativa privada – não tiveram como objetivo criar um reservatório de mão de obra para a cafeicultura; a grande oferta de terras a preços baixos fazia com que muitos grupos investissem na especulação fundiária.

Em ambos os casos, tanto os Núcleos Coloniais como as Colônias eram uma alternativa para que tanto imigrantes quanto migrantes pudessem adquirir uma propriedade e reproduzir um modo de vida camponês que não fosse completamente atrelado aos interesses dos cafeicultores. Havia ainda outra forma de Colônia – os aglomerados de pequenas casas dentro das fazendas. Estas faziam parte do complexo de produção do café e seus residentes eram trabalhadores cujas atividades eram direcionadas para as necessidades da cafeicultura.

Em alguns casos, havia espaços para que os trabalhadores pudessem também plantar gêneros alimentícios para o consumo familiar.

Imigração pós II Guerra Mundial.

Nas décadas seguintes ao fim da II Guerra Mundial houve a retomada da política imigratória para São Paulo. Neste período, cresce a importância das atividades fabris em São Paulo, exigindo a vinda de mão de obra para a indústria paulista. Estas novas necessidades do mercado de trabalho serão supridas por trabalhadores vindos da Europa, dada a difícil situação econômica de muitos países daquele continente, após o conflito mundial.

A Hospedaria de Campo Limpo – situada na cidade de mesmo nome – próxima à capital, foi constituída em 1947 para alojar especificamente aqueles imigrantes. Eram, no geral, pessoas provenientes do meio urbano, consideradas como mão de obra qualificada; entre

eles havia muitos engenheiros, arquitetos, torneiros, mecânicos, ajustadores, químicos, etc.

A imigração de camponeses provenientes da Europa decresce nesta fase; mesmo assim, neste período são fundadas Colônias como a de Pedrinhas – próxima à cidade de Assis – e Holambra, próxima a Campinas.

Módulo 6: São Paulo das trocas (São Paulo, cidade cosmopolita)

São Paulo, cidade cosmopolita
José Guilherme Cantor Magnani

Enquanto não chega tal momento, convém olhar mais de perto para uma importante consequência desses deslocamentos: o surgimento das cidades. Trata-se de um fenômeno relativamente recente se levarmos em conta a escala de tempo usada para datar o aparecimento da espécie humana, de suas migrações e das formas primeiras de assentamento – abrigos, acampamentos e aldeias: as primeiras cidades surgiram há 5.500 anos, na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates – onde hoje é o Iraque – nos vales do rio Indo e do rio Nilo, no Egito.

Mas as principais formas de fixação no território continuaram sendo pequenos povoados – aldeias, vilas – pois até fins do século XVIII apenas 7% da população mundial vivia em cidades. É a partir da Revolução Industrial que este quadro começa se alterar, em razão das transformações ocasionadas pelo sistema capitalista nos planos econômico, político, social e demográfico. Só na virada do segundo milênio é que a população urbana ultrapassou a rural.

É bem verdade que já na Antiguidade Clássica, tanto na região do Mediterrâneo como na Ásia e no Oriente existiram importantes centros urbanos – Alexandria, Roma, Rajagriha (capital do reino de Magadha, na Índia), Bizâncio etc. São consideradas verdadeiras metrópoles, cosmopolitas, porque para além de suas fronteiras constituíam entroncamentos de rotas por onde circulavam pessoas, idéias, inovações e produtos das mais variadas procedências. O mesmo se pode dizer de algumas cidades do final da Idade Média europeia, da Renascença e da civilização islâmica. E por que não, de alguns núcleos urbanos sul e meso-americanos, nesse mesmo período.

Essa condição não está propriamente associada ao tamanho da cidade, ou à sua importância em termos econômicos e militares, mas a uma espécie de ethos particular: o caráter propriamente cosmopolita de uma cidade é atributo resultante de um conjunto 40 mais complexo de fatores – demográficos, políticos, culturais – do que um efeito direto da suas dimensões ou do papel que ocupa na economia mundial. Nas palavras do antropólogo Ulf Hannerz: "...um cosmopolitismo genuíno é antes de mais nada uma orientação, uma disposição para entrar em contato com o Outro. Implica uma abertura intelectual e estética em direção a experiências culturais divergentes, uma busca por contrastes, mais do que por uniformidades" (1996, p.103).

É só na segunda metade do século XIX, porém, que as consequências de um processo de urbanização em outro ritmo, escala e intensidade fizeram-se sentir, principalmente nas grandes metrópoles que por primeiro sofreram o impacto da industrialização. Seu perímetro, até então circunscrito por um traçado ainda de contornos medievais, não

comportava a avalanche do chamado “exército industrial de reserva”, massa de trabalhadores sujeita a degradantes condições de moradia, saúde e trabalho. Em Londres e também em Paris, Berlim, além de outras cidades europeias, ocorreram revoltas e movimentos revolucionários que tiveram como consequência, entre outras, iniciativas de reformas sociais e urbanísticas.

São Paulo também sentiu os efeitos deste processo. Mas até 1870 era uma cidadezinha, com não mais do que 24.000 habitantes. Sua entrada no contexto mundial deu-se, como é sabido, primeiro com a expansão da lavoura cafeeira para exportação e, em seguida, com a industrialização. Em ambos os casos, a presença de amplos contingentes populacionais de fora, tanto do exterior como de outras regiões do país, foi determinante, pois com esses aportes a cidade cresceu de forma rápida, exponencial. Entretanto, não foi apenas uma expansão demográfica, econômica ou territorial: ela assumiu ares de metrópole, de feição cosmopolita.

E como se constitui uma metrópole assim? Certamente não apenas em virtude da procedência de seus habitantes, vindos de todas as partes do mundo. Uma cidade cosmopolita, além de acolher essa população que vai constituir a principal fonte de mão-de-obra para seu sistema produtivo, caracteriza-se também pela abertura às suas diferentes tradições e costumes e pela capacidade de incorporar e amalgamar as contribuições específicas de cada contingente. Trata-se de um processo que terá reflexos na vida familiar e doméstica de seus habitantes, nas instituições políticas, na religiosidade, nas estratégias de lidar com a saúde, em formas de sociabilidade e entretenimento, na oferta de novos ofícios e técnicas construtivas, nas expressões artísticas etc.

No caso de São Paulo, essa situação pode ser desdobrada em seus vários componentes, aspectos e momentos constitutivos. Assim, em sua formação entram nações indígenas, povos oriundos de diferentes regiões da África, contingentes de origem européia (no início predominantemente ibéricos e mais tarde de muitos outros países) que aqui aportaram – cada qual com seu ancestral repertório de práticas culturais – em diferentes momentos históricos e conjunturas políticas: chegam (ou são trazidos), deslocam-se, procuram estabelecer-se no novo destino, transformando-o e transformando-se.

É um processo cheio de contradições, marcado por profundas e desiguais relações de poder, pontuado por conflitos. Se dos primeiros contatos e trocas restaram poucos testemunhos – a toponímia tupi, certos vocábulos e recursos linguísticos da “língua geral” (ou *nheengatu*), hábitos alimentares e devocionais da cultura caipira e negra – num plano mais profundo certamente esse legado não se perdeu. No caso da contribuição dos escravos negros, algumas marcas são mais visíveis e presentes na própria população descendente, na religião, na música. Mas índios e negros não foram os únicos espoliados nesse processo: é preciso lembrar também as duras condições de vida e trabalho no campo e nas fábricas impostas aos imigrantes e, nos canteiros de obras, aos migrantes nacionais. Para eles, a manutenção de seus costumes, língua, saberes e o convívio preferencial com os conterrâneos era condição de sobrevivência em um meio estranho. Mesmo nessas circunstâncias, não ocorreu o isolamento; o padrão de ocupação não foi o do gueto étnico: se atualmente o Brás é caracterizado pela presença de nordestinos, já foi um bairro predominantemente italiano e também abriga libaneses; os judeus, que se transferiram para Higienópolis, deixaram o Bom Retiro, hoje ocupado principalmente por coreanos e bolivianos; já no Bexiga ainda hoje convivem negros (com a conhecida escola de samba *Vai-vai*) e descendentes de italianos, com sua tradicional festa de Nossa

Senhora de Achiropita. Nesta mesma linha de observação não deixa também de ser significativa a proximidade, em torno da estação Paraíso do metrô, de três templos: uma igreja católica, Santa Generosa; a Catedral Ortodoxa Síria e a Igreja de Nossa Senhora do Paraíso – greco-melquita. Já no bairro da Liberdade, ao lado de templos budistas e xintoístas, convivem a primeira Igreja Metodista, a Igreja Maronita e uma ortodoxa russa, além da Igreja da Santa Cruz dos Enforcados, católica, e de uma das mais antigas casas de artigos religiosos dos cultos afro-brasileiros da cidade....

Não se trata de encontros – nos espaços públicos, no centro da cidade, no ambiente de trabalho, nas festas e celebrações – apenas para apreciar as mútuas diferenças, mas para interagir. O resultado é uma variedade de modos de vida que exibem (e combinam) essas particularidades e traços distintivos: de uns, a culinária e, de outros, a habilidade em determinado ofício; destes o sotaque, daqueles, algumas crenças; de todos e de cada um, a especialidade em algum campo especial, seja na arte – música, literatura, artes plásticas –, no esporte etc. É desta maneira que se constitui e se consolida o ethos cosmopolita da cidade.

Desta forma, diferentemente de uma visão muito em voga sobre São Paulo – marcada pela violência, problemas sociais, trânsito caótico etc. – pode-se também apreciá-la a partir de outro ângulo: trata-se de uma “cidade global”, inserida num circuito mais amplo, mundial, por onde circulam pessoas, mercadorias, recursos, onde se oferecem serviços de ponta e testam-se inovações, ocorrem eventos internacionais e que, por isso mesmo, oferece a seus moradores e visitantes uma das faces de seu cosmopolitismo: é uma cidade de oportunidades e trocas. Trocas, no mais amplo sentido: de objetos, mercadorias e serviços, sim, mas também e principalmente de símbolos, valores, experiências, histórias.

Quanto maior a diversidade dos parceiros envolvidos e dispostos a trocar, oferecendo o que têm de melhor e mais diferente, mais rico e surpreendente será o resultado. E esta cidade, apesar de todos os problemas, continua surpreendendo, graças ao legado daqueles que, vindo de longe e de muitas partes, em diferentes momentos de sua história, contribuíram para sua construção, e também dos que continuam chegando, garantia da permanência e ampliação deste processo.

Temas de apoio deste módulo:

Desenvolvimento urbano da Cidade de São Paulo

A partir dos anos 1870, a cidade de São Paulo passou por um processo de desenvolvimento que acelerou o tempo de sua história. Um dos marcos para as mudanças que incidiram sobre o contexto econômico, urbano e populacional da cidade nas décadas seguintes foi a construção da São Paulo Railway (1867) e da Estrada de Ferro Central do Brasil (1875). Ambas auxiliaram na transformação do pequeno e letárgico burgo numa cidade cuja modernidade se fazia cada vez mais presente. São Paulo tornou-se a principal ligação entre as regiões interioranas produtoras de café e o Porto de Santos.

Rapidamente, casas de importação e exportação, bancos, comércio e toda a sorte de serviços começaram a se instalar na capital. Nas décadas finais do século XIX, São Paulo foi o palco de instalação dos serviços de iluminação pública a gás, da energia elétrica e dos bondes. A Estrada de Ferro Central do Brasil, com suas estações, viabilizou o surgimento de vários núcleos urbanos, como, por exemplo, os bairros da Mooca e do Brás.

Novos hábitos em São Paulo

A presença de imigrantes de várias nacionalidades acarretou a mudança de hábitos e tradições na cidade. No campo cultural, os húngaros formaram orquestras de música, os italianos eram grandes apreciadores de ópera e muitos artistas plásticos introduziram novas técnicas e estilos na arte visual brasileira. Um bom exemplo é o artista lituano Lasar Segall, que aprendeu técnicas de pintura na Alemanha e, quando se estabeleceu no Brasil em 1923, teve seu estilo influenciado pela luz e pelas paisagens brasileiras. O cinema e o teatro difundiram-se pela cidade. Em 1949, o produtor italiano Franco Zampari e o industrial Francisco Matarazzo Sobrinho fundaram a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Na arquitetura, os alemães trouxeram o desenho da casa com telhado de duas águas, típica da Europa. Quanto aos esportes, os italianos trouxeram a bocha, enquanto os japoneses introduziram o beisebol.

1

Qualquer um dos temas mencionados de forma superficial poderá ser aprofundado futuramente. Tudo depende do que vai fazer parte da exposição e de que maneira. Os imigrantes tinham o hábito de fazer passeios aos domingos, geralmente ao Jardim da Luz, ao Museu do Ipiranga e ao Hipódromo da Mooca. Mas algumas fotos revelam que a cidade de Santos era uma importante referência para quem desejava a proximidade do mar e do horizonte.

Os imigrantes formaram várias associações em São Paulo com conterrâneos, a fim de defender seus direitos e interesses, além de organizar festas e garantir recreações.

Criaram hospitais, como o Umberto I, o Sírío-Libanês, e clubes esportivos, como a Portuguesa e o Palestra Itália de São Paulo, mais conhecido atualmente como Palmeiras.

O bairro do Brás

O bairro do Brás teve origem no início século XIX, em torno de uma capela edificada em homenagem ao Senhor Bom Jesus de Matosinho, na chácara do português José Brás (na época, Braz). Por lá passava uma estrada, o Caminho do José Brás, atual Avenida Rangel Pestana, que levava à Penha. Em suas imediações, havia muitas chácaras onde residiam famílias ricas.

"Entramos finalmente em São Paulo pelo lugar chamado Brás. É um dos arrabaldes mais belos e concorridos da cidade, já notável pelas elegantes casas de campo e deliciosas chácaras onde residem muitas famílias abastadas, ao lado todavia de alguns casebres e ranchos menos aristocráticos, mas que nem por isso deixam de formar um curioso contraste", descreve Emilio Augusto Zaluar.

Em 8 de junho de 1818, o Brás virou freguesia e a igreja construída por José Brás tornou-se a matriz. No entanto, as frequentes inundações causadas pelas cheias do rio Tamanduateí impediam o crescimento acelerado do bairro. Em 1836, um recenseamento contabilizou 659 moradores.

Somente a partir da segunda metade do século XIX, o bairro do Brás cresceu de modo vertiginoso, impulsionado pela economia cafeeira e pela industrialização. A estação do Brás foi inaugurada em 1867 e, ao longo desses trilhos, desenvolveu-se a indústria e o comércio. A partir daí, o Brás, com seus terrenos baratos nas várzeas alagáveis, foi o destino de milhares de trabalhadores que formaram um dos bairros operários da cidade, ao lado do Bexiga, Barra Funda, Belenzinho, Mooca, Lapa, Luz, Bom Retiro, Vila Mariana e Ipiranga. Se em 1886 o Brás já contava com 6 mil moradores, em 1893 a população havia crescido cinco vezes mais, com italianos na sua maioria. Em 1903, uma nova e maior igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos foi inaugurada. O Brás concentrou um grande número de italianos. Na memória do idoso senhor Amadeu, ficou impresso o abandono

desses bairros pelo poder público: "Por esse lado do Brás, Cambuci, Belenzinho, Mooca, Pari, aqui tudo era uma pobreza, ruas sem calçamento, casas antigas, bairros pobres, bem pobres. A iluminação era a lampião de querosene. Lembro quando em minha casa puseram um bico de luz, foi o primeiro bico que puseram naquela rua, não lembro exatamente o tempo, faz uns cinquenta anos. Era mocinho. Puseram um bico só porque a luz era muito cara, mais de duzentos réis por mês. Com o tempo punha-se um bico na cozinha, no quarto, no quintal e assim por diante. Mas era usada como uma luz bem econômica porque não dava para pagar no fim do mês"

2

No bairro do Brás, lembram-se os moradores:

"a rua era o centro de tudo. As pessoas promoviam festas, passeavam durante as noites de verão ou colocavam cadeiras na calçada para prolongadas conversas. O comércio também percorria os calçamentos de pedra. Vendedores iam de porta em porta anunciando as mercadorias: pizza em quantidade dentro dos latões, frango, verduras e doces".

3

A partir da década de 1940, o bairro do Brás perdeu gradativamente suas características italianas ao receber milhares de nordestinos que fugiam das secas e das precárias condições de trabalho em sua região, em busca de uma vida melhor na cidade de São Paulo. Na década de 1970, as estações Brás, Pedro 2º e Bresser, construídas pelo Metrô,

2

Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p.132.

3

Memória urbana: a Grande São Paulo até 1940. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial, 2001, p.65.

expulsaram muitos moradores, que foram desapropriados. Atualmente é um distrito voltado sobretudo à indústria de alimentos e confecções e ao comércio popular, com forte presença de coreanos e bolivianos, que trabalham nas confecções.

O desenvolvimento econômico e industrial da Década de 1920

São Paulo testemunhou até os anos 1920 um crescimento econômico quase ininterrupto, baseado principalmente na criação de atividades de suporte à produção e às indústrias de exportação de café, tais como bancos para financiar a produção e empresas de comércio exterior. Por essa época, já era a segunda maior cidade do Brasil, depois do Rio de Janeiro, a capital do país até o início dos anos 1960. São Paulo cresceu rapidamente em população e desenvolvimento urbano, este último acompanhado pela criação de uma grande infraestrutura de transportes e serviços urbanos. A vasta maioria do agronegócio do café estava sob controle da elite local, a qual, por meio de suas conexões com o capital estrangeiro, ocupou as mais importantes posições nas cenas econômica e política brasileiras, e cuja riqueza derivava da considerável lucratividade do negócio do café. Tais fatores lentamente abriram caminho para oportunidades ao crescente número de imigrantes que passaram a desenvolver ocupações consideradas de importância secundária e com potencial para a geração de renda, ou que estavam simplesmente fora do radar e dos interesses dos representantes da elite local das grandes organizações estrangeiras.

Dessa perspectiva, o mesmo processo de estratificação social que impediu que imigrantes tivessem acesso aos negócios mais atrativos posicionou-os particularmente bem para assumir vantagem das oportunidades econômicas em outros setores.

Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM) foram fundadas pelo imigrante italiano Francesco Matarazzo, que começou a sua vida no Brasil, em 1855, com uma pequena casa de banha em Sorocaba. Alguns anos depois, formou o maior complexo industrial da América Latina, com 365 empresas entre as quais portos, estaleiros, metalúrgicas, indústrias alimentícias, tecelagens, usinas, papelerias, entre outras. No final dos anos 80 foi à concordata e, hoje, a única fábrica que restou é a do sabonete da marca Francis.

Os ofícios da cidade

No período de expansão da cidade de São Paulo os imigrantes abriram diversos estabelecimentos comerciais e de serviços. Além de operários e vendedores ambulantes, exerciam várias profissões: alfaiates, barbeiros, confeitores, engraxates, padeiros, sapateiros, fotógrafos, donos de cantinas, engenheiros, pedreiros, açougueiros, banqueiros e industriais. Os sírios, libaneses e judeus, por exemplo, concentraram-se, sobretudo, na rua 25 de Março, e exerceram atividades comerciais em pequenas lojas ou como mascates que percorriam grandes distâncias com suas mercadorias. Os portugueses abriram as padarias, enquanto os italianos foram responsáveis pelas cantinas e pizzarias. Muitas das profissões exercidas pelos imigrantes no início do século XX estão atualmente em extinção. Um bom exemplo é o ofício de sapateiro. Explica o sapateiro Pietro Germano, nascido em 1910, em Verbicaro, província de Cosenza, na Itália:

"Em Verbicaro havia muitos sapateiros. A cidade tinha 9 mil habitantes na época, e 28 sapateiros. Trabalhava-se muito no inverno, mais de noite do que de dia, porque de dia estava frio e a cera que passava no barbante endurecia. No inverno, de noite, fechava-se a porta e, com o calor da luz e o calor das pessoas, nós trabalhávamos mais. A oficina ficava cheia de gente conversando. Às vezes tinha algum aprendiz, mas a maioria trabalhava sozinho. Trabalhei 50 e poucos anos de sapateiro. O sapato era todo feito à mão. Um sapato demorava quase dois dias porque tinha que cortar, fazer duas costuras à mão, outra costura aqui, um reforço lá atrás e mais uma outra costura aqui. Demorava muito. Eu cheguei a fazer cinco pares de sapato por semana. E não tinha horário. Trabalhava até 1 hora, 2 horas da madrugada e quando era 8 horas da manhã estava de novo no serviço. Hoje profissão de sapateiro mudou muito com o maquinário. Agora o sapato não tem conserto: acaba e joga fora. Mas o sapato que fazíamos antigamente tinha a primeira sola e, depois, podia pôr uma, duas, três solas. Isso porque o couro durava bastante. Agora não dá para trocar. Quando acaba o sapato, compra um novo. Fazendo o sapato à mão a pessoa era mais especializada. Era um sapato a que se dava mais valor."

Condições de trabalho até os anos de 1930

No início do processo de industrialização no Brasil, as relações de trabalho tinham como herança as marcas de 300 anos de escravidão, muito diferentes daquelas trazidas pelos trabalhadores europeus que migraram para cá. Em alguns países da Europa, como a Inglaterra, o processo de industrialização tinha se originado no século XVII e muitas inadequações nas condições de trabalho, como aquelas que viviam os operários brasileiros, já haviam sido superadas. Até os anos de 1930, não havia nenhuma legislação que garantisse os direitos aos trabalhadores. Inexistia limite mínimo de idade para o ingresso no mundo do trabalho, tampouco a indenização dos trabalhadores e de suas famílias em caso de acidentes, ou mesmo limite de horas diárias de atividades. Grande

parte da força de trabalho era constituída por crianças. Uma pesquisa realizada em 1911 em 23 fábricas de São Paulo mostrou que 72% dos operários eram do sexo feminino e 30% desse total tinha menos de 16 anos. Em 1920, 50% dos operários eram mulheres ou crianças com menos de 14 anos de idade.

As jornadas diárias dos operários eram, normalmente, de catorze horas por dia e seis dias por semana. Os salários eram baixíssimos, e os locais e as condições de trabalho, subumanos.

Os lugares insalubres frequentemente arruinavam a saúde dos trabalhadores. Todos esses fatores levaram às primeiras mobilizações dos operários das grandes cidades, especialmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a então capital do país.

O desenvolvimento industrial da década de 1950

O presidente Getúlio Vargas deu grande impulso à criação da indústria de base nacional (petróleo, siderurgia, eletricidade). Já no governo do presidente Juscelino Kubitschek, entre os anos 1956 e 1960, incentivou-se a indústria de transformação, em especial a automobilística, sediada na região metropolitana de São Paulo, sobretudo na região do ABC, onde se formaram as cidades de São Bernardo, Santo André e São Caetano. Lá se concentraram as indústrias Volkswagen e a Mercedes-Benz, além de metalúrgicas, indústrias químicas, alimentícias, têxteis, farmacêuticas, entre outras. Portanto, nesse período, o Brasil deixou de ser um país essencialmente agrícola e sofreu um intenso processo de urbanização e industrialização. Nos anos seguintes, ocorreram fluxos intensos de migração do campo para a cidade. De 1950 a 1960, mais de 700 mil migrantes chegaram à cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida e de trabalho.

A partir de 1954, São Paulo tornou-se o maior parque industrial da América Latina, com 21 mil fábricas na capital, bastante diversificadas: indústrias de bens de consumo durável (automobilística e eletrodomésticos), bens intermediários (siderurgia, papel, petroquímica, borracha) e bens de capital (máquinas e equipamentos). Entre as décadas de 1950 e 1960, as indústrias paulistas empregavam 585 mil operários (www.atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br, acessado em 6/8/2003).

O operário espanhol Antonio Galuchino Avellanas é testemunha do amplo mercado de trabalho da cidade. "Eu cheguei a São Paulo em 1954, num dia 21, e no dia 24 eu já estava empregado. Quem tinha profissão não se preocupava com nada e era bem remunerado. O Brasil era o país da abundância. Trabalhava-se bastante, mas dava para viver."

O desenvolvimento econômico e o mercado de trabalho nas construções e fábricas motivaram a vinda dos migrantes de muitas regiões do Brasil. "Em 1950, São Paulo abrigava mais de 500 mil mineiros e 400 mil nordestinos (dos quais cerca de 190 mil baianos, 63 mil pernambucanos, 57 mil alagoanos e 30 mil cearenses)".

5

Os migrantes

chegaram a compor quase a metade da população, enquanto a imigração estrangeira foi contínua entre as décadas de 1940 e 1960. Calculam-se em torno de 300 mil os estrangeiros residentes na cidade.

6

Getúlio Vargas e os trabalhadores

No primeiro governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, a situação dos trabalhadores sofreu alterações significativas. O governo federal regulamentou as relações de trabalho,

decretou direitos e instituiu benefícios, entre os quais a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e o salário mínimo. No entanto, proibiu as greves e exerceu um controle rígido sobre a nascente classe operária e sobre os sindicatos, e tentou transformá-los em órgãos

4

Memórias do trabalho: depoimentos sobre profissões em extinção. São Paulo: CMN – Confederação Nacional dos Metalúrgicos, 1999, p.35.

5

Enciclopédia Nosso Século, 1945/1960. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p.38.

6

Rolnik, Raquel. São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001, p.44. 50
de colaboração com o governo. Com o fim do longo governo ditatorial de Vargas, em 1945, abriu-se um período de democratização, que durou até o golpe militar de 1964. Nesse período, os sindicatos voltaram a desempenhar um papel mais autônomo com relação ao governo, mobilizando os trabalhadores para realizar greves nos setores público e privado.

O Sr. Amadeu, trabalhador aposentado, traz recordações sobre o Sindicato dos Metalúrgicos. Diz ele: "...antes de 30 não era legalizado; os operários se reuniam escondidos para trocar ideias.

Onde eu trabalhava vinham boletins dos sindicatos dos metalúrgicos italianos que se chamavam I Metallurgici. Eles aproveitavam para copiar alguma coisa para nós. Isso, antes de 30. Depois, na entrada do Getúlio, em 32, parece-me que o sindicato começou aos poucos a sua atividade, fazendo leis internas, colhendo sócios, se firmando, isso por volta de 40, 42. Eles alugaram, no início, um salão numa sociedade chamada Classes Laboriosas, que ainda existe na Rua do Carmo.

Lá faziam suas sessões. No início eram só vinte, vinte e cinco por cento dos operários que se reuniam. (...) Naquele tempo o sindicato não era visto como hoje, uma sociedade que ajuda o trabalhador. Pensavam em infiltração comunista, o sindicato era perseguido."

7

A cidade moderna (1930-1960)

"São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo", dizia o slogan das comemorações do IV Centenário, em 1954. A transformação urbana se deu num ritmo acelerado, com a verticalização do centro com novos edifícios, o crescimento dos bairros e a expansão dos subúrbios. Ao longo das ferrovias apareceram novas cidades: Cidade Patriarca, Itaquera, Itaquaquecetuba. Trens, bondes, eletricidade, telefone, automóveis, rodovias, avenidas, arranha-céus constituem signos que contribuíram para inserir São Paulo na era da modernidade. No entanto, como comenta o sociólogo José de Souza Martins, "O mundo moderno chegou fragmentária e marginalmente a São Paulo já no século XVIII, justapôs-

7

Ecléa Bosi. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p.87.

se aos costumes, criou ilhas de racionalidade econômica e política, conviveu com as estruturas fundamentais de uma economia à margem das grandes contas do mundo colonial. Por isso, não chegou inevitavelmente para todos nem fez sentido para a maioria da população".

8

Na década de 1930, 1 milhão de pessoas moravam na cidade; em 1950, esse número dobrou. Três anos depois, São Paulo se tornaria a primeira cidade do Brasil com 2,7 milhões de pessoas e, em 1960, alcançaria a cifra de 3,7 milhões. As construções acompanharam esse surto de crescimento populacional. Em 1940, construía-se em média 5,6 edificações por hora. Observa o antropólogo Claude Lévi-Strauss, que esteve na cidade na década de 1930, que “o encanto da cidade e o interesse que ela suscitava vinham primeiro de sua diversidade. Ruas provincianas onde o gado retardava a marcha dos

bondes; bairros deteriorados que sucediam sem transição às mais ricas residências; perspectivas imprevistas sobre vastas paisagens urbanas; o relevo acidentado da cidade e as defasagens no tempo, que tornavam perceptíveis os estilos arquitetônicos, cumulavam seus efeitos para criar dia após dia espetáculos novos”.

9

Diz Lévi-Strauss: “Os paulistas se gabavam do ritmo da construção em sua cidade, à média de uma casa por hora. Tratava-se então de palacetes. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição”.

10

8

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica. Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008, p.15.

9

CAMPOS, Candido Malta. Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora Senac, 2002, p.595.

10

Apud GERODETTI, João Emilio e CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo: a capital paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Studio Flash Produções Gráficas, 1999, p.121.

Os depoimentos selecionados

O setor de História Oral Desde 1995, o setor de História Oral faz o registro de histórias de vida de imigrantes e migrantes que se fixaram no Estado de São Paulo. São imigrantes de várias nacionalidades

e brasileiros oriundos de vários Estados da Federação. As entrevistas são gravadas em áudio e vídeo. Posteriormente são transcritas para consulta na biblioteca.

Procura-se explorar nessas entrevistas a percepção dos imigrantes e dos migrantes sobre sua trajetória de deslocamento desde as regiões de origem até sua fixação no Brasil. O cotidiano, as percepções sobre o Brasil, as alegrias, tristezas, dúvidas e sonhos que permearam a vida destes sujeitos podem ser apreciados em mais de duzentas entrevistas. O setor de História Oral não privilegia uma nacionalidade específica ou apenas aqueles que passaram pelas dependências da Hospedaria de Imigrantes. Além do registro das histórias de vida dos imigrantes aqui fixados nas décadas passadas, os imigrantes contemporâneos – como bolivianos e africanos – também têm sido contemplados neste trabalho.

A seleção dos depoimentos

Os depoimentos coletados pelo setor de História Oral são um importante instrumento de recuperação da memória de imigrantes brasileiros e de diversas nacionalidades que aqui chegaram. Eles são uma fonte riquíssima, na medida em que fornecem o testemunho oral do que representou para essas pessoas a experiência da imigração, sob os mais variados aspectos, e por isso não poderiam deixar de compor a exposição de longa duração. Diante da riqueza e da grande quantidade do material disponível para a pesquisa, fez-se necessária a definição de alguns critérios de seleção. A princípio foram priorizados os depoimentos dos imigrantes que passaram pela Hospedaria na ocasião de sua chegada a São Paulo. Isso porque estes depoentes podem fornecer tanto informações preciosas sobre suas expectativas em relação à nova terra, a experiência de deslocamento e a viagem, como também suas impressões a respeito da Hospedaria e as lembranças relacionadas à sua estada na instituição.

Estabelecido esse primeiro critério de seleção, foram escolhidos depoimentos de migrantes e de imigrantes de nacionalidades diversas e então coletados trechos de falas, que de alguma forma se inserem nos diversos módulos propostos para a composição da exposição de longa duração. Assim, foram privilegiados os testemunhos que abordavam temas como: as expectativas em relação ao Brasil, a experiência do deslocamento e da travessia, as impressões sobre a chegada, as lembranças da estada na Hospedaria, viagem e chegada às fazendas de café no interior do Estado, o trabalho e o cotidiano no campo e a vida na cidade.

Após a coleta foi realizado um levantamento com o objetivo de inventariar as nacionalidades que ainda não haviam sido contempladas na primeira fase da pesquisa, com a finalidade de abranger o maior número de nacionalidades possíveis.

Vale lembrar que os depoimentos não foram utilizados em todos os módulos que farão parte da exposição de longa duração, isso porque as informações fornecidas pelos depoentes – obtidas a partir de um roteiro de entrevista elaborado pela equipe de História Oral – contemplam, em sua maioria, as propostas dos módulos III, IV, V e VI.

Módulos 3 e 4:

Temas:

Cotidiano na Hospedaria

“Sim, são grandes salões, com beliches, mas nós éramos umas 80 pessoas, de maneira que não enchamos muito. A Hospedaria naquele tempo estava meio vazia... Não era tempo de imigração. Em janeiro de 20.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 07)

“Para registro, e depois pra pegar os cobertores, os lençóis, pra nós entrarmos. Subimos aquela escada (...), aqueles beliches que eram meio de madeira escura, com aqueles colchões um pouco altos, eram feitos de palha, não sei... Capim, isso, isso. E minha mãe, coitada..., nos arrumamos, deram as camas lá pra gente, (...) não comemos nada, não deram nada pra gente comer. (...) mortos de fome, mas tudo bem, vai fazer o quê? Você vai acordar quem? Tudo silêncio, uma garoa.” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 11)

“(...) Aí de manhã cedo eu levantei, sabe com aquele negócio, aonde eu estou? (...) abro os olhos, ai meu Deus!, onde eu estou? Sabe quando você fica confuso, ah!, tô na Imigração, fiquei olhando, olhando bem, me levantei e falei: ‘Quero ir no banheiro’, (...) quando me olho no espelho, todo manchado de sangue, sabe pontinha de sangue (...). Eu falei: ‘Meu Deus, o que é isso?’ (...) aí chamei um senhor (...), aí eu falei: ‘You speak english?’, não, não, não, ‘Vous parlez français?’, não, não, não, ‘Ai!, e agora?, como é que eu vou me explicar’, fazia assim, o que era isso? Pulga (...). Eu perguntava: ‘O que é

isso?’, ele falava, mas eu não entendia, eu dava risada porque picava (...).” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 12)

“(...) Havia até casos interessantes do marido não querer dormir longe da mulher, de jeito nenhum, era uma briga! Precisava aquela paciência...(...) No fim, o funcionário sempre convencia. E esse funcionário, engraçado, não sei se você conhece lá em cima, tinha um alojamento para cá e outro para lá. No meio existiam as instalações sanitárias, ele ficava sentado ali no meio, era um senhor de idade, filho de italiano, mal a gente entendia o que falava. Ele chamava-se Cheregá. (...)” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

“Bom, era um horário para a comida, mas o resto tinha liberdade. Nós saíamos, fomos visitar a cidade e fazer amizade com conhecidos.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 07) “É tudo no pátio interno. Até porque a saída para rua era proibida. Existia uma fiscalização, ninguém saía. Os migrantes que aqui chegavam não podiam sair, senão acompanhados para embarcar. Sair para passear, isso... éramos verdadeiros internos! Do adulto à criança.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 20)

Recepção:

“(...) Em São Paulo desembarcamos e fomos para aquele registro da imigração, registramos os nomes e depois fomos diretamente para a sala de jantar. E comemos depois de 22 dias o primeiro jantar mais ou menos apreciável: carne, arroz, feijão e um bom pão italiano, né? (...) depois de 20 dias de macarrão, pelo menos é alguma coisa.” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 06)

“Tinha uma chefia, existia uma seção da parte administrativa, seção de embarque, seção médica, cozinha, inspetoria, etc... A Hospedaria funcionava de forma muito simples: o imigrante entrava na Hospedaria, passava (...) a primeira coisa que ele fazia, em quantidade sempre grande, mínimo 500, 600, havia levas até de 1000. Entrava na Hospedaria, tomava seu banho imediatamente: os homens iam para a seção de matrícula, matriculavam-se e depois as mulheres, neste ínterim, elas tomavam banho, mudavam de roupa, etc. e depois, terminada a matrícula, elas iam jantar, descansavam um pouquinho, eles iam para uma seção de alojamento para receber os cobertores – esses tipos de cobertores eram usados diariamente e desinfetados. (...) Dormiam. Existia lá em cima, na parte superior, um alojamento de homens e mulheres. Lá em cima as mulheres dormiam separadas dos homens, sabe! Os homens num alojamento e as mulheres no outro.” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

Atendimento Médico

“(...) No dia seguinte, de manhã, era o exame médico para mulheres e homens. As mulheres de um lado, sempre separado, e os homens no outro. Quando o médico descobria qualquer doença grave, eles eram retidos e ficavam conforme o caso. O caso, por exemplo, grave, muito grave, doença contagiosa, etc., o departamento mandava para um serviço especializado; quando era uma doença comum, que não pudesse viajar, ficaria retido ali... E havia casos que a mulher ficava doente e o marido, então, levava todos os filhos – engraçado – levava os filhos para a roça. (...) levava os filhos, e quando os garotos ficavam bons, o Departamento passava um telegrama avisando que a mulher e o filho já estavam bons e ele ia buscar. Isso era o exame médico (...).” (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 03)

Refeição

"(...) pra mim não estava ruim, mas meu pai e mãe ficaram assustados, porque dentro do prato osso grande de vaca, né? Nunca viu, nós no Japão nunca viu... Quando viu carne, mas nunca viu osso. (...) Então assusta, minha mãe não comia nada. Ainda tem macarrão no meio do feijão, macarrão furado e parece que enxerga o outro lado, aquela mangueira cortada, e assustando, assustando... Só o Brasil, novidade, só dá novidade, assustando, né?" (Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 04)

Encaminhamento "Porque naquela época a lavoura solicitava muita mão de obra, tanto que elas vinham para trabalhar na lavoura. Chegava época do ano que as levadas aumentavam, também por causa da seca no Nordeste, como também por causa das colheitas. Na época do algodão colhiam o algodão e voltavam para o Nordeste (...). desde que eles viessem para São Paulo com o destino para a lavoura...na estação do Norte existiam dois funcionários uniformizados – escrito bem grande: 'embargados' – eles ficavam ali, já conheciam esse tipo de imigrantes. Ficavam gritando: 'Quem é da imigração fica perto de mim'. Era aquela multidão... 400, 500 pessoas. Ele ia na frente e as pessoas iam atrás. Iam a pé: crianças, papagaio, tudo...Era uma verdadeira retirada de nordestino (...)." (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 05)

"(...) Se chegassem 500 e a leva tivesse boa, no dia seguinte à tarde já estavam todos dentro do trem, empregados, alimentados e exame médico já feito. (...) A coisa era simples, não sobrava imigrante em 24 horas, entrava e saía... (...) No ano de 1951, quando houve uma grande seca no Nordeste, nos chegamos a receber por dia 5 mil imigrantes. (...) No dia seguinte estavam todos embarcados e empregados (...)" (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p. 04)

Preparativos para a viagem e despedida

"Bom, os preparativos eram arranjar dinheiro e arranjar utensílios para a vida na fazenda, porque todo mundo achava que aqui não tinha nada, era bom de trazer, então comprava-se cada coisa inútil, por exemplo selas de cavalo (...). Então cada um veio com espingarda e livros, principalmente livros, como criar galinhas, como tratar de vacas, sabe?...só que a vaca não atendia aquilo que estava escrito no manual, né? Nem as galinhas se interessavam." (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 05)

"Olha, em primeiro lugar eu precisei arranjar uma profissão. Sem profissão não estava podendo vir para cá, então me preparei, arrumei documentos de pedreiro, fui no sindicato, fiz um cursinho... então aí eu tirei o documento de pedreiro, então já vim com uma profissão. Cheguei aqui... não fui trabalhar de pedreiro, fui trabalhar de guarda na obra." (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 06)

"Ah, minha filha, o dia mais triste acho que foi o dia que nós saímos de lá. Olha, até chorei esse dia, quando estava lendo aquele livro. Porque, sabe, como saiu muita gente, então todo mundo deixou parente lá. Então aquele dia foi uma tristeza maior da vida, viu?"

E quando nós estava para embarcar o Padre chamou as famílias, né? E ele deu um livro, como de lembrança, pra ensinar, né? E ele falou pra nós que ele sentia muito de deixar nós irmos, tudo, mas ele falou: 'A vida aqui já está um pouco dura, então, o que que eu vou fazer, né? E na hora que nós estava embarcando veio a banda de música e começou a tocar. Aí que foi a maior tristeza ainda.'" (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 04)

"(...) Só que aquelas famílias que iriam embarcar para São Paulo, para embarcar da criança ao velho, ao ancião tinha que ter um atestado médico, fornecidos por médicos da

saúde, da Vigilância Sanitária, ou Saúde Pública, do governo de Minas (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 14)

Expectativas

"(...) Coreia não tinha muito serviço, ainda resto daquela guerra... consegui um financiamento (...), nós ainda jovem e Brasil que é um país grande, (...) eu não conhecia o Brasil, não, mas pelo mapa era tão grandão! Aí nossos irmãos pensaram que vai dar para trabalhar aqui, vai ter que procurar trabalho aqui, vai dar negócio. Daí é por isso que nós, três irmãos, viemos pra cá!" (Choong Hyun Cho, Seul-Coreia, chegada: 1963. Livro 10, p. 08) "(...) Eles foram buscar nós, né? Já tinha gente já mesmo que tinha escolhido, que eles

falavam que era tanta coisa quando nós chegasse aqui, não deram nada, deram uma enxada pra gente carpir." (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 04)

"(...) Por que o galego emigra, se a Galícia é rica? Riquíssima... riquíssima... Por que o espanhol do sul emigrava? Onde tinha grandes fazendas? Porque ele não comia... ele não vestia, ele passava fome... Então, América era uma esperança... para eles (...)." (Diego Gimenez Moreno, Espanha, chegada: 1952. Livro 14, p. 14)

"(...) É porque naquela época, 1929, por aí, (...) o Brasil parecia melhor, como agora o Japão está bom. Todo mundo vão trabalhar ganha mais. Então a gente soube desse boato, então meu pai queria trazer aqui mais ou menos cinco, dez anos pra trabalhar no Brasil, já dá pra comprar casa, carro, tudo! Igual como agora que brasileiro vai trabalhar no Japão." (Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 02)

"(...) a ilusão da gente... de melhorar alguma coisa, né? Então (...) como a gente foi criado num lugar onde não se ganhava nada (...), trabalha para viver... ou vive daquilo que faz, praticamente... serviço na roça, no campo, né? Então, a gente escuta falar de ir para o estrangeiro (...) é a ilusão da gente ter uma vida melhor. Eu graças a Deus tenho uma vida melhor do que se estivesse lá. Talvez até lá estaria bem, porque o pessoal que ficou lá... também se defenderam bem, estão bem de vida (...)." (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 05)

"(...) que era a verdadeira Canaã. Que aqui chegando tudo se tinha e tudo se conquistava. Eram essas notícias que lá chegava. De boca em boca. E aquilo foi fazendo com que o nordestino, cansado exatamente dos sofrimentos periódicos, a seca e todas aquelas dificuldades, e cansado, principalmente, do domínio dos chamados coronéis; é lógico que se motivaram a vir buscar a grande Canaã que era São Paulo." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 08)

Motivações

"(...) Nós estávamos praticamente terminando o período da repressão política mais séria. Então muitos dos professores que haviam sido meus professores no primeiro ano de faculdade tinham emigrado. (...) E quando eu terminei de estudar na faculdade, aqueles poucos que ajudaram a me formar e formaram meu colegas também tinham ido embora pra outros cantos. Então, os profissionais recém formados e os outros eram muito mal pagos. O mercado de trabalho era inexistente. (...) Quando eu tomei ciência do Brasil, da existência do mercado de trabalho brasileiro." (Maria Isabel Levit, Argentina. Livro, 35, p. 10)

"Tá cheio de chinês (...) Esse tudo são emigrante por causa de economia, porque China tem bastante gente e competição pra emprego é... muito, muito... aí devagarinho sair. Chinês sempre trazer família, né? (...) aí forma colônia grande nessa Indonésia, Singapura, todo... é assim." (Joseph Chung Chien Liao, China, chegada: 1956. Livro 86, p. 14)

"Mudamos para o Brasil, bem... porque depois veio muita miséria lá, sabe? Depois da guerra de 1914, quando acabou a guerra, né? Então mudou tudo, sabe? Lá a terra não dava produto como dava antes. E foi isso. Então depois pediram que vem pra Brasil e que nós estava sendo enganado, viu? Porque falaram que iam dar terra aqui pra nós aqui no Brasil." (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 04) "(...) nós se dava muito bem com os egípcios, com os árabes, eu era amigo dos israelitas de lá, amigos meus que estudavam comigo, dos árabes, dos pretinhos pessoalmente (...). Tudo, tudo vivia bem, enquanto não chegava esse (...) problema do Canal de Suez, aquela guerra interna no centro da cidade, bombardeamento geral, então meu pai estava apavorado. Eu morava num apartamento no quarto andar, você não sabia se os israelitas, os judeus jogavam uma bomba no centro do Cairo, quantas bombas jogaram. (...) então meu pai resolveu falar: 'Filhos vamos arrumar o que tem e o que não tem, vamos embora daqui.'" (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 04 e 06) Travessia / viagem 60 "(...) naquela época só moleque, é gostoso tantos dias, quarenta e cinco dias de navio, ficou contente. Parece que está passando o mundo inteiro..., que vai passear no mundo inteiro, então não pensa em nada, (...), não pensa nada, só fica contente (...)." (Masayuki Kawasaki, Japão, chegada: 1929. Livro, 23, p. 03)

"No navio, então... tudo é uma alegria. Para mim então, eu não esqueci da irmã que ficou, da casa, tudo, mas uma alegria imensa de viajar. Mar, tudo muito bonito... muito divertido... No navio ficamos 19 dias... no navio... então dançavam... outros passavam bem, outros passavam pior, balançava mais... balançava menos... estava muito... eu gostei muito. (...) Chegamos em Santos, também era aquele desembarque, já não tinha mais o almoço naquele dia... no navio, deram um lanche para desembarcar. (...) Então nós tomamos o trem, fechava a porta do trem, trancaram o trem. Nós curiosos para saber... para abrir. Porque pensou – a gente vai se espalhar na parada... então, como é que fica? –, então ficamos trancados no trem, tudo muito bonito... (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 07)

"(...) todo mundo se sentiu mal... mas não teve uma pessoa que não se sentisse mal no começo. Eu não sei... não posso nem dizer por que... é que a gente larga a terra da gente, vai pro meio da água, parece que a gente fica meio nervoso... então lá não dava nem por onde passar, as pessoas vomitavam... ah... mas foi uma tristeza. Mas foi só no começo. Depois a gente se divertia... brincava, conversava... até dançava no barco, comia bem... Depois a viagem foi boa...." (João dos Santos Jacinto, Portugal, chegada: 1954. Livro 116, p. 07)

"De Minas. Eles saíam do Estado de origem, da Bahia, atravessavam o rio São Francisco e a cidade de Montes Claros, que era a última cidade de Minas lá em cima. Então, era o ponto final da estrada de ferro. Tinham um ou dois funcionários para entregar a passagem. Existiam uns que vinham por conta do Estado e outros que vinham por conta própria, e também aqueles que vinham de 'pau de arara'. (...) coisa horrorosa, não sei como aguentavam viajar 10, 12 dias sentados naquela tábua trazendo papagaio, moringa, cabrito, essas coisas... cabaca... era uma cena triste! Acostumei... tanto é que quando entrei no serviço falavam que eu não ia aguentar aquilo." (Cesar Leal Ferreira, funcionário da Hospedaria. Livro 07, p.06)

“É aqueles preparativos de viagem. Primeiro a aquisição das passagens no embarque num vaporzinho que se fazia em Juazeiro. Naquele tempo não existia o chamado ‘pau-de-arara’; não existia outro transporte clandestino senão o vaporzinho do Rio São Francisco. (...) Era o único meio de transporte ou senão via costeira, pelo mar. (...) saía de Juazeiro até Pirapora numa extensão de 1221 km. Viagens que quando o rio estava seco demorava de 10 a 12 dias, até 18 dias como foi nosso caso. (...) sem contar mais 3 dias de trem de Pirapora até São Paulo.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 09)

“Ocorria que em Pirapora, quando se chegava da viagem do São Francisco, cada um pegava a sua passagem, senão por si mesmo, custeada por parentes que aqui estavam em São Paulo e mandavam os meios de transportes para que os seus parentes para cá viessem. Mas chegando em Pirapora, os migrantes já passavam a ser cuidados pelo serviço de migração. Que como eu disse, era quem motivava a vinda desse povo para a agricultura, que era o forte na época, em São Paulo na década de 40. (...) de Pirapora para São Paulo, aí a passagem para o migrante era um trem, chamado ‘mineiro’, que ele vinha do Rio de Janeiro para Minas Gerais até Pirapora. (...) engatava-se, juntava-se a esse trem dois vagões especiais; vagões de segunda, terceira classe que era destinado aos migrantes. Só que aí a passagem era de graça, a passagem era liberada pelo serviço de migração e o migrante passava a ser então senão propriedade, mas bem desse serviço de migração.” (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 13)

Chegada / estranhamento

“Bom, aquela impressão de exótico, né? É tudo diferente, chovia à beça, fazia um calor, aquele bafo de Santos, e o pessoal também era estranho, naturalmente. O que impressionou foi em São Paulo ver a estrada de ferro, que era bonita, sabe? (...)” (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 05)

“(...) Quando nós chegamos aqui em São Paulo, aquele tempo faltou gente pra trabalhar. Então os industriais daqui eles foram lá, pedir pra gente ficar, né? Nós fomos essa ilusão – falaram pros nossos pais que ganha terra lá no interior, então ninguém quis ficar, porque todo mundo, como trabalhava a terra, né? E a terra aqui é boa, tem tudo quanto é fruta, café, essas coisas, então ninguém quis ficar, todo mundo queria ir no interior. Mas também quando chegamos lá, viu?.” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 07)

“Fomos direto pra essa fazenda, Canaã. (...) Mas quando chegamos lá, filha! Sabe onde nós dormimos três noites? Na cocheira! (...) O homem que foi junto falou pra ter paciência que vamos ganhar casa e tudo, né? Mas foi uma choradeira, dona! Uma tristeza! Se não tivesse alto-mar acho que todo mundo voltava a pé pra casa. Uma choradeira que Deus me livre, viu? Foi triste, viu? (...)” (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

“Não. A gente não fica porque a gente não sabe pra onde é que vai, né? Porque conforme ia toda a família, a gente se conformava mais. Mas nós sofremos muito no navio.” (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 03)

“Arroz, feijão, carne e banana. Arroz, feijão, carne e..., ah! e um pãozinho, você esta entendendo? Então eu peguei meu pai e falei: ‘Pai, que quero saber aonde você me trouxe?’, e ele falou: ‘Filho, você quer saber de uma coisa? É melhor isso, do que um dia morrer embaixo de bomba onde nós estamos’, aí eu me acalmei. Você se ponha no meu lugar, eu tinha tudo do bom e do melhor, não vivia às mil maravilhas, mas a gente tinha tudo o que tinha, (...) você chega aqui (...), você não recebe um impacto (...)? É um choque, é um choque grande.” (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p.

14) "Meu relacionamento foi fácil porque todos eles sempre aguardavam gente nova que vem para saber notícias de seus parentes, e assim com esses conhecimentos de muitas pessoas, era um alívio aquela ânsia de imigração, que a gente sente quando moço e longe de seus pais." (Alexandre Issa Maluf, Líbano, chegada: 1920. Livro, 25, p. 05)

E nós então com muita esperança, com muita alegria, nós tínhamos no bolso o endereço de uma fazenda onde o nosso amigo nos esperava aqui, amigo do papai, (...) se escreviam desde a Lituânia e dizia – João, vai lá, vai que estou te esperando. (...) Agora, o que me chamou muito a atenção, uma coisa pitoresca, (...) quando trouxeram uma bandeja de cafezinhos, xicrinhas pequenas, nunca tinha visto... Pensamos – estão brincando com nós aqui... com essas xicrinhas pequenas só crianças que brincam. Nós achamos assim... esquisito, nunca tinha visto, cafezinho numa xicrinha pequena, nós não conhecíamos isso. E acho que ninguém tomou café, porque é amargo... não gostamos de café." (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927)

Trechos do diário escrito por Ivan Dragojevic que narra a viagem da família para o Brasil e que foi traduzido por sua filha Maria Dragojevic Jorge. (Sugestão para compor as camas)

"Partindo do Veleluka para o Brasil
No tempo de mil e novecentos
mas vinte e cinco anos certo
dia quinze do mês de abril
triste dia temos que partir

partindo da pátria querida
todos coração tristeza da vida
parte os nossos querido irmão
deixando a sua nação

vou embora para longe daqui
para encontrar outra vida feliz
vida que já era dura
vamos partir pra outra luta"

prometeram fazer uma mudança
levar mulher com as suas crianças
para longe na terra brasileira
nova pátria de boa maneira

(...) lenços brancos todos abanavam
e das torres sinos tocavam
triste foi aquela despedida
o dia que deixei uma pátria querida

vou procurar uma nova vida
deixo Velaluca a cidade linda
os que foram saíram chorando
os que ficaram ficaram rezando

levo saudade lembrança fica
fomos direto para a cidade Split
só três horas o navio andou

no porto de Split o navio chegou

eu digo a verdade pra todo
o navio balança muito
as criança sempre perguntava
porque o navio assim balançava

(...) o prefeito e o catequista
acompanharam nós até Split
logo chegamos
uma comissão já se encontrava

tudo em ordem já preparado
por 3 dias de hotel reservado
trataram nós como devia
não temos queixa nenhuma família

vacinas foram aplicada
para todos porque precisava
a consulta também foi feita
para livrar de qualquer doença

(...) sou médico cumpri meu dever
se despedimos para agradecer
passaporte já nos entregaram
tanto tempo estamos esperando

recebemos com tanta coragem
para seguir a longa viagem
promessas também foram feitas
se lembremos da santa de Vicenza

(...) está chegando o dia e a hora
muito longe vamos embora
vinte e três de abril neste dia
dia quando vimos o nome de Sofia

o Sofia gigante navio
levará nós pra outro destino
nem sabemos pra onde nós ía 64
fomos enfrentar com nossa família

(...) última vez que eu te vejo
este foi meu desespero
levaremos tanta esperança
aqui fica toda a lembrança

(...) e agora não adianta falar
vida nova temos que enfrentar
passa o dia e vem a noite

cada dia estamos mais longe

(...) trata nós com muito carinho
e parecem que são bom amigo
o navio é uma maravilha
tem bom vinho e boa comida

até temos toda a liberdade
cada um fica a vontade
algum gostava de jogar carta
outro ria contava piada

(...) cento e cinquenta embarcou
passageiros
fazer viagem para estrangeiros
todos italianos de boa aparência
fomos junto para a América

(...) um dia bem de madrugada
quando vimos terra abençoada
todos viram com muita alegria
aqui a nossa nova moradia

cada um lembrou que veio de longe
vamos esquecer e se fazer forte
nós viemos para produzir
para aumentar o grande Brasil

no meio do dia 15 de maio
a Sofia chegava em Santos
no mesmo dia antes de a noite chegar
a Sofia já estava para encostar

(...) na mesma noite médico chegou
um por um todos consultou
ele dizia com muita alegria
achou todos fortes como se devia (...)"

Módulo 5: Trabalho nas fazendas de café

"Bom, a questão era a nossa aptidão física, não era adequada para trabalhar no café. Esse trabalho era diferente, usávamos a mão, e não tínhamos a capacidade de trabalho como os caipiras. Os colonos emigrantes, (...), eles tinham uma gleba de mais ou menos mil pés de café para trabalhar, não é? Eles faziam mil pés de café durante uma semana, tiraram a sujeira de baixo do pé. Eu não fazia nem 3 pés de café... aliás os pés de café estavam cheios de ninhos de vespa, que a gente batia com a enxada, zzzzz... e tudo aquilo vinha pra cabeça da gente. Jararaca também não faltava. Bom, era uma vida de aventureiro (...)." (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 08) Casos de fugas das fazendas de café

"Tinham italianos. Tinha uma vizinha nossa, era italiana (...). É, tinha japonesa, uma família japonesa. Então, e depois nós fomos apanhar café e muita gente fugiu, foi embora." (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

"Então, e você sabe que eles não dava um tostão! Só davam no fim de semana, no fim de semana eles davam um mantimento, mas dinheiro não dava um tostão pra ninguém.

Então, e muitas famílias já tinham fugido, né? Então eles puseram guarda, mas não podia sair de jeito nenhum, até que não completasse a colheita do café. Depois de seis meses, quando completou a..., quando terminou, aí fomos embora, né? E até São Simão, da fazenda (...) eles não deram nada. Nem carroça, nem... Nada, nada, nada! Todo mundo levava aqueles baita daqueles baú, aquelas coisas! Tudo a pé! É!" (Maria Dragojevic Jorge, Croácia, chegada: 1925. Livro 11, p. 08)

Casos do cotidiano: dificuldades com a língua

"É..., a gente não compreendia nada: se um falava alho o outro entendia cebola, por isso que a gente não entendia nada. O certo é que uma vez uma vizinha pediu alho pra minha mãe, e então ela saiu, ela falou 'obrigado', e esse meu irmão ele pegou e falou: 'No, mi madre no tiene obligación de darle moica'. Mas a gente não sabia, né? Era... a vida da gente era essa." (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 05)

"Trabalhava com onze anos. Nós entrava às quatro horas da tarde e saía às três da manhã. Com doze anos nós vinha de Sorocaba às três horas da manhã (...)." (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 07)

Casos do cotidiano: banho

"Olha, tem coisas tão pitorescas... porque japonês no Japão... um país pobre, mas tinha latinha no banheiro para tomar banho... o povo japonês sempre tomou banho, né? E também eles não tinham vergonha de ficar pelados. Aí o japonês chegou no Brasil e não tinha banheiro, tinha que ir no pasto, no meio do mato... então tinha que ir correndo para o meio do mato... o pessoal não estava acostumado, então era aquela correria, mulherada gritando, chorando, né... e iam para o mato.

E tomar banho, japonês costuma tomar banho todo dia, né? Então as mulheres ainda se protegiam um pouco... mas os homens era aquela coisa... até que se acostumaram. Mas os homens tomavam banho todo dia com água de caneca na bacia assim... e pelados no quintal... a vizinhança ficava toda apavorada... ." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 05)

"(...) como na fazenda Pau D'Alho tinha bastante família japonesa, então tinha a turma dos filhos dos brasileiros e a turma dos filhos dos japoneses e a gente se misturava e tinha brasileiro que falava um pouco de japonês e japonês que falavam um pouco de português." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 06)

Casos do cotidiano

"Até mamãe contava uma coisa muito engraçada, que era tudo pãozinho, né? Elas não queriam pãozinho, porque lá na terra dela era aqueles pãozão, sabe? (...) Então disse que elas começaram a dizer pro homem, que então eles comessem a emendar um pãozinho no outro (...). Aí quando chegaram no dia seguinte, ele fez um pão tão comprido, que precisava de duas pessoas pra carregar, alto e comprido. Disse que o pessoal quando, viram eles passando na rua, minha mãe falou: nós, eu e mais uma senhora estávamos carregando o pão, uma numa ponta e outra (...)." (Ecatérina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 07)

"(...) Disse que aquelas pessoas na rua estavam sempre lá, acostumado a sentar na rua, aquelas senhoras, ralando mandioca, mamãe falava que ficava tudo olhando assim e as crianças fugiam delas, porque elas vinham com aqueles lenço na cabeça, pensavam que eles eram ciganos. Então as crianças fugiam, porque cigano rouba criança (...)." (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 07)

Dinâmica de trabalho no cafezal

"4 horas da manhã... porque às 6 horas todo mundo tinha que estar no cafezal com a marmitta pronta, né? Então tocava, parece que às 4 horas tocava o sino, então preparava a família... porque todo mundo ia para a roça, né? Não tinha essa de ser mulher ou homem, todo mundo ia para a roça... para os pés de café. Então, às 4 horas a mulher preparava o almoço e quando eram 5 horas tocavam corneta que era para o pessoal ir saindo para o cafezal. (...)." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 07)

Novos hábitos alimentares

"(...) Então como não tinha mistura, não podia comprar essas coisas... então a gente ia para a roça e os nativos que ensinavam, a única coisa que japonês sabia que dava no mato e podia comer era mostarda... Os nativos foram ensinando, comer semente de picão, comer caruru, berduenga, então os nativos foram ensinando... ." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 09)

Implantação de novas culturas alimentares pelos imigrantes

"A família recebia... como é que eu vou dizer? Um determinado espaço de terreno de café para tratar, para carpir, e recebia um salário sobre aquilo lá. Depois no segundo ano, eles já deram um pedacinho de terreninho para cada um fazer sua plantação. (...) mas meu pai... aliás, a maioria dos imigrantes japoneses não queriam ser empregados, né? (...) então logo que podiam eles arrendavam uma terra, ou faziam outra coisa e saíam da fazenda. Porque na fazenda também era uma escravidão, né? (...) então meu pai logo que pôde começou a estudar – o que dá dinheiro logo, porque não tenho dinheiro nenhum -, disseram que plantando rabanete, que em 30 dias dava, alface em 60 dias. Então, arrendamos uma terra, no que hoje é o bairro do Matão, é uma cidade, mas naquele tempo era capoeira... aí ele limpou e plantou rabanete, aí depois carregava na cesta e vendia na cidade. (...) E aí quando puderam, começaram a plantar tomate, o piracicabano não conhecia tomate. Depois que os filhos de italianos, os italianos começaram a plantar tomate... que eles conheciam, mas os nativos daqui não conheciam o tomate." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 10)

Perseguição política

"(...) Porque mais do que japonês foi perseguido durante a guerra... italiano... alemão... mas japonês... a lei do país já condenava por ser japonês. Então nos fomos assim... muito menosprezados...(...) meu pai não podia viajar de jardineira (...). Japonês com japonês não podia falar japonês... não podia ter conta no banco... você não podia comprar terra... não podia fazer rodinha. (...) Então teve aqueles policiais, (...) chegavam no sítio (...) tomavam galinha, tomavam porco... e você ficava quieto, sem reação (...)." (Kazuo Miyazaki, Japão, chegada: 1929. Livro 109, p. 12)

Dinâmica do trabalho familiar

"(...) Aí ficamos muito contentes, imagine... E eles já sabiam um pouquinho de português e nós nada, que era muito difícil... chegar uma pessoa, não entender nada... Era muito difícil. (...) Meu pai ficou muito contente, porque estávamos trabalhando todos juntos, com

os filhos juntos, mulher... filhos... todos juntos. Porque lá na Lituânia um trabalhava longe do outro... e era muito sofrimento. Aqui não, aqui é clima bom... e nós logo nos acostumamos. Os lituanos logo inventaram de... fizeram fornos no quintal, construíram... compravam farinhas... iam em Mococa buscar as coisas... mantimentos... tudo (...).” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 09)

Trabalho no cafezal: ferramentas

“A gente levantava. Aí então pegava as ferramentas, enxada... um levava enxada. (...) Então nós íamos em três trabalhar, meu irmão, eu e meu pai. Pegava a enxada, botava no ombro e andava bastante... bastante... tinha que subir um pouquinho... tudo... porque os cafezais não ficavam aqui perto... ficavam sempre mais distantes. Vamos dizer, andava um quilômetro... assim... cantando... lituanos cantavam sempre. (...) Já tinham destinado para nós... chamavam lotes de milhares de pés de café, então esse lote era pra você trabalhar. Então capinava o capim, capinava para... enfim... tratar lá, ensinaram, tudo... O serviço era pesado, como era para mim... que nunca tinha trabalhado na terra assim. E trabalhava. Aí quando chegava lá para 10:00... 11:00 horas, mamãe trazia o almoço.” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 10)

“(...) Quando começava a clarear já tinha que sair porque demorava muito no caminho. (...) Tinha uns barrilzinhos... levava água, porque lá não encontrava água no cafezal... tinha que levar água sempre, muito calor, mosquitos. Muita gente dizia – não, porque tem muita cobra... não sei o que... tem bicho de pé..., e não... eu vi algumas cobras (...). Do bicho de pé... nós não sabíamos nem o que era isso... Mas tinha gente que sofria com isso. Mosquito tudo. (...) Aí voltava à tardinha, quando começava... ao escurecer para jantar em casa. Então, isso tudo dia.

Agora, aos sábados, era o dia mais alegre. Sábado então... vinham mais cedo, todos voltavam do trabalho mais cedo. Era aquele banho... aquela coisa... Os lituanos tinham cercados para plantar verdura... e faziam, (...) lá não tinha banheiros... tinha que preparar o banheiro fora. Então, os lituanos preparavam os banheiros (...), aqueles banheiros para tomar o banho... porque meu Deus do céu, o calor, tudo... então tinha aqueles chuveiros que os lituanos preparavam.

Bom... fazia de lata, faziam de balde... faziam de bacia, de tudo jeito... (...) banheiro com sacos... tudo improvisado. Então depois de tudo arrumado, perfumado tudo... aí juntavam-se as famílias conhecidas... todos no terreiro, e um trazia sanfona... outro cantando... outro tomava seus goles de pinguinha... outro isso... e cantavam muito, os lituanos cantavam sempre.”

Festa e sociabilidade nas fazendas

“E a noite dançavam... Precisava ver como os lituanos dançavam. Então tinha uma regra, que os brasileiros não podiam dançar junto. Porque as moças lituanas, loiras, bonita ser... e os brasileiros... sabe... não combinava... podia dar uma coisa que... não podia se misturar. (...) era uma ordem do administrador (...).” (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 11)

Migração nordestina: regiões de inserção de trabalhadores no interior do Estado

“(...) quem tinha parentes aqui tinha até direito de escolher, mas os que não tinham era o próprio serviço de migração que escolhia e obrigatoriamente dizia àquele grupo: – Vocês vão para Marília, vocês vão para Bastos, vocês vão para Araraquara, para aquelas cidades mais... onde o cultivo do café e depois do algodão era mais intenso. Ou senão onde as matas a serem derrubadas, porque na verdade, naquela época embora se dissesse que o migrante vinha para a agricultura, não! E se fosse para a agricultura era, simplesmente,

para serem colonos, como foram os italianos, como foram os europeus. Os nordestinos 70 também iam para serem colonos e se abrigarem nas mesmas casas de colonos, onde se abrigaram nos velhos tempos os europeus (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 20 e 21)

"Em Colina. Isso até dar um tempo de voltar. Porque o serviço de migração mantinha uma certa fiscalização. Distribuíam o pessoal e mantinha uma certa fiscalização se o pessoal realmente permanecia, ou se... porque não podia, por exemplo, chegar lá em Colina, num dia e no outro voltar. Tinha que permanecer. Podia até mudar depois, mas tinha que permanecer um certo tempo agregado ao local. Então nós tivemos que, embora o nosso destino fosse São Caetano, tivemos que ficar lá por volta de uns três meses (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 23)

"Quando nós chegamos o meu tio era casado com a minha tia Aurora, que era descendente de alemão. Meu tio baiano casado com uma alemã era uma coisa até certo ponto, nem era alemã; era alemã descendente de austríaco. Tanto é que o sobrenome dela era Niskus e os filhos eram Nelson, Neusa, Cleusa, Niskus Barbosa (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 23)

Módulo 6 (janelas)

A cidade: os bairros

"A cidade naquela época tinha um núcleo que era o Triângulo – a rua São Bento, a rua Quinze e a rua Direita, aquilo era só, né? Às 5 horas as famílias (...) vinham na rua Direita para fazer 'footing' – andavam pra lá, pra cá, e os rapazes (...) tirando linhas... E na rua São Bento tinha uma famosa confeitaria... (...) Nos domingos à tarde era a matinê do cinema." (Herbert Isnenghi, Áustria, chegada: 1920. Livro 04, p. 11). "Ah, naquele tempo que nós moramos no Brás? Ah, aquilo era divertido porque ali era tudo unido, a gente ficava de noite na rua, aquelas farras que eles faziam, não? Aquelas batucadas, mas não era batucada assim que nem agora, né? Negócio espanhol, porque tem muito espanhol lá no Brás, né? Então era isso... Também tinha a festa da Catalunha, e ficava até de manhã cedo." (Angela Aguilar Ortega, Espanha, chegada: 1925. Livro 13, p. 11)

"Ah, o Brás... O Brás era naquele tempo, quando criava a minha filha... então podia fazer cirandinha no meio da rua Casimiro de Abreu... as crianças brincavam... A gente levava as cadeiras na calçada, sentava lá... comia amendoim, brincava com os filhos, conversava... Porque não tinha rádio, não tinha televisão... não tinha nada, então aquele papo, aquela coisa, tudo calmo, sossegado... tudo muito parado, tudo vazio, muito calmo... era uma época... ." (Elena Vidmontas, Lituânia, chegada: 1927. Livro 60, p. 20)

"(...) E a São Caetano em particular, nós temos um bairro que é hoje conhecido como até cidade. Gerte é um bairro de maior comércio, de maior desenvolvimento, que é o bairro de Nova Gerte, antiga Vila Gerte, ela praticamente foi fundada, urbanizada, pelo migrante nordestino. Que aqui chegava, comprava a sua pequena área de terra em rua de terra, com água de poço, construía a sua casinha e ali passava a morar e trabalhar (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 26)

A cidade: lazer "(...) tinha o Roma, e o Santo Antonio do lado, ia muito, mas eu gostava do Roma porque era mais amplo, mais bonito, e passava só filme italiano, eu ia no cinema de segunda a segunda." (Luigi Grande, Itália/Egito, chegada: 1957. Livro 284, p. 19)

"Ia a pé. Eu ia a pé. Eu atravessava aquela rua Borges de Figueiredo, pegava a Presidente Wilson, depois eu atravessava aquele rio que tinha uma ponte, ali tinha uma ponte de madeira assim, né? Como fala, uma pinguela, eu atravessava ali e depois íamos a pé no Museu (...)." (Ecatérina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 13)

Cotidiano na cidade: miscelânea de culturas

"Vem! Inclusive também japonês, chinês e brasileiro vem. Quem conhece aqui vem pra cá. Agora, este restaurante não (...) fica numa avenida. (...) mas todo mundo vem aqui. É procurado!" (Choong Hyun Cho, Seul-Coreia, chegada: 1963. Livro 10, p. 05)

"(...) É um coisa curiosa, os nossos vizinhos, todos eles eram estrangeiros. Até meu pai comentava que nós tínhamos saído da Europa, por causa dos alemães e dos russos, entretanto, o vizinho da direita era uma família de descendentes de alemães, o da esquerda era uma família que era uma russa casada com um alemão. Os da frente eram alemães. Nós nunca tivemos nenhum problema com vizinhos. O pessoal em volta, inclusive, falava alemão entre si (...)." (Witold Zmitrowicz, Polônia, chegada: 1947. Livro 165, p. 07)

"(...) Lembro que o meu pai sempre falava: não falar pra ninguém que vocês são alemão na rua, que é muito perigoso! (...) Lembro que uma vez na Praça da Sé, (...) mataram um japonês de tanto bater nele (...). Foi uma coisa horrível, viu? Aquela gente massacrando os italianos, todo mundo que tem ver as pessoas que estavam aqui, com a guerra lá, daquele país?" (Ecaterina Linz Fernandes, Romênia, chegada: 1925. Livro 139, p. 13)

Inserção no mundo do trabalho

"Ah! (...) eu foi pra... ajudar um amigo, numa firma de vender as coisas chineses, né? Pra iniciar pegar um emprego porque eu perdi tudo e tem uma família de quatro pessoas, tem que viver, né? Eu não trouxe dinheiro, não fala nenhuma palavra português, aí pega qualquer emprego, ajuda a um amigo na firma dele vender coisas...(...) presente ou menos assim, pra começar (...) parece perto de Barão de Itapetininga (...)." (Joseph Chung Chien Liao, China, chegada: 1956. Livro 86, p. 20)

"(...) Até a década de 40 o nordestino que vinha para São Paulo obrigatoriamente tinha que ir para o interior. Só a partir do início de 1950 quando começou o desenvolvimento industrial de São Paulo e, particularmente, do grande ABC, da grande São Paulo, é que começou a crescer o êxodo de nordestino para São Paulo, aí já era liberado os nordestinos virem para os grandes centros e particularmente aqui a capital ou cidades vizinhas (...)." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 25)

"O nordestino, como foi no passado e no início da década de 50, chegava aqui sem documento (...), muitas das vezes ainda com uma simples certidão de nascimento e nada mais. E, consequência disso, era muito difícil a sua colocação nas indústrias que na época se desenvolvia. Porque ele não possuía, digamos assim, preparo funcional. (...) até pela sua própria condição de não ter qualificação profissional lhe restava os serviços mais pesados. E nós moradores de São Caetano (...), nos sentíamos penalizados com a situação daqueles nordestinos. E foi aí que surgiu a ideia de fundar uma entidade que pudesse dar um certo amparo àqueles nordestinos que aqui chegavam. Sem documento, com dificuldade de emprego, sem escolaridade nenhuma e foi que, após vários encontros desses nordestinos, decidimos pela fundação de uma sociedade (...) que recebeu a denominação de Sociedade Beneficente Brasil Unido." (Raimundo da Cunha Leite, Juazeiro-BA. Chegada a São Paulo: 1939. Livro 233, p. 25)

Os documentos

Fundos analisados

Documentação Hospedaria

Em seus 90 anos de história, a Hospedaria de Imigrantes acumulou um conjunto variado de documentos que expressam momentos do processo imigratório e migratório para São

Paulo. Em sua maior parte, estes documentos foram produzidos pela Secretaria da Agricultura e seus diversos Departamentos, mas o Fundo reúne, também, documentos produzidos por outras secretarias e órgãos, como: a Secretaria dos Negócios do Governo, o Departamento Estadual do Trabalho, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização, além dos registros produzidos pelas companhias de navegação, como é o caso das Listas de Bordo de Navios que aportaram em Santos.

No que se refere à rotina de funcionamento da Hospedaria, o acervo conta com 109 Livros de Registro de Imigrantes e Migrantes Alojados nas Hospedarias do Bom Retiro e do Brás, bem como organogramas que apresentam a organização da Hospedaria e seus diversos departamentos, durante o período de seu funcionamento. Do corpo documental referente à rotina da Hospedaria, foram escolhidos para compor o módulo III da exposição de longa duração, um Livro de Registro, uma planta do edifício, um organograma com o Esquema da Organização de Assistência aos Imigrantes e Trabalhadores Nacionais, e uma requisição de pagamento de serviços relacionados à introdução de imigrantes, feita pela

Secretaria da Agricultura.

Há documentos que registram a dinâmica da ocupação agrária do Estado, como os processos sobre a fundação dos Núcleos Coloniais, bem como sua dinâmica de desenvolvimento. De forma geral, o acervo da antiga Hospedaria de Imigrantes compõe-se de um conjunto variado de documentos que incluem: processos administrativos, mapas e plantas, relatórios, quadros estatísticos, requisições, que foram selecionados para compor o módulo V da exposição de longa duração. Além dos documentos oficiais, encontram-se vários documentos pessoais de imigrantes que passaram por suas dependências, como passaportes e cartas de chamada que, juntamente com as Listas de Bordo de passageiros e quadros estatísticos, foram selecionados para fazer parte do Módulo IV. Para este Módulo também foram selecionados alguns artigos do jornal "A Província de São Paulo", pertencentes ao acervo do Arquivo do

Estado de São Paulo, e que tratam, sobretudo, da política imigratória implementada pelo governo no final do século XIX.

O acervo da antiga Hospedaria de Imigrantes também guarda documentos de outros órgãos do governo paulista, como os da Delegacia Especializada de Estrangeiros. O acervo iconográfico e a seleção das fotografias

Fotografias e objetos compõem um conjunto de representações imateriais e materiais que humanizam o processo da imigração e da migração para São Paulo, pois colocam os imigrantes e migrantes no primeiro plano de uma história que muitas vezes apreendemos apenas por seus elementos macroeconômicos.

O acervo iconográfico da Hospedaria dos Imigrantes é um importante instrumento para a reconstrução dessa memória dos movimentos migratórios e seus personagens, uma vez que conta com fotografias produzidas, principalmente, entre as décadas de 1930 e 1940, que registram de forma bastante rica o cotidiano da Hospedaria e suas atividades ligadas aos serviços de imigração, colonização, recepção e encaminhamento da mão de obra. Vale lembrar que o Memorial do Imigrante possui parte desse acervo digitalizado.

Diante da riqueza do material iconográfico, as imagens foram utilizadas largamente para compor alguns módulos da exposição de longa duração. Para o Módulo III, foram selecionadas fotografias que retratam o cotidiano da Hospedaria, com base no tripé – recepção, triagem e encaminhamento – que estruturava os serviços da instituição durante seus 90 anos de funcionamento.

Para o Módulo IV foram selecionadas imagens tanto do embarque nos navios na Europa, quanto cenas da chegada dos imigrantes ao Porto de Santos. Também farão parte do módulo fotografias do transporte de trem dos imigrantes até a Hospedaria e de sua chegada ao prédio. Além disso, existem imagens riquíssimas dos migrantes na ocasião de sua chegada, inclusive enquanto aguardavam ser encaminhados para os hotéis que ficavam nas imediações da Hospedaria e que serviam de alojamento para essas pessoas, nos períodos de grande intensidade de movimento de migrantes, em que todos os leitos da Hospedaria estavam ocupados.

A inserção dos imigrantes e migrantes no interior paulista também nos legou um conjunto variado de imagens que são testemunhas dos muitos momentos de um vivido variado e rico de manifestações e que, atualmente, integram o acervo iconográfico do Memorial do Imigrante. Para o Módulo V, foram selecionadas cenas do cotidiano do trabalho, festas religiosas, escolas de comunidades, reuniões familiares e paisagens rurais e urbanas que formam um caleidoscópio de registros, que transcende o tempo e no aproxima destes homens, mulheres e crianças, muitos deles semelhantes a nossos próprios antepassados. No Módulo VI da exposição de longa duração estarão presentes imagens da cidade de São Paulo no início do século XX, que retratam o desenvolvimento urbano do qual ela foi palco, bem como a riqueza cultural advinda com a chegada desses imigrantes que, por fim, se estabeleceram na cidade.

Reserva Técnica e a seleção dos objetos

A Reserva Técnica do Memorial do Imigrante tem sob sua guarda móveis e utensílios que fizeram parte dos antigos ambientes da Hospedaria dos Imigrantes, e que serão utilizados no Módulo 3.

Este acervo também revela parte do cotidiano destes homens, mulheres e crianças, que são parte da História da Imigração para São Paulo. Instrumentos de trabalho, peças de decoração, móveis, instrumentos musicais, utensílios de cozinha, roupas típicas, entre outros, nos remetem a outro tempo histórico e social, cujas condições materiais de vida eram bem diferentes das nossas. Alguns desses objetos estarão presentes, sobretudo, no Módulo 5 da exposição de longa duração, conforme detalhamento em planilha anexa.

Listagem do acervo museológico que comporá a nova Exposição de Longa Duração do Museu da Imigração

Imagem	Nº Tombo	Discriminação	Nº Patrimônio	ALTURA	X	LARGURA	X	COMPRIM / ESPESS
	- Mobiliário	Módulo III – Hospedaria		CM	X	CM	X	CM
	o0000001	POLTRONA GIRATÓRIA	1386	104,5	X	54,7	X	52
	o0000003	POLTRONA GIRATÓRIA		84	X	54,5	X	58
	o0000004	POLTRONA GIRATÓRIA		79	X	54	X	64,5

		o0000005	POLTRONA GIRATÓRIA	1392	105	X	55,5	X	52
		o0000007	POLTRONA GIRATÓRIA	1387	76	X	51,5	X	46
		o0000008	POLTRONA GIRATÓRIA	1393	87	X	56	X	47
		o0000010	POLTRONA GIRATÓRIA	1388	87	X	57,5	X	46,5
		o0000046	ESCRIVANINHA	1408	61,5	X	100	X	52,5

		o000077	ARMÁRIO		151	X	51,5	X	36,5
		o000078	MESA		66	X	61	X	195
		o000080	CRIADO-MUDO		91	X	53	X	40,2
		o000081	MESA		81	X	63	X	36,5
		o000088	APARADOR DE BARBEARIA	1725	93	X	35	X	33

		o0000119	ARMÁRIO DE FICHAS	1418	100	X	111.5	X	52.5
		o0000120	ARMÁRIO DE PLAQUETAS DE GRÁFICA	1405	80.5	X	46	X	60.5
		o0000122	ARMÁRIO (CRISTALEIRA)	1407	180	X	100.5	X	49.5
		o0000124	SOFÁ		78	X	134.5	X	81
		o0000125	POLTRONA		79.5	X	70	X	81
		o0000132	ESCRIVANINHA	1414	80	X	112	X	80

		o0000133	MESA		81	X	145.5	X	86.5
		o0000138	ARMÁRIO		80.5	X	56	X	43
		o0000139	BANHEIRA		92	X	71	X	39
		o0000140	CADEIRA DE DENTISTA		102	X	47.5	X	113
		o0000141	POLTRONA GIRATÓRIA		101	X	56	X	60

		o0000142	POLTRONA GIRATÓRIA		75,5	X	55,5	X	64
		o0000143	ESCRIVANINHA		102	X	139	X	80
		o0000144	PAPELEIRA		162,5	X	52	X	40
		o0000146	PAPELEIRA		153	X	37	X	47
		o0000147	ARQUIVO		141	X	108,5	X	41,5

	o0000148	MESA		151	X	180,5	X	75
	o0000149	BERÇO		110	X	42,5	X	84,5
	o0000152	ARMÁRIO		211	X	164	X	52
	o0000160	CAMA		155	X	81	X	186
	o0000161	CAMA		101	X	72	X	194
	o0000804	BANCO		87,5	X	102	X	44

	o0002084	MESA DE ESCRITORIO		78	X	130	X	32
	o0002124	BARBEARIA		210	X	596	X	99
		cadeiras		118	X	64,5	X	99
	o0003150	CHAPELEIRA		183	X	50	X	23
	o0003170	CADEIRA DE DENTISTA		120	X	60	X	180
		- Objetos enfermaria						
	o0000095	APARELHO OFTÁLMICO		143	X	40	X	54,5

		o000096	INSTRUMENTO OFTÁLMICO		134	X	55	X	40
		o0000131	CADEIRA		107	X	67	X	1154
		o0000134	LATA DE LIXO		41	X	45,5	X	45,5
		o0000135	BALDE HOSPITALAR		46	X	32,5	X	32,5
		o0000136	BRAÇADEIRA		120	X	30,5	X	26

	o0000137	ESCADA		38	X	35,5	X	38
	o0000153	AUTOCLAVE			X		X	
	o0000154	MÁQUINA PICA-PAU		153	X	48	X	66
	o0000157	BIOMBO		174	X	153	X	53
	o0000158	BIOMBO		174	X	194	X	53

	o000159	CARRINHO HOSPITALAR		86	X	54	X	117
	o0001572	MALETA COM ELETROCHOQUE		10	X	33,5	X	23
	o0001616	INSTRUMENTO GINECOLOGICO		10	X	21,3	X	8
	o0001617	TESOURA CIRÚRGICA		1	X	34,5	X	10,4
	o0001618	INSTRUMENTO CIRÚRGICO		0,5	X	9,5	X	2,5
	o0001619	PINÇA CIRÚRGICA		1,5	X	13,3	X	3,2
	o0001620	ALICATE CIRÚRGICO		2,6	X	14	X	6,1

		o0001621	BISTURI		0,4	X	15,5	X	1
		o0001622	AGULHAS CIRÚRGICAS		17	X	1	X	1
		o0001623	CAIXA DE INSTRUMENTO HOSPITALAR		14,5	X	40,5	X	32
		o0001638	SERINGA		3	X	15	X	3
		o0001641	SERINGA		3	X	15	X	3,5
		o0001642	BALANÇA		32	X	14	X	30
		o0001646	SERINGA		2,3	X	12	X	2,6

		o0001647	SERINGA	1678	2,6	X	9,9	X	2,4
		o0001651	SERINGA		2,5	X	20,3	X	5
		o0001654	AQUECEDOR DE CHUVEIRO	1310	85	X	41	X	36
			- Objetos escritório						
		o0000126	PROJETOR DE FILMES		183	X	45	X	134,5
		o0000214	RELÓGIO DE PAREDE	1167	57	X	31	X	15,5

	o000272	ESTILETE DE ABRIR CARTA	842	21,5	X	2	X	2
	o000299	ÓCULOS - METAL DOURADO	384	3,5	X	10,5	X	1,5
	o000300	PINCE-NEZ - ALEMANHA	383	4	X	12	X	0,5
	o000349	RELÓGIO DE MESA	848	11	X	8,5	X	8
	o000366	ALTÍMETRO - OTA	336	1,5	X		X	diâmetro: 4,9
	o000389	PORTA COLA	1014	6,5	X	9,4	X	5
	o000392	CANETA TINTEIRO		17,3	X		X	diâmetro: 1

	o0000395	CANETA DE PENA		17,3	X		X	diâmetro: 1
	o0000398	PENAS (ESCRITA)		4,3	X	0,8	X	0,3
	o0000404	ESPATULA - ABRIDOR DE CARTAS	388	5	X	20	X	16
	o0000406	GRAMPEADOR		10,7	X	18,5	X	10,7
	o0000409	FURADOR DE PAPEL		16,5	X	16,5	X	10,5
	o0000414	APONTADOR DE LÁPIS		10,5	X	6	X	13
	o0000415	APONTADOR DE LÁPIS		9,5	X	4,7	X	10,5

		o0000417	MATA-BORRÃO	847	7,5	X	18,3	X	8,5
		o0000419	FURADOR DE PAPEL		6	X	14	X	10
		o0000421	PORTA-CARIMBOS		18,5	X		X	diâmetro: 10
		o0000422	CARIMBO		6,9	X	2,9	X	2,8
		o0000423	CARIMBO		7,3	X	5,3	X	2,3
		o0000428	CARIMBO		8,3	X	22	X	2,7
		o0000869	CARIMBO		6,2	X	3	X	5,3

		o000888	VIDRO DE TINTA		5	X	3,5	X	3,5
		o000892	CALCULADORA		14	X	25,5	X	22
		o000907	FURADOR DE PAPEL		12,5	X	11,3	X	15
		o0001556	MÁQUINA DE ESCREVER		23	X	51	X	42
		o0001523	MÁQUINA DE ESCREVER - UNDERWOOD	5	14	X	28,5	X	31,5
		o0001545	MÁQUINA DE ESCREVER		14	X	28,5	X	31,5
		o0001830	RELOGIO DE PAREDE		56	X	32	X	12

		o0002070	MATA-BORÃO		9,9	X	18	X	8
		o0000905	CAPA DE FICHÁRIO		4	X	26,5	X	27,3
		o0002180	CAPA DE FICHARIO		4	X	38	X	26,2
		o0002910	PLACA	963	15	X	34,9	X	0,1
		o0002911	PLACA	963	35	X	10	X	2
		o0002912	PLACA	963	5	X	17	X	5
		o0002914	CARIMBO MARCA D'AGUA		7,8	X	12	X	4,2

		o0002915	CARIMBO MARCA D'AGUA		7,4	X	11,7	X	46
		o0000145	MIMIÓGRAFO		123	X	64	X	65
			- Objetos barbearia						
		o0000247	PORTA APARELHO DE BARBEAR	315	2	X	9,7	X	4,5
		o0000248	CAIXA COM OBJETOS DE HIGIENE PESSOAL	1208	17	X	30,5	X	23
		o0000249	KIT DE BARBEARIA	1211	14	X	19,4	X	9,2
		o0000254	NAVALHA	886	1,2	X	22,5	X	1,7

		o0000255	NAVALHA		2	X	15	X	0,8
		o0000256	NAVALHA - SOLINGER BEST SEVE STEEL	1019	0,9	X	21,8	X	1,7
		o0000262	FRISADOR DE CABELO	311	8	X	28,5	X	2
		o0000265	NAVALHA		2,5	X	15,5	X	0,5
		o0000276	PINCEL PARA BARBEAR	1210	3	X		X	diâmetro: 2
		o0000278	TESOURA	1210	17	X	5	X	1
		o0000287	TESOURA	328	5	X	16,5	X	0,5

		o0000292	KIT PARA BARBEAR (POTE PARA ESPUMA)	1587	14	X	10	X	10
		o0000293	ESPANADOR DE CABELO		10	X	20	X	2
		o0000875	MÁQUINA DE CORTAR CABELO		3,5	X	8	X	17,2
		o0000877	PINCEL DE BARBEAR		8	X		X	diâmetro: 2,8
		o0000915	PENTE		0,5	X	1,5	X	12
			- Objetos cozinha						
		o0000898	ESCUMADEIRA	643	7,5	X	9	X	37

		o000899	CONCHA	638	3,5	X	6,4	X	34,6
		o000900	ESCUMADEIRA	618	4	X	10	X	42,2
		o000926	ESCUMADEIRA	613	6,5	X	21,5	X	67,5
		o000928	CONCHA	640	10	X	13,8	X	45
		o000929	CONCHA	639	8,5	X	9,9	X	24,7
		o000930	INCENSÓRIO		21,5	X		X	diâmetro: 12,5
			Módulo IV – Deslocamento						
			- Malas						

	o000063	MALA		14,5	X	55	X	30
	o000064	MALA		24,4	X	70	X	43
	o000066	MALA	1069	31	X	95,5	X	53
	o000069	BAÚ ARMÁRIO	1419	54,5	X	101,5	X	57
	o000073	BAÚ	539	59,5	X	101	X	52
	o0000173	MALA	1146 (3)	37,5	X	55,5	X	78,5

		o0000174	MALA	1146 (2)	29	X	5	X	51
		o0000175	MALA	1147 (5)	33,5	X	77,3	X	51,2
		o0000176	MALA	1146 (5)	20	X	74,7	X	51,2
		o0000177	MALA	1146 (4)	21,9	X	72	X	45,5
		o0000178	MALA	1146 (1)	27,6	X	86,4	X	51,2
		o0000179	MALA	1146 (6)	22,5	X	81,4	X	53
		o0000180	MALA			X		X	

	o0000181	BAÚ	1147 (3)	83,5	X	110	X	70
	o0000182	BAÚ - ARMÁRIO	1144	110	X	62	X	62
	o0000183	BAÚ	1147 (1)	70	X	100	X	100
	o0000184	BAÚ	1147 (4)	51	X	45,5	X	90
	o0000185	BAÚ	1147 (2)	69,3	X	116	X	70
	o0000189	MALA	536	22,5	X	79,5	X	47

		o0000190	MALETA (VALISE)	1148	24,5	X	41	X	20
		o0000191	MALETA	1207	29	X	44,5	X	24
		o0000192	MALETA	1066	23	X	31,5	X	23,5
		o0000193	MALETA	1140	27	X	26,5	X	29
		o0000194	MALETA		36,5	X	44,5	X	36,5
		o0000195	MALETA	1067	11,5	X	38	X	25
		o0000196	MALETA		26	X	30,5	X	26

		o0000197	MALETA	1051	15	X	49	X	36
		o0000198	MALA	739 (1)	28	X	74,5	X	55
		o0000199	MALA	739 (2)	21	X	59,5	X	49
		o0000200	MALA	1050	17	X	59,5	X	42
		o0000201	MALA	1049	21,5	X	75,5	X	45
		o0000202	MALA	1146 (7)	17,5	X	60	X	45
		o0000204	MALA		19	X	73,5	X	45,5

		o000205	MALA	1068	18,5	X	65	X	42,5
		o000206	MALA		16,4	X	51,2	X	39,3
		o000207	BAÚ	1147 (6)	51	X	90	X	54
		o000210	MALA		37,5	X	104	X	55
		o000211	MALA		34	X	109	X	61
		o0002556	MALETA - PORTA CHAPEU	537	31	X	57	X	51,5
		o0002557	BAÚ	542	66	X	100	X	51,5

		o0002558	MALA		12,5	X	49,9	X	32
		o0002559	MALA	1049	38	X	105	X	55
		o0002560	BAÚ		35,5	X	99,5	X	52,5
			- Objetos						
		o0000274	AGULHAS (3 UNID.)	391	0,2	X	11	X	0,2
		o0000289	TESOURA DE COSTURA	325	4,5	X	9,2	X	0,5
		o0000246	LATA PÓ DE ARROZ	931	2	X	5	X	5
		o0000250	PORTA JOIAS	915	9	X	32,5	X	23,5

	o0000534	COFRE		7,9	X	12,4	X	6,4
	o0000545	CARRO - MINIATURA		21,5	X	20,5	X	10,8
	o0000546	CARRO - MINIATURA		14	X	12	X	27
	o0000547	MATRIOSHKA		14	X		X	diametro: 27,5
	o0000548	MATRIOSHKA		37,5	X		X	diametro: 50
	o0000555	BIBELÔ (KOKISHI)		9	X	3,8	X	1
	o0000556	BIBELÔ (KOKISHI)		9,8	X	3	X	1
	o0000558	BIBELÔ (KOKISHI)		10	X	3	X	21

	o000559	BIBELÔ (KOKISHI)		6,2	X	4	X	25
	o000560	BIBELÔ (KOKISHI)		6,2	X	4	X	25
	o000819	CANECAS	760	8	X	13	X	diâmetro: 8,5
	o000904	SACO - FARNEL DE VIAGEM		31,2	X	24,5	X	
	o0001211	CAPA DE PASSAPORTE		14,7	X	10,8	X	1
		Módulo V - Campo						
		- Balanças						
	o0000984	BALANÇA - MINIATURA		8,7	X	14	X	diâmetro: 7

	o0001429	BALANÇA	532	24,9	X	17	X	15,7
	o0001532	BALANÇA - COLUMBIA	528	23	X	19	X	16
	o0001533	BALANÇA	1581	15	X	13	X	36,5
	o0001534	BALANÇA	529	20	X	28,5	X	62,5
	o0001535	BALANÇA - FILIZOLA	1350	28	X	24	X	59,5
	o0001542	BALANÇA	526	22,3	X	70,5	X	28,2
	o0003018	PRUMO		9	X	3,6	X	3,6
	o0003038	LUSTRE / FRAGMENTO		24	X		X	diâmetro: 13

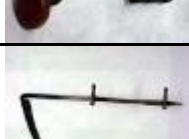
		o0003110	PESOS PARA BALANÇA (3 UNIDADES)		9	X		X	diâmetro: 5
		o0003113	PESOS PARA BALANÇA (3 UNIDADES)		8	X		X	diâmetro: 5
			Ferramentas						
		o0001332	ENXADA - KUWA		12	X	30	X	98
		o0001333	MACHADO	1062	4	X	19,5	X	63
		o0001334	MACHADO - ONO		2,8	X	15,5	X	69
		o0001335	MACHADINHA PARA CANHOTOS - NATA	1274	18,5	X	10	X	17
		o0001336	MARTELO	1042	3	X	25,5	X	11

		o0001338	MACHADINHA - NATA	1237	3,5	X	43	X	6
		o0001339	FOICE - KAMA	1272	2,7	X	41	X	13
		o0001340	ENXADA - KUWA	1271	11	X	31	X	91
		o0001359	ARCO DE PUA	1716	18	X	7,5	X	38
		o0001360	ARCO DE PUA		12,5	X	4	X	31,5
		o0001363	ALICATE DE PONTA FINA		19	X	4,5	X	1
		o0001364	PINÇA	1031	35	X	4	X	2
		o0001365	ALAVANCA	1075	4,5	X	2,5	X	37

		o0001366	FITA MÉTRICA	1043	2,5	X		X	diâmetro:11,5
		o0001368	CADEADO COM CHAVE	1008	7,5	X	5	X	1,5
		o0001369	TESOURA	1628	18	X	6	X	5
		o0001370	ALICATE	1239	17	X	4,5	X	1
		o0001371	ALICATE		21	X	4,5	X	1
		o0001374	MACHADO	1021	21	X	4,5	X	8,5
		o0001375	MARTELO	1282	26,5	X	10	X	4

		o0001376	FORMÃO		28	X		X	diâmetro: 4,4
		o0001382	PONTEIRO		35	X	3,2	X	3,2
		o0001383	MAÇARICO	1703	9,5	X	5,3	X	37
		o0001384	TENAZ	1044	29	X	6,5	X	3,5
		o0001385	PICARETA		2	X	3,5	X	15
		o0001386	ARCO DE SERRA	1636	9	X	47	X	3
		o0001387	FERRO DE SOLDA	1691	21	X	4,5	X	2,5

	o0001388	PARAFUSO	1321	22,5	X	2,5	X	1
	o0001390	TALHADEIRA	1047	17,5	X	2,5	X	2
	o0001393	TALHADEIRA		24	X	2,5	X	1,7
	o0001395	GUILHERME	1643	7	X	47,5	X	4,5
	o0001396	MARTELO		21	X	17,5	X	4
	o0001397	CHAVE INGLESA (GRIFO)	1306	23	X	5,7	X	2
	o0001398	ENXO	1687	27	X	16,5	X	4,3

	o0001399	SERROTE	1039	12	X	2	X	60
	o0001400	SERROTE	1041	10	X	2	X	35
	o0001401	SERROTE DUPLO		66	X	10,5	X	2,5
	o0001422	MARTELO		24	X	11	X	2
	o0001423	ARCO DE PUA		16,5	X	8	X	31
	o0001570	FOICE		140	X	60	X	19

	o0001657	ARREIOS, CINTO PARA MONTARIA E CELA DE MONTARIA	796 / 1280 / 1281	80	X	55	X	62,5
	o0001670	BIGORNA	1081	15	X	35,5	X	10
	o0001675	SERROTE	1238	2	X	13	X	57,5
	o0001680	MARTELO SEM CABO	1322	2,5	X	2,5	X	10
	o0001684	CADEADO		7	X	4,5	X	1,5
	o0001721	GOVÊTA		15	X	15	X	23
	o0001728	ENXADA		10	X	9,5	X	32

	o0001845	RASTELO		181	X	19	X	56,5
	o0001846	ENXADA	1142	172	X	20	X	45
	o0002554	RASTELO - GARFO		16	X	29	X	95,5
	o0003010	MACHADO		3,4	X	48,2	X	15,2
	o0003160	CARROÇA DE FERRO VELHO		130	X	102	X	193
		- Instrumentos musicais e rádios						
		GAITA	998	1,3	X	5,3	X	15

		o0000751	RÁDIO BATATA (RÁDIO CAPELA)	953	35,3	X	33	X	23,5
		o0001485	RÁDIO	942	38,5	X	58	X	26,5
		o0001486	RÁDIO	1620	35,5	X	56	X	29,5
		o0001491	RÁDIO MULLARD	941	47	X	332	X	20
		o0001717	SANFONA		32	X	26,5	X	14
		o0001718	SANFONA	999	40	X	36	X	19,5
		o0001719	SANFONA	1231	35	X	30	X	17

		o0001720	ACORDEÃO	1000	48	X	35	X	20
			- Lamparinas						
		o0000768	LAMPIÃO A QUEROSENE	807	14,5	X		X	diâmetro: 16
		o0000772	LAMPARINA	1006	11	X		X	7,7
		o0000781	LAMPIÃO	903	31	X		X	diâmetro: 12,6
		o0000783	LAMPARINA	827 / 1598	25	X	9	X	9

	o0000791	LAMPARINA	816	9,7	X		X	diâmetro:10,5
		Utensílios de cozinha						
	o0000564	BILHA - MINIATURA	1221	12	X		X	diâmetro: 7
	o0000565	TALHA - MINIATURA	1221	10	X	9	X	6
	o0000566	JARRA - MINIATURA	1221	4,1	X		X	diâmetro: 3,7
	o0000567	MORINGA - MINIATURA		12	X		X	diâmetro: 6,5
	o0000680	PESSANKAS	1192	32	X		X	diâmetro: 16
	o0000753	MOEDOR DE CAFÉ	500	31	X	28	X	20

		o0000792	FOGAREIRO		21,5	X		X	diâmetro:26
		o0000813	BULE	707	20	X	22	X	11
		o0000815	CAÇAROLA - CALDEIRÃO	766	18,5	X	18	X	12,5
		o0000816	BULE		11	X	17,5	X	diâmetro: 9
		o0000817	JARRA	695	12,5	X	11,5	X	diâmetro: 5,5
		o0000818	AÇUCAREIRO	760	12	X	17	X	diâmetro: 11
		o0000821	CAFETEIRA - IUGOSLÁVIA, 1944	1126	10,5	X	24	X	9
		o0000964	CANTIL		21	X	12,7	X	70

		o000976	MARMITA	775	6,5	X		X	diâmetro: 12,5
		o0001004	TORRADOR DE CAFÉ		74	X	23,5	X	26,5
		o0001013	MOINHO DE CAFÉ (MOEDOR)	1153	34	X	12,5	X	22,5
		o0001026	CHALEIRA		26	X	37,3	X	16,7
		o0001439	PILÃO COM SOCADOR	568	8,3	X	12,2	X	23
		o0001441	CALDERÃO		37,7	X	30	X	28,5
		o0001443	BALDE	1057	35	X		X	diâmetro: 29,5

		o0001444	ASSADOR PORTATIL	837	34,5	X	19,5	X	15
		o0001449	DOSADOR	1696	28	X	30	X	11,7
		o0001459	FERRO À CARVÃO	499	19	X	22,5	X	11,5
		o0001460	FERRO À CARVÃO	465	20	X	9	X	21
		o0001462	FERRO DE PASSAR ROUPA	496	15	X	8,7	X	16,5
		o0001464	FERRO Á CARVÃO	494	20	X	9	X	23,5
		o0001475	FERRO A CARVÃO	508	19,5	X	9,5	X	20

		o0001663	FOLE DE FORJA	822	35	X	13	X	4,6
		o0001780	REGADOR DE ÓLEO		6	X	21	X	diâmetro: 10
		o0001811	FORMA PARA BOLO	776	9	X		X	diâmetro: 20
		o0001831	CHALEIRA		24	X	16	X	24
		o0001840	MOEDOR DE CAFÉ		20	X	13	X	13
		o0003121	TALHERES DE MADEIRA (4 UNIDADES)	628	45	X	9,5	X	4
			Módulo VI – Cidade						
			- Chapéus						

		o0001045	KEPAH	1187	8	X		X	diametro: 15,5
		o0001053	CHAPÉU	193	8	X	18	X	17,5
		o0001055	CASQUETE	208	11,5	X		X	diametro: 22
		o0001059	BOINA	1245	8	X		X	diametro: 22
		o0001060	BOINA	306	9	X		X	diametro: 25
		o0001077	CHAPÉU	1243	14	X	21	X	24
		o0001078	CHAPÉU		12	X	24	X	27,5
		o0001093	CASQUETE	165	13,5	X	28	X	31,5

	o0001108	CHAPÉU	1610 (2)	13	X	21	X	23,5
		- Objetos diversos						
	o0000794	GARRAFA DE LEITE	706	29	X		X	diâmetro: 9
	o0001531	PROJETOR DE FILMES	1082	35,5	X	22	X	36
	o0001896	GRAMOFONE		38	X	24,5	X	24,5
	o0001910	DISCO			X		X	diâmetro: 25

									
		o0001911	DISCO			X		X	diâmetro: 25
									
		o0001919	DISCO			X		X	diâmetro: 25
									
		o0001934	DISCO			X		X	diâmetro: 30
									
		o0002479	REVISTA "SOCIEDADE BENEFICENTE ALEMÃ"	1624	26	X	17,7	X	1
									
		o0002853	FOLHETO "CIRCLO ITALIANO SAN PAOLO - BRASIL - ETATUTO - 1990"		20,8	X	13,7	X	0,2

	o0002854	FOLHETO "TEATRO MUNICIPAL - 1973"		22,5	X	16	X	0,3
		Módulo VIII						
	o0002903	TELHA		Alt: 25, Larg: 43, Espessura: 03				
	o0000634	LADRILHO						
	o0002318	MAQUETE						
	o0002902	TIJOLO						

**INSTITUTO DA ARTE
DO FUTEBOL BRASILEIRO**
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA



	o0002904	BEBEDOURO						
---	----------	-----------	--	--	--	--	--	--

Meta 6 - Avaliar e acompanhar os desdobramentos do Plano Museológico existente no que se refere ao Programa de Acervo

A equipe do Instituto da Arte do Futebol Brasileiro tem participado, sempre que necessário, de reuniões para a discussão das questões relativas ao acervo do Memorial do Imigrante. No período que compreende este relatório, o acervo arquivístico foi priorizado: realizamos uma série de encontros e reuniões para avaliar o trabalho que vem sendo executado pelo Arquivo do Estado de São Paulo, visando à proposição de ações de extroversão (emissão de certidões, atendimento a pesquisadores, etc.) e ações de aprimoramento do tratamento deste acervo (intervenções de restauro, re-organização documental, proposta de digitalização e microfilmagem, etc.)

Meta * - Transferência do acervo arquivístico

O acervo arquivístico foi transferido temporariamente para o Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) no início do contrato de gestão firmado entre o IFB e a SEC, a saber, entre os dias 27 e 29 de dezembro de 2010. Esta transferência foi coordenada pela equipe do Arquivo do Estado e acompanhada pela equipe do Instituto da Arte do Futebol Brasileiro e pela equipe da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico. Abaixo segue relatório da transferência elaborado pelo Arquivo Público do Estado.



Arquivo Público do Estado de São Paulo

ACERVO MEMORIAL DO IMIGRANTE

CENTRO DE PRESERVAÇÃO
Diretor Marcelo Lopes

NÚCLEO DE CONSERVAÇÃO

As atividades de preparação e acondicionamento do acervo do Memorial do Imigrante, realizadas nos dias 27 e 28 de dezembro de 2010, contaram com uma equipe de 22 profissionais do Arquivo Público do Estado de São Paulo, e foram coordenadas pelo Centro de Preservação.

A equipe do APESP embalou e acondicionou todo o acervo, além de numerar todas as caixas e volumes: Fichários, mapotecas e arquivos de aço foram reforçados com filme stretch, livros de grande formato e embrulhos foram embalados em plástico-bolha e demais caixas-arquivo foram acondicionadas em caixas de papelão.

A partir do recebimento do acervo do Memorial do Imigrante, transportado no dia 29 de dezembro de 2010, o Núcleo de Conservação do Arquivo pôde verificar mais detalhadamente o estado de conservação do material recebido e acondicionado no APESP para iniciar o planejamento de intervenções no Acervo.



Colocação do filme stretch nos fichários e mapotecas



Acondicionamento dos livros de grande formato em plástico-bolha



Acondicionamento dos livros de grande formato em plástico-bolha



Transporte dos fichários pela equipe da transportadora



O transporte foi acompanhado pelas equipes do APESP, Secretaria da Cultura e Instituto da Arte do Futebol Brasileiro

DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

FICHÁRIOS

A documentação presente nos fichários de aço apresenta deformidade do suporte, causado pelo acondicionamento/posicionamento incorreto das fichas. As gavetas apresentam excesso de documentação, o que ocasionou o abaulamento do suporte, degradação das bordas e o rompimento das fibras. Toda a documentação apresenta sujidades superficiais e manchas.



Fichas rasgadas e com sujidades



Fichas dobradas e abauladas

ENCADERNADOS

Os encadernados apresentam fragilidade na costura, perda de suporte da capa, sujidades, vestígios de infestação (em alguns casos infestação ativa de insetos xilófagos – brocas e traças), manchas, partes faltantes, alteração da cor do suporte, alteração da cor do pigmento e fitas adesivas.



Encadernados com resquícios de infestação de insetos



Encadernado com resquícios de ataque de brocas

CAIXAS DE POLIPROPILENO

Os materiais presentes nas pastas de polipropileno apresentam sujidades, deformações nas bordas (por causa do excesso ou da pouca quantidade de materiais dentro do invólucro), acondicionamento primário em material ácido (pH 5, avaliação feita com fitas indicadoras de pH), manchas, vincos, dobras, elementos metálicos, oxidação, rompimento das fibras, áreas faltantes, alteração da cor do suporte, alteração da cor do pigmento, ataque microbiológico, fitas adesivas e intervenções anteriores incorretas.



Documentos com bordas amassadas e rasgadas



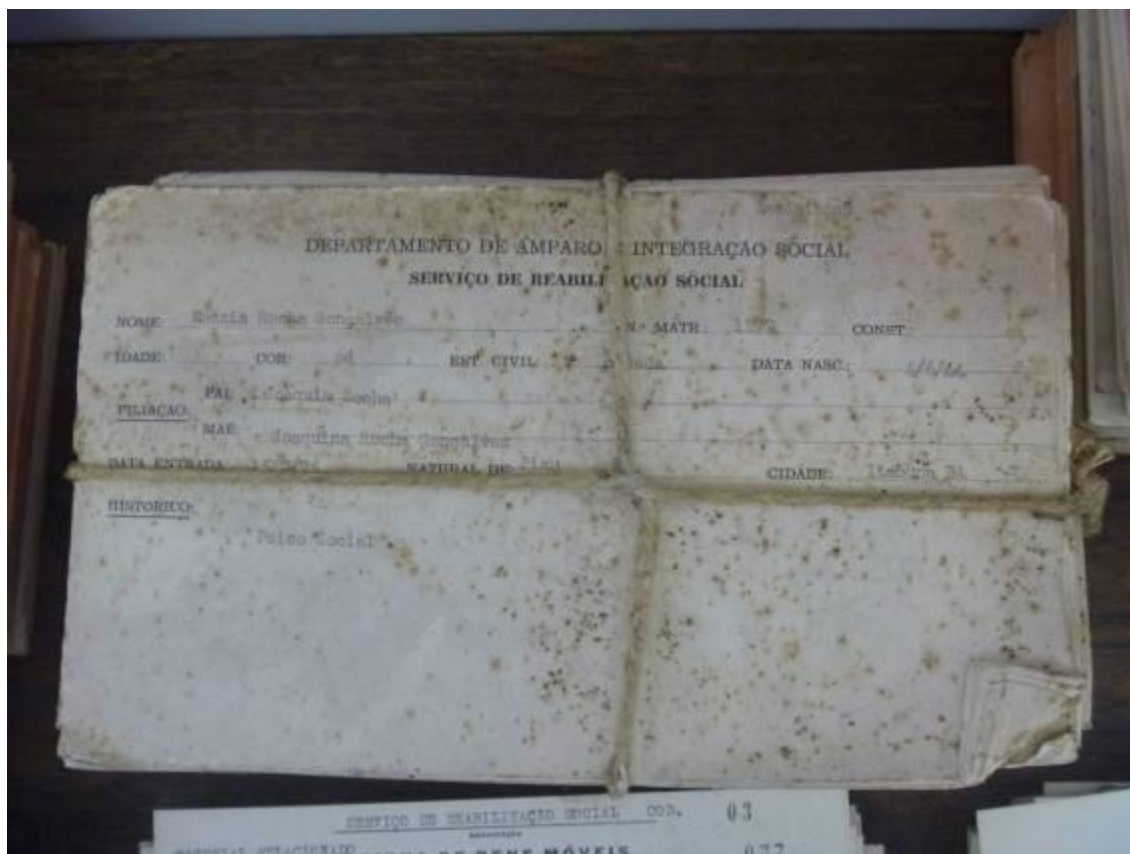
Documentos com perdas e zonas separadas

CAIXAS DE PAPELÃO

As caixas de papelão possuem documentos avulsos e encontram-se em acondicionamentos primários incorretos ou sem acondicionamento, ocasionando danos no suporte tais como quebras, dobras e vincos. Os materiais também apresentam sujidades, possuem elementos metálicos, fitas adesivas, oxidação, perda de suporte e ataque microbiológico.



Documentos amarrados inadequadamente



Documentos com excesso de sujidades e amarrados inadequadamente

CAIXAS ARQUIVO

As caixas arquivo contêm documentos avulsos e apresentam sujidades, elementos metálicos, oxidação, fragilidade nas bordas, perdas de suporte, rompimento das fibras, alteração da cor do suporte, alteração da cor do pigmento, fitas adesivas, dobras e vincos.



Caixa-arquivo com documentos abaulados e sujos



Documentos com bordas amassadas e rasgadas

PACOTES EMBRULHADOS

Os embrulhos contêm documentos avulsos e encadernados de pequeno volume. Apresentam sujidades, elementos metálicos, oxidação, fragilidade nas bordas, perdas de suporte, rompimento das fibras, alteração da cor do suporte, alteração da cor do pigmento, fitas adesivas, dobras e vincos.



Documentos com bordas amassadas e rasgadas

CENTRO DE ACERVO ICONOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO
Diretora Elisabete Savioli

NÚCLEO DE ACERVO ICONOGRÁFICO
Diretora do Núcleo: Shirley Silva

A documentação iconográfica, recolhida ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, pertencente ao acervo do Memorial do Imigrante foi recebida juntamente com os documentos textuais e cartográficos no dia 29 de dezembro de 2010.

Os documentos estavam arquivados em um depósito, em estantes deslizantes e uma mapoteca no mesmo depósito de guarda da documentação textual e cartográfica. Dessa documentação, havia quatro caixas de papelão com documentos iconográficos e textuais sem identificação, sem acondicionamento primário e em péssimo estado de conservação; nesses documentos havia uma embalagem de TNT com uma foto em moldura com o vidro quebrado, possivelmente danificado pela falta de critério para guarda.



Embalagem de TNT com sujidade

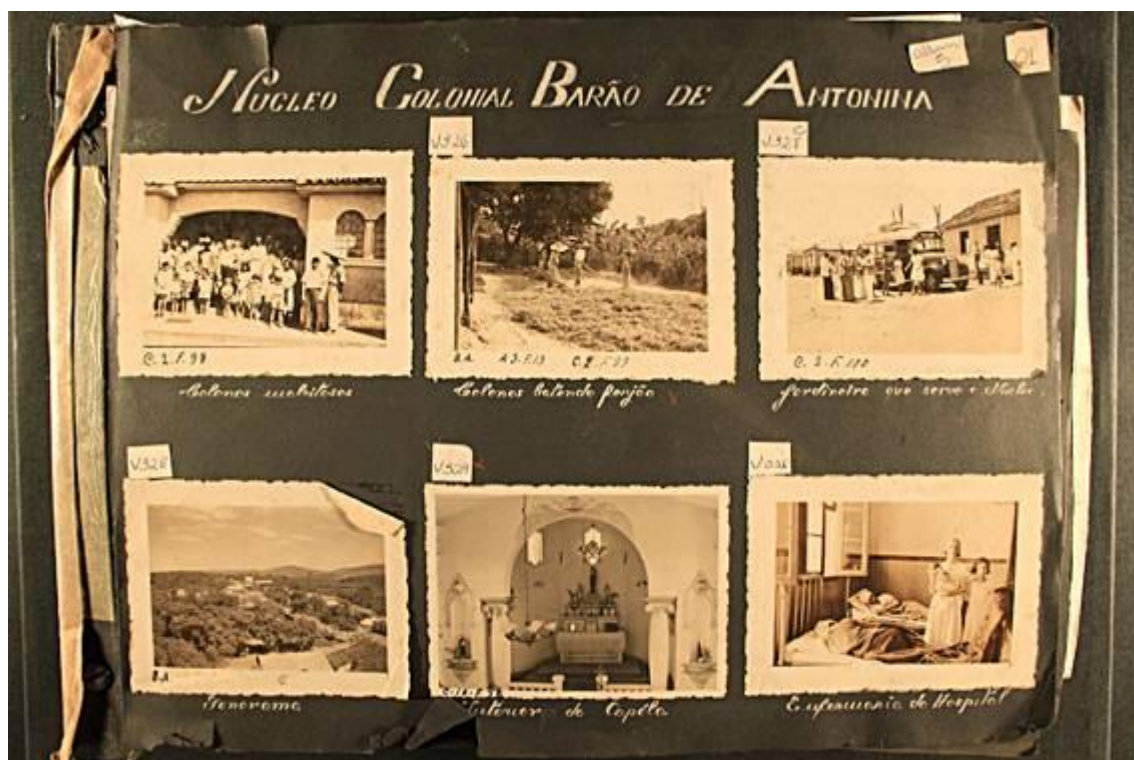


Vidro danificado devido a guarda incorreta

O material e invólucro de acondicionamentos dos documentos iconográficos é bem diverso podendo estar em pastas de polionda com fotos soltas, pastas de polionda com fotos em jaqueta de poliéster e papel de qualidade arquivística como suporte, álbuns em embalagem de TNT, fotos em moldura e fotos soltas em caixa de papelão sem identificação. Os documentos, devido à falta de critérios para acondicionamento e guarda, apresentam diferentes tipos de deterioração decorrentes dessa carência; podemos citar manchas de umidade, rasgos, papéis grudados na emulsão e manchas ocasionadas pela acidez do papel de guarda.



Acondicionamento de Poliéster

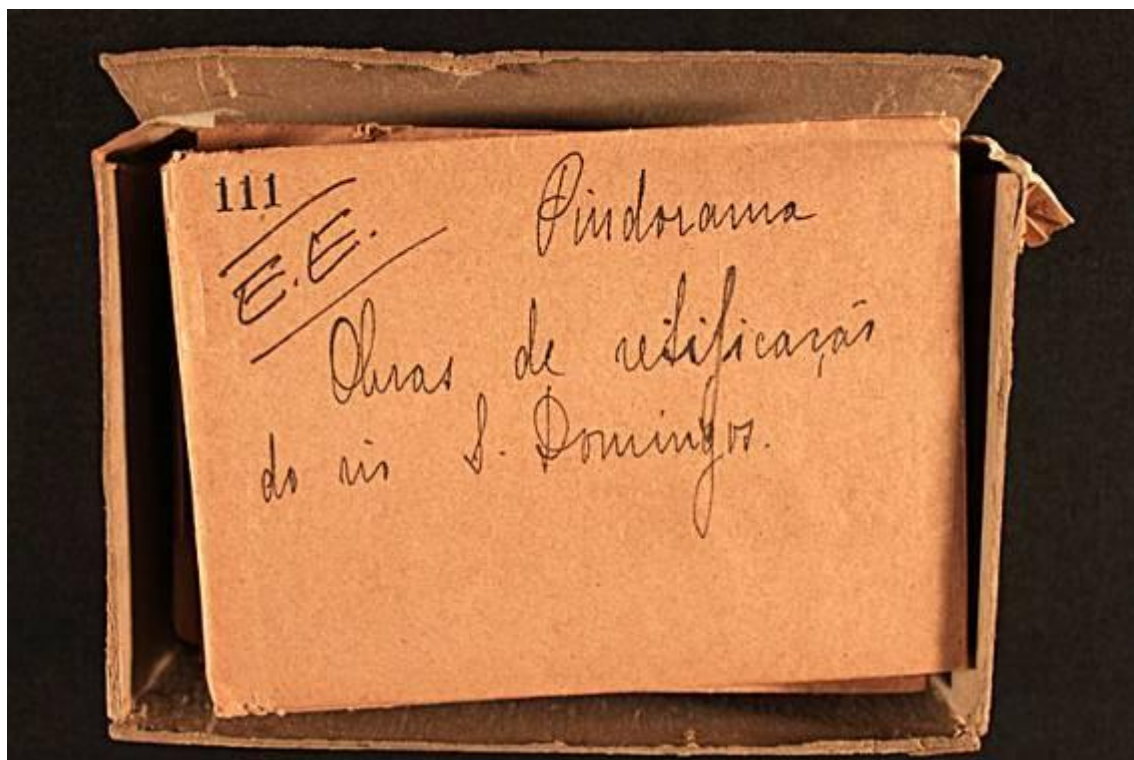


Álbum com página rasgada e foto dobrada

Quanto aos processos fotográficos, a maior parte dos documentos é de ampliação fotográfica em suporte de papel, variados formatos, gelatina e prata, preto e branco e colorido em formato de álbum, soltas ou ainda coladas em um suporte de papel ácido. Foram localizados também junto à documentação sem referência álbuns de negativos de médio formato, acetato; negativos de poliéster 35mm; diapositivos soltos e em embalagem tipo print-file; negativos de vidro, pequeno e médio formato, gelatina e prata e cartões postais.



Álbum de Negativos de Acetato de Celulose.



Acondicionamento Negativos de vidro



Os documentos iconográficos encontrados no armário deslizantes foram embalados em 4 (quatro) caixas de papelão e receberam a numeração atribuída pelo Centro de Acervo Permanente do Arquivo Público do Estado de São Paulo para mudança, com um número de pastas mínimo para que não houvesse pressão sobre os documentos e assim como os documentos textuais, foram transportados nos caminhões.

Os negativos de vidro, guardados em uma gaveta da mapoteca que continha fotos, foram separados e acondicionados primeiramente com placas de polionda na parte superior, inferior e duas placas nas laterais (para evitar que houvesse qualquer pressão sobre os vidros), embalados em plástico bolha e guardados em 3 caixas de marfinite também com plástico bolha preenchendo os espaços internos vazios. Esses negativos de vidro, foram transportados em um carro da Casa-Civil, ainda no dia 29 de dezembro de 2010, com o acompanhamento do diretora do Núcleo de Acervo Iconográfico, Shirley Silva, e encaminhados para a sala de transição do Centro de Acervo Iconográfico e Cartográfico no prédio do Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Mapoteca onde estavam armazenados os negativos de vidro

No processo de recebimento e organização dos documentos as 8 (oito) caixas de papelão foram encaminhadas ao Núcleo de Acervo Iconográfico para que o tratamento específico de preservação e conservação a fotografias fosse executado e o diagnóstico pudesse ser iniciado para posterior organização do fundo em parceria com o Centro de Acervo Permanente, garantindo que a referência dos diversos tipos de documentos não fosse perdida.

Ao serem encaminhados para o Depósito Climatizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo, todos os documentos passaram primeiramente pela sala de transição durante 3 (três) dias para aclimação e posterior guarda no depósito a 21°C e 50% UR.

O diagnóstico foi concluído no prazo de 6 (seis) dias e executado por 4 (quatro) técnicos e dois estagiários do Núcleo. A avaliação da documentação foi baseada na Ficha de Diagnóstico elaborada pelo Centro de Acervo Iconográfico e Cartográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo, e os critérios a serem observados passam pela identificação do material (identificação, origem, data limite, quantidade de unidades de acondicionamento, quantidade de itens documentais), Identificação do Acondicionamento, Material /Suporte, Formatos, Processo, Condições de Conservação, apontamentos sobre o Tratamento Técnico de Conservação e Arquivístico e por fim, se os documentos estão digitalizados ou não.



Técnico inventariando a documentação

DESCRIÇÃO DOS DOCUMENTOS

EMBALAGENS DE TNT

Foram contabilizados 29 álbuns acondicionados em embalagem de TNT, e tanto o estado de conservação dos acondicionamentos, quanto o estado de conservação das fotos é bastante variado. As fotos podem estar coladas ou presas por cantoneiras, contudo o suporte é invariavelmente de papel ácido. Apresentam sujidade, espelhamento da prata e alguns álbuns estão com as folhas soltas. Os álbuns estão identificados como sendo dos Núcleos, Colônias, Fábrica de Florentine, Anexo do Relatório da Diretoria de Terras, entre outros títulos. Também foram recebidos, na mesma embalagem, 28 pacotes com fotos soltas; grande parte está colada em suporte de papel ácido apresentando sinais de deterioração nas bordas, espelhamento da prata, perda de emulsão, esmaecidas e coladas no papel cuja finalidade era separar os documentos evitando assim o contato direto entre eles.

CAIXAS ARQUIVO

Foram recebidas 4 (quatro) caixas arquivo de polionda contendo fotografias, sem descrição, embaladas em papel filiperson e uma caixa arquivo contendo fichas descritivas com provas de contato de negativos 120 mm.

ENVELOPES E PASTAS

Os envelopes e pastas são unidades de acondicionamentos, na maior parte sem identificação, com documentos fotográficos, cartões postais, negativos e diapositivos. Somam a quantia de 11 (onze) quantidades de acondicionamento.

PASTAS DE POLIONDA

As pastas de polionda recebidas somam 43 unidades de acondicionamento de diferentes formatos contendo fotografias, cromos e negativos. A maior parte apresenta identificação dos Núcleos Coloniais, Hospedaria e Cópias para Exposições.

FOTOS COM MOLDURA

Foram recebidos três retratos de imigrantes italianos identificados como Gesulda Arrivabene, Helena Reginato, Luigi Reginatto, um retrato de Luiz Sacomani em moldura de madeira e vidro (chegou ao Arquivo Público do Estado de São Paulo quebrado) e dois quadros do mesmo prédio, sem identificação, em períodos diferentes.

CADERNOS COM CONTATOS

Recebemos também 17 cadernos com espiral, contendo fichas de identificação das fotografias do acervo com informações com relação à origem, procedência, formato, entre outras além de cópias por contato em cada ficha.

CD ´S

Foram apurados 15 CD ´s identificados como "Arquivo Iconográfico Digital do Memorial do Imigrante" além de um CD localizado em uma pasta com documentação referente a uma exposição sobre o Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

MAPOTECA

A mapoteca recebida contém fotografias, maior parte grande formato, sem identificação, P/B e coloridas, coladas em papel, acondicionadas em envelopes de papel ácido, em rolo e encadernadas.

NEGATIVOS EM VIDRO

Foram recebidas 63 placas de negativos em vidro, pequeno e médio formatos, gelatina e prata, com a maior parte sem identificação. Estão acondicionados em envelopes de papel ácido, apresentam sujidade e fungo.

NÚCLEO DE ACERVO CARTOGRÁFICO **Diretora do Núcleo: Janaina Yamamoto Santos**

O acervo cartográfico do Memorial do Imigrante chegou ao APESP no dia 29 de dezembro de 2010. Ao todo foram recebidas 09 mapotecas (com 5 gavetas cada, sendo que 3 gavetas de uma das mapotecas não pertencem ao Cartográfico), 51 rolos de mapas acondicionados em uma caixa de polionda de grande dimensão medidas aproximadas de 160X120 cm (AxL), 28 documentos (mapas, diplomas, cartazes) acondicionados em uma caixa de polionda de média dimensão 129X79 cm (AxL), 3 fotocópias de mapas acondicionadas em caixa de polionda com 50x36cm (AxL) e 10 mapas encontrados caídos dentro das mapotecas.

Como preparação para mudança, nossos técnicos foram ao Memorial, embalaram o acervo com filme "stretch", filme de polietileno esticável e extrudado em tri-camada, ideal para fechamento de grandes pacotes.

As etapas de trabalho podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- acondicionamento provisório para a movimentação e transporte;
- recebimento do acervo e acomodação no APESP;
- conferência do conteúdo das mapotecas;
- numeração das mapotecas (número próprio do Arquivo) e diagnóstico do mobiliário;
- diagnóstico do acervo cartográfico em planilha excel

As mapotecas foram conduzidas pelo elevador até as dependências do 2º andar, porém as gavetas tiveram que ser transportadas pela escada, pois não cabiam no elevador. Algumas gavetas, por estarem muito pesadas e abarrotadas, continham mapas prensados ou caídos no fundo das mapotecas, portanto o conteúdo das mesmas teve que ser retirado, separado em lotes e recolocados em sua respectiva gaveta.

Das 09 mapotecas, 06 possuem alguma identificação de conteúdo, apresentando muitas vezes mais documentos cartográficos do que os descritos nas gavetas. Não há qualquer

tipo de inventário do acervo cartográfico do Memorial do Imigrante, e o mesmo já foi iniciado pela equipe do Núcleo juntamente com a elaboração do diagnóstico. Foi solicitada ao Núcleo de Acondicionamento e Encadernação a confecção de 54 caixas em diferentes formatos para acondicionar os rolos e mapas diversos.

As mapotecas apresentam ferrugens, arranhões, amassados, ausência de puxadores em parte das gavetas, vincos, bases tortas, gavetas emperradas ou que não se encaixam perfeitamente.

Há grande diferença no número de mapas por mapoteca, variando de 207 a 437, por exemplo. Através desse levantamento prévio, pudemos estimar uma média de documentos, chegando ao número de aproximadamente 2.665 mapas.

1



Mapotecas 05 e 06 (numeração do APESP) com arranhões, marcas de ferrugem, desencaixe das gavetas e ausência de puxadores nas mesmas.



Mapoteca cuja base encontra-se torta, impossibilitando o encaixe da gaveta. A mesma encontra-se na parte superior do mobiliário, devidamente protegida.



Mapotecas 03, 04, 05 e 06 (numeração do APESP) com fichas de identificação nas gavetas (material contido nas gavetas ultrapassa ao descrito).



Mapotecas 01 e 02 (numeração do APESP) cujo diagnóstico foi concluído na presente data.



Mapotecas 07 e 08 (numeração APESP) sem identificação de seus conteúdos. Gavetas arranhadas e emperradas, cuja base encontra-se amassada



Gaveta da Mapoteca 04 com grande quantidade de mapas. Percebe-se o mal acondicionamento do acervo (plantas dobradas, amarradas) portanto a abertura da mesma está dificultada.



Detalhe da Mapoteca 05: pontos de ferrugem, arranhões e ausência de puxador.



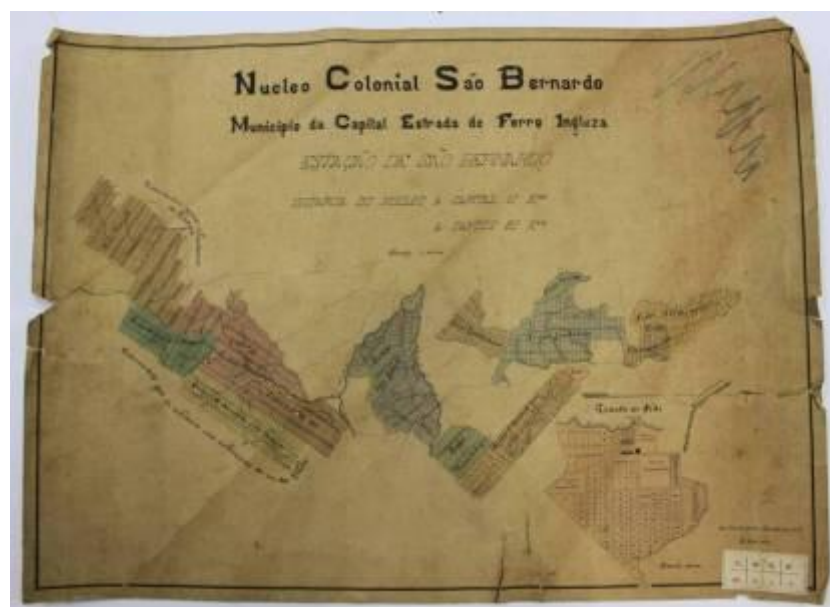
Conteúdo de uma das gavetas da mapoteca 03. Há uma grande quantidade de mapas, comprometendo o acervo devido ao mal acondicionamento e dificultando a abertura da gaveta.

Os materiais analisados apresentam excesso de sujidades, manchas, abrasões, dobras, perfurações, rasgos, vincos, oxidação pontual, marcas de durex e bordas quebradiças causadas por guarda incorreta e manuseio incorretos.



Planta apresentando dobras, rasgos, marcas de durex e sujidade.

EXEMPLOS DE MAPAS QUE NECESSITAM DE INTERVENÇÃO DE RESTAURAÇÃO





MAPAS QUE NECESSITAM DE NOVAS EMBALAGENS (JÁ SOLICITADAS AO CENTRO DE PRESERVAÇÃO)



CENTRO DE ACERVO PERMANENTE
Diretora Simone Lucena Cordeiro

Antes do processo de recolhimento da documentação do Memorial do Imigrante, a equipe técnica do Centro de Acervo Permanente esteve na instituição para preparar os documentos para a mudança.

Para tanto, primeiramente foi desenvolvida uma listagem do acervo identificando superficialmente os documentos, de maneira a facilitar a conferência dos mesmos assim que chegassem ao APESP. Portanto, aproveitou-se a numeração seqüencial das caixas-arquivo - T00001, T00002... - para os demais, resultando no total de 3730 unidades etiquetadas. Após a preparação com as etiquetas, a equipe do Centro de acervo Permanente também auxiliou no procedimento de embalagem da documentação.

No dia do recolhimento, a equipe permaneceu no APESP para recepcionar a mudança. Conforme o tipo de documento, os funcionários indicavam para onde estes deveriam ser destinados. Atualmente o acervo do Memorial encontra-se disposto em estantes de ferro nos andares da seguinte maneira:

DEPÓSITO 2A (2º ANDAR)

Listas diversas acondicionadas em caixas de polionda

DEPÓSITO 2B (2º ANDAR)

Listas diversas acondicionadas em caixas de polionda

Listas diversas acondicionadas em mapotecas

Documentos avulsos (cópias de listas, encadernados) em pastas de polionda, ou acondicionados em plástico bolha e TNT.

DEPÓSITO 4A (4º ANDAR)

Caixas arquivo de documentos da Secretaria da Agricultura

Caixas de papelão contendo documentação corrente

Fichários de aço contendo documentação da Delegacia de Estrangeiros

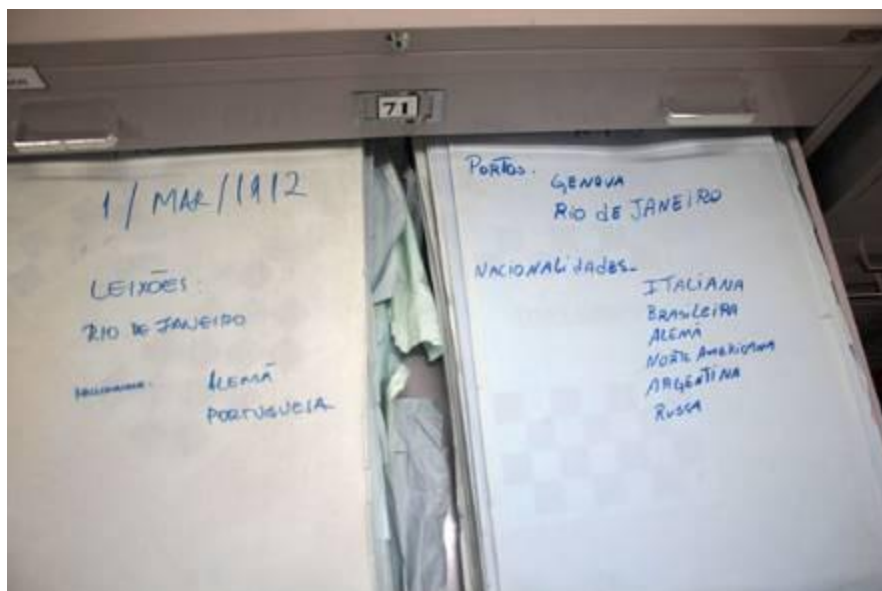
Fichários de aço contendo microfilmes

DEPÓSITO 4C (4º ANDAR)

Caixas de papelão contendo documentação corrente

Após o recebimento e a alocação da documentação, durante os primeiros dias de janeiro (3/01 a 10/01) foram realizadas a verificação e a ordenação das listas diversas que se encontram nas caixas de polionda e nas mapotecas.

Foram verificados os conteúdos das mesmas, assim como suas datas-limite. A partir desta etapa foi criada uma listagem prévia com a relação de listas por caixa/gaveta e por período, informando sua disposição no acervo. Esta listagem resultou em 378 registros. A partir deste primeiro contato, foi constatado que muitas das listas encontram-se em estado de conservação precário e, portanto, necessitam de reparos.



Gaveta com excesso de documentos



Documentos alocados nas prateleiras de ferro do depósito 4A



Fichários no depósito 4A





Gaveta com excesso de documentos localizada no 2A

DEPARTAMENTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DE ACERVO
Diretor Lauro Ávila Pereira

EQUIPE DE TRABALHO

DEPARTAMENTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DE ACERVO

Danielli Pereti Mariano

Dóris Fleury

CENTRO DE ACERVO ICONOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO

César Costa de Oliveira

Elisabete Savioli

Maria Rita Rodrigues Alves

Orlando Guimarães Júnior

Paulo Wagner Teixeira

Shirley Silva

Umberto Luis Almeida de Oliveira

CENTRO DE ACERVO PERMANENTE

Alexandre Kawakami

Aline Fátima de Souza

Humberto Martinez de Souza

José Roberto de Souza

Leonardo de Sá Miranda

Márcia Beatriz Carneiro Aragão

Mari Emília Garcia Tozato

Rafael Francisco de Lima

Renan Leocadio

Ricardo da Silva Santos

Simone Lucena Cordeiro

Viviane de Azevedo Lucato

CENTRO DE PRESERVAÇÃO

Altieris de Melo Araujo

Bruno Winkelmann Júnior
Denis Paulino
Eduardo Luiz Turco
Eliana Alves Pereira
Gabriela de Melo Silva
João Araújo da Silva
Marcelo Lopes
Paulo Rogério de Carvalho
Rafael Lima Capellari
Rafael Salamon
Renato Torgi Alves
Victor Souza Santos
Waltair José dos Santos

CENTRO DE PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÕES DIGITAIS
Cintya Takahaschi
Letícia Gomes Bacalhau
Rodrigo Tenório

PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Meta 7 - Apresentar para análise e providenciar o orçamento detalhado do projeto executivo da nova exposição de longa duração

O orçamento detalhado a ser entregue pela Expomus, empresa responsável pelo desenvolvimento do projeto – cujo contrato foi sub-rogado por nós – ainda está sendo concluído e depende, para seu término, de dados e definições da Secretaria de Estado de Cultura em relação ao projeto. Tais solicitações de informações e definições exigidas pela empresa contratada, e que impactam diretamente o andamento dos trabalhos, já foram repassadas à Secretaria para as devidas providências.

O não cumprimento desta ação independe dos esforços do IFB e se deve ao atraso geral do projeto conceitual da nova exposição, relacionado a ajustes a serem definidos pela Secretaria e também equacionados com a equipe de obras responsável pelo restauro e adequações de edificação.

No Ofício IFB/MI 001/2011, encaminhado à UPPM no dia 9 de março de 2011, esclarecemos à SEC que a alteração de cronograma no trabalho desenvolvido pela empresa Expomus impactará o cumprimento desta meta nesse primeiro trimestre. A SEC está ciente e de acordo com a alteração, conforme ofício UPPM nº 110/11.



INSTITUTO DA ARTE
DO FUTEBOL BRASILEIRO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

IPS/AN 001/2011

São Paulo, 09 de março de 2011.

À
Unidade de Preservação do Patrimônio Muscológico
Secretaria de Estado de Cultura
Rua Mauá, 51 – Luz – São Paulo – SP
Sra. Claudinéia Moreira Ramos
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Muscológico

Assunto: Plano de Trabalho do Memorial do Imigrante

Prezada Senhora,

Considerando a alteração do cronograma (anexo) entregue pela empresa Bipomus e considerando que tal alteração impactará o cumprimento da meta Programa de Exposições e Programação Cultural (ação: entrega do projeto executivo da nova exposição de longa duração) do Plano de Trabalho de 2011, vimos por meio desta, ~~informar~~ e de acordo desta Secretaria para transformação da meta supracitada para o segundo trimestre de 2011.

O não cumprimento desta ação independe dos esforços do IPS e se deve ao atraso geral do projeto conceitual da nova exposição, relacionado a ajustes do projeto e serem definidos pela Secretaria e também ocasionados com a equipe de obra responsável pelo restauro e adequação do edifício.

Com votos de estima e consideração, aguardamos seu de acordo e colocamo-nos à disposição,
~~para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.~~

Atenciosamente,

Clara de Assunção Azevedo
Diretora Executiva

INSTITUTO DA ARTE
DO FUTEBOL BRASILEIRO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

IPF/MI 001/2011

Reestruturação do Memorial do Imigrante

	maio				junho			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Comunicação do Projeto a pesquisa								
Realização de eventos	atuar							
Entrega do Programa básico de iluminação da Exposição de longa duração	atuar							
Eventos de esclarecimento público da atual situação da instituição	atuar							
Entrega do Relatório de pesquisa	atuar							
Curso de apresentação da exposição de longa duração - itinerário, acompanhamento da execução	a entrega							
Programa de Exposições e uso do edifício								
Reunião do Grupo Curatorial para encaminhamento e finalização dos conteúdos (textuais, recursos expográficos e tecnológicos) e audiovisuais e tecnológicos	a partir							
Validação dos conteúdos expográficos com o grupo curatorial, considerando conteúdos, áudiovisuais e recursos	a partir							
Interface com equipe de obras, de e secretaria	entrega reunião (19/05/11)							
Aprovação final da Exposição	a partir							
Plano Museológico Final				28 maio				
Adequação e inserção de novos conteúdos da instituição								
Programa de Ações Educativas								
Validação dos resultados obtidos com o GT								
Ações de registro para o Making of								
Entrega do Plano Museológico Final								28 maio
Entregas finais								
entrega do projeto executivo de Museografia com argumentos e memorial descritivo								
entrega do projeto executivo de Expografia com argumentos e memorial descritivo								
entrega do projeto executivo de Luminotécnica com argumento e memorial descritivo								
entrega dos textos expográficos e legendas								
entrega do projeto executivo de Tecnologia da informação/ sonorização com argumento e memorial descritivo								
Relatório Making of - fotográfico e audiovisual								
validação junto ao Grupo de Trabalho/ Reunião de conclusão e próximos passos								a partir maio



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO

São Paulo, 31 de março de 2011.

Ofício UPPM nº 110/11

Assunto: Plano de Trabalho do Memorial do Imigrante

Prezada Diretora

Atendendo à solicitação de transferir a meta Programa de Exposições e Programação Cultural na ação "entrega do projeto executivo da nova exposição de longa duração" para o 2º trimestre contida na correspondência IFB/MI/001/2011 datada de 10.03.2011, a UPPM concorda com a proposta apresentada pela Q5, ~~de acordo com a~~ necessidade de ampliação dos prazos.

Reiteramos que estes novos prazos deverão ser cumpridos e que esta Unidade acompanhará as ações contidas no Plano de Trabalho para que não haja prejuízo no uso do recurso público e no cumprimento total da meta.

Ficamos à disposição para mais informações e enviamos nossos cumprimentos.

Atenciosamente,

Claudinéli Moreira Ramos
Coordenadora da Unidade de
Preservação do Patrimônio Museológico

Ilma. Senhora
Clara de Assunção Azevedo
Diretora Executiva
Instituto da Arte do Futebol Brasileiro
Organização Social na Área de Cultura

Rua Paul. 51 - Luz - São Paulo/SP
CEP: 01028-900

PAGE: (11) 2627-8000
www.cultura.sp.gov.br

Meta 9 - Realizar encontros com associações, entidades e demais grupos de comunidades migrantes.

Foram realizadas 3 reuniões com os representantes das comunidades de imigrantes e corpo consular.

No dia 22 de fevereiro foi realizada reunião com o Secretário da Cultura, Sr. Andrea Matarazzo, Sra. Claudineli Ramos, diretora da UPPM e Sra. Clara Azevedo, diretora executiva da organização gestora do Memorial do Imigrante e os representantes do corpo consular para apresentação do novo projeto da exposição de longo duração, desenvolvido pela empresa Expomus, e esclarecimentos sobre o trabalho que será realizado durante o período que o Memorial ficará fechado para obras de restauro. Foi informado que o acervo arquivístico foi transferido para o Arquivo do Estado que está prestando serviço de atendimento ao público para emissão de documentos, serviço anteriormente prestado pelo Memorial.

Participaram 19 representantes do corpo consular.

No dia 23 de fevereiro, uma segunda reunião foi realizada com o Secretário de Cultura, Sr. Andrea Matarazzo, Sra. Claudineli Ramos, diretora da UPPM e Sra. Clara Azevedo, diretora executiva da organização gestora do Memorial do Imigrante e os representantes das comunidades de imigrantes. Nessa oportunidade foi apresentado o novo projeto da exposição de longa duração e foram esclarecidas questões trazidas pelos participantes. Um ponto de convergência entre todos foi a realização da Festa do Imigrante, que foi confirmada pelo Sr. Secretário.

Participaram 70 representantes das comunidades de imigrantes.



Nesse sentido, uma terceira reunião foi realizada, no dia 28 de março, com os representantes das comunidades de imigrantes cujo objetivo foi oficializar a realização da Festa e levantar sugestões dos participantes sua melhoria.

Participaram 42 representantes das comunidades de imigrantes.



Meta 10 - Avaliar e acompanhar os desdobramentos do Plano Museológico existente no que se refere ao Programa de Exposições e Programação Cultural

A equipe do IFB tem participado, juntamente com a equipe da UPPM, consultores do projeto e demais fornecedores envolvidos, das reuniões promovidas pela empresa Expomus, responsável pela elaboração do novo Plano Museológico do Memorial do Imigrante.

PROGRAMA DE APOIO AO SISEM – SP

Meta 11 - Realização de 1 exposição itinerante, no município de Batatais, no período de 14 de janeiro a 11 de fevereiro, incluindo as ações de: transporte, montagem, desmontagem e elaboração de convite eletrônico.

A exposição “Mãos que Trabalham” foi idealizada e concebida pela antiga gestão do Memorial do Imigrante. Quando o Instituto da Arte do Futebol Brasileiro assumiu a gestão do Memorial do Imigrante, a exposição estava em exibição no município de Cravinhos, no Memorial Casa Libanesa, localizado na Rua XV de Novembro, nº 259.

No dia 13 de janeiro de 2011 a equipe do IFB foi ao município de Cravinhos coordenar a desmontagem e embalagem da mostra, que seguiu para o município de Batatais.

Neste mesmo dia, a equipe deu início à montagem da exposição no Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luis, localizado na Praça Dr. Antônio Teodoro de Lima s/nº.



A exposição “Mãos que Trabalham” é formada por painéis modulares, de modo a facilitar seu transporte e itinerância. A embalagem e o transporte da exposição entre os municípios de Cravinhos e Batatais foi feito pela empresa Art Quality, com acompanhamento da equipe do IFB e representante do SISEM.

Os painéis da exposição foram transportados em caixa de madeira sob medida e embalados em plástico bolha e manta acrílica.



A montagem da exposição, compreendida por painéis textuais em estruturas metálicas, encaixáveis umas nas outras, foi feita no próprio dia 13 de janeiro.



O conteúdo apresentado pela exposição trata de ofícios femininos, baseado em trabalhos manuais e traduzidos em atividades de corte e costura. São 12 banners plotados em PVC e emoldurados pela estrutura metálica.

No municio de Batatais, outros itens foram agregados à exposição: maquinário de fabricação têxtil, instrumentos de corte e costura, revistas de modelagem e roupas e demais artigos têxteis fabricados no local.

Esta iniciativa partiu do município e recebeu o apoio do IFB e do SISEM no que diz respeito à montagem da cenografia.





A exposição "Mãos que Trabalham" foi aberta ao público dia 14 de janeiro.



A exposição ficou aberta ao público no Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luis até o dia 11 de fevereiro e foi desmontada e transportada de volta à São Paulo no dia 14 de fevereiro.



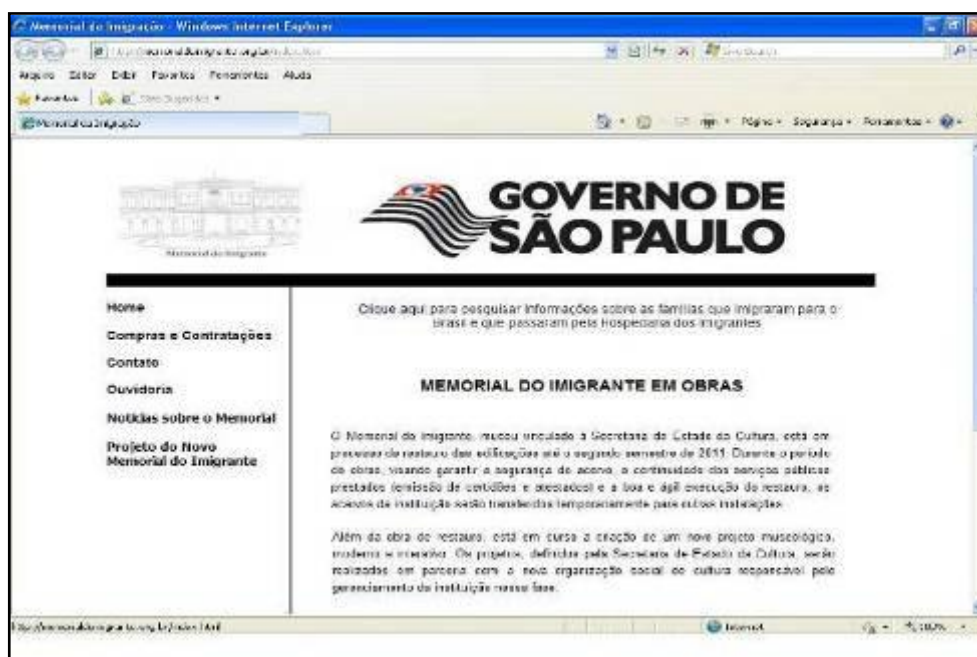
PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

Meta 12 - Manter o site atualizado, conforme orientações da SEC, informando sempre as novas contratações de pessoal, compras e serviços, além de divulgar o link da Ouvidoria, relatório anual, estatuto social, imagens do processo de restauro do edifício e notícias sobre os procedimentos de pesquisa durante as obras.

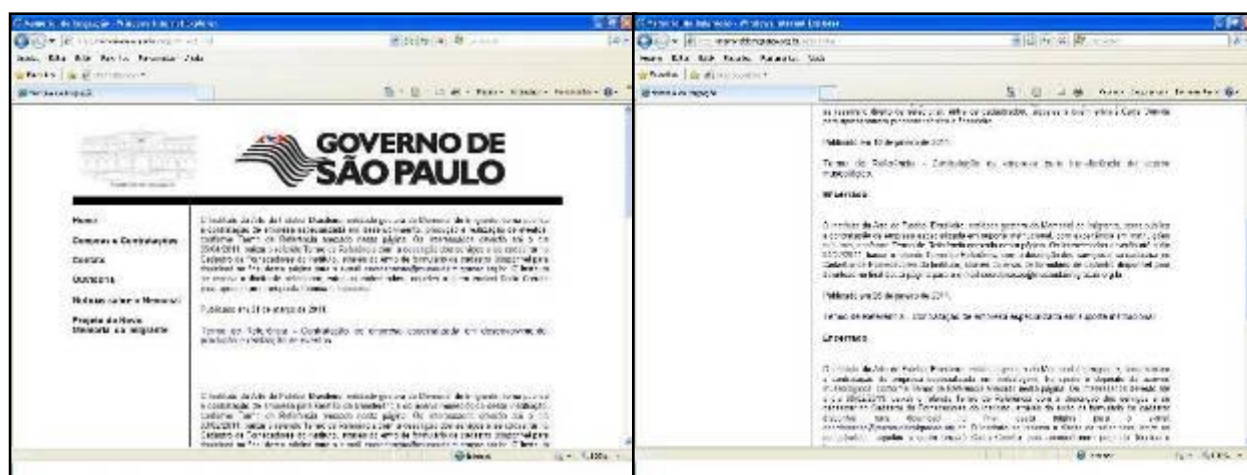
A principal frente foi manter o site atualizado, conforme orientações da SEC, informando sempre as novas contratações de pessoal, compras e serviços, além de divulgar o link da Ouvidoria, notícias sobre o projeto do Novo Memorial e outras informações pertinentes.

O site, criado para estabelecer e manter um canal direto e transparente de contato com a sociedade vem sendo atualizado conforme demandas e atividades.

Em sua página inicial há um link para a página do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que desde fevereiro disponibiliza breve pesquisa de informações sobre as famílias que imigraram para o Brasil e que passaram pela Hospedaria dos imigrantes, conforme consta nos Livros de Registro da Hospedaria de Imigrantes (por nome, sobrenome, e nº do livro) – o acesso a esse banco de dados estava indisponível no formato on-line e foi restabelecido após uma operação conjunta com o Arquivo do Estado. Além disso, o site informa que o Memorial do Imigrante está em obras, traz dados sobre o novo projeto museológico, apresenta um boletim com as notícias mais recentes e também esclarece o usuário sobre os novos procedimentos para a obtenção de certidões e atestados, orientando o internauta para o contato direto com o Arquivo Público do Estado de São Paulo, agora responsável por este serviço. O site disponibiliza ainda o e-mail e telefone da Ouvidoria da Secretaria de Estado da Cultura para críticas e sugestões e também os contatos da nova equipe do Memorial do Imigrante.



No site, o visitante pode conferir o andamento dos processos de contratação, tanto aqueles em vigor como os já encerrados, juntamente com o formulário para cadastro de fornecedores.



As informações mais atuais sobre o andamento do projeto para o Novo Memorial também tem um destaque especial.



Nesse primeiro trimestre de trabalho, visando novas formas de comunicação que pudessem ser integradas ao site, iniciou-se uma pesquisa e discussão com a empresa que está desenvolvendo o Plano Museológico sobre o papel das redes sociais. A idéia de formar uma rede social apareceu como uma alternativa interessante para mobilizar as diversas comunidades de imigrantes e migrantes, sobretudo durante o período em que um dos espaços físicos de integração por excelência, o novo Museu da Imigração, está em

reforma. A rede social é uma estrutura composta por pessoas ou organizações com valores e objetivos comuns conectadas, que, através da mobilização social, compartilham informações, conhecimentos, interesses e esforços objetivando interesses comuns. Essas redes podem operar em vários níveis como redes de relacionamentos (como o facebook, orkut, myspace, twitter), redes profissionais, comunitárias, políticas etc. e por isso aparecem como ferramentas de interação que podem e devem ser aproveitadas pela instituição museológica

Um bom exemplo é a rede Ning (<http://www.ning.com/>), uma plataforma web 2.0, que permite criar e publicar rede social própria, e, através dela, administrar conteúdos como blogs, fóruns de discussão, grupos, fotos e vídeos. A rede Ning é utilizada por organizações, ativistas, empreendedores do terceiro setor e formadores de opinião de todo o mundo. Em comparação às grandes redes de relacionamento (como o facebook), ela tem funções semelhantes, como a ferramenta de bate-papo entre os membros, os fóruns e as páginas pessoais, por exemplo. Mas com a vantagem de ser uma rede direcionada, com interesses e relações próprias, ligada a um tema, ou causa e desligada de interesses pessoais ou mercadológicos. Exemplos de redes Ning: da Hub Escola: (<http://hubescola.com.br/>) e do Movimento Boa Praça: (<http://boapraca.ning.com/>). Está em estudo a possibilidade de implantar a rede Ning para o Museu da Imigração, o que permitiria divulgar as ações, um contato maior com as comunidades e um diálogo com pesquisadores e interessados no tema imigração.

Ainda dentro das ações de comunicação, foi elaborado boletim informativo sobre as atividades desenvolvidas de janeiro a março. O boletim foi enviado ao mailing constituído durante os dois primeiros meses de gestão do Memorial.

Boletim Memorial Fevereiro





Meta 14 - Realizar mapeamento de parcerias e relacionamentos existentes, a fim de compreender suas diretrizes e naturezas, e levantar parcerias e relacionamentos potenciais para o desenvolvimento institucional do museu.

Foram mapeadas algumas parcerias que estavam em andamento antes do início da gestão do IFB, conforme listagem a seguir. Alguma delas, por sua natureza, demandam a abertura do Museu da Imigração para serem implementadas.

- Encaminhamento de projeto a ser patrocinado pelo BNDES para restauro das Listas de Passageiros e Livros de Registro da Hospedaria – situação atual: ainda não foi possível identificar o número de protocolo do processo e, portanto, não é possível afirmar com segurança que a solicitação de apoio ao projeto continua tramitando. A única informação sobre essa possível parceria foi obtida em declaração publicada em jornal pela diretora executiva da antiga OS gestora do Memorial e, portanto, até o momento não há dados suficientes que subsidiem a compreensão da natureza do projeto bem como os possíveis encaminhamentos.
- Protocolo de intenções assinado com Museo Del Mare de Genova para a organização de exposição e seminário em comemoração aos 150 da Unificação da Itália, a ser realizada no âmbito do Ano da Itália no Brasil com apoio da Embaixada e com o Instituto Italiano de Cultura em SP – situação atual: aguardando reabertura do Museu e funcionamento normal das atividades.
- Protocolo de intenções assinado para a comemoração dos 200 anos da imigração chinesa no Brasil – situação atual: aguardando reabertura do Museu e funcionamento normal das atividades.
- Protocolo de intenções assinado para comemoração do centenário da imigração holandesa no Brasil – situação atual: aguardando reabertura do Museu e funcionamento normal das atividades.
- Parceria com o Arsenal da Esperança para a realização de diversos eventos, entre eles a Festa do Imigrante – situação atual: a nova equipe do Memorial já realizou 4 reuniões com a equipe gestora do Arsenal da Esperança consolidando, estreitando e expandindo a parceria.
- Convênio com os mórmons para a digitalização de cerca de 3 milhões de nomes constantes das fichas de registro de estrangeiros, sem ônus para o Estado –

situação atual: foi firmada parceria entre os mórmons e o Arquivo do Estado para a digitalização do acervo.

Durante os meses de janeiro, fevereiro e março a equipe do Memorial do Imigrante recebeu algumas solicitações de parceria que estão sendo avaliadas pela equipe gestora do Memorial e pela UPPM. São elas:

- Parceria para realização de exposição fotográfica sobre Portugal para o ano de 2012 quando será celebrado o ano de Portugal no Brasil, com curadoria de João Kulcsár, que vem trabalhando com o Departamento Cultural da Embaixada de Portugal no Brasil. Situação atual: Foi realizada uma reunião com Sr. João Kulcsar para que ele pudesse explicar melhor o projeto e ao término ele ficou de dimensionar o tamanho e custo da exposição para que o projeto possa ser avaliado pela UPPM e pela equipe gestora do Memorial do Imigrante.
- Parceria para a realização de entrevistas com imigrantes que deverão fazer parte de uma exposição no MASP, a partir de 20 de abril, com curadoria de Kika Nicoleta. Situação atual: Disponibilizamos parte de nosso cadastro de representantes das comunidades de imigrantes para que os responsáveis por essa exposição selecionem as 50 pessoas a serem entrevistadas. Em contrapartida, foi solicitado receber o resultado dessas entrevistas para compor nosso acervo.
- Depoimentos de 4 imigrantes russos, a pedido da Associação Cultural Grupo Volga de Folclore Russo. Situação atual: Essa solicitação foi encaminhada à UPPM que sugeriu que entrássemos em contato com o Núcleo de História Oral da USP para a realização das entrevistas. Essa alternativa ainda está em análise já que não estava prevista no Plano de Trabalho.
- Realização de uma exposição de pintores armênios na Pinacoteca do Estado, em parceria com a comunidade armênia. Situação atual: Foi realizada uma reunião com Sr. Marcelo Araújo, diretor da Pinacoteca, Sra Anaide e Sra. Chake, representantes da comunidade armênia. O diretor da Pinacoteca se mostrou muito interessado em realizar uma exposição com um importante pintor armênio – Martiros Sarian. As representantes da comunidade armênia ficaram de entrar em contato com o governo armênio para saber da disponibilidade do envio das obras de arte para uma exposição no Brasil. Foi esclarecido pelo Sr. Marcelo que em caso positivo, a previsão para realização da exposição será em 2013.
- Estabelecimento de uma rede Ibero Americana de Museus e Estudos Migratórios, capitaneada pelo Instituto de Migrações da Universidade de Granada, Espanha. Situação atual: Essa solicitação foi encaminhada à UPPM que dará prosseguimento ao contato.
- Cité de La Mer, Cherbourg, França, parceria para ter acesso a documentos de imigrantes que possa suprir uma lacuna no projeto que estão desenvolvendo sobre imigrantes que partiram desse porto para o Brasil. Situação atual: Essa solicitação foi encaminhada ao Arquivo do Estado que deu prosseguimento ao processo.

- Parceria com uma organização holandesa - Centre for International Heritage Activities. Situação atual: O representante da comunidade holandesa em S.Paulo, Sr. Micha Schijlen, encaminhou nossos contatos para a referida organização e estamos no aguardo de retorno.
- Parceria para a criação de um Museu nos moldes do Memorial do Imigrante na Colômbia. Situação atual: Essa solicitação foi encaminhada para a UPPM e estamos aguardando retorno.

Ao longo desse período, foi atualizado cadastro de representantes das comunidades de imigrantes e corpo consular formando atualmente uma relação de aproximadamente 450 nomes.

Essa atualização foi realizada ao longo dos meses de fevereiro e março por meio de contatos com o Corpo Consular de vários países. Esse cadastro está sendo constantemente corrigido e atualizado, com ajuda dos representantes das comunidades de imigrantes que têm participado de encontros realizados com a Secretaria de Estado da Cultura e a equipe gestora do Memorial do Imigrante. Nessas reuniões são distribuídas fichas aos participantes solicitando novos dados que complementam os já existentes para que o cadastro contenha cada vez mais informações necessárias tanto para o registro como para o andamento dos trabalhos. A partir dessa relação de nomes e dados, foi elaborado um mailing de Representantes das Comunidades, com os seguintes campos: Nome, e-mail, cargo, instituição, país representante telefones, endereço, site, observações.



Microsoft Excel - Mailing - Memorial do Imigrante				
Arquivo Editar Formatar Inserir Layout Referências Dados Janela Ajuda				
C:\Documents and Settings\Fabrizio\Meus documentos\Museu da Im...				
H0 - Antônio de Almeida e Silva				
	H	X	Y	Z
	Nome	e-mail	cargo	instituição
2	Amirio Marchiori			
3	Ana Regiane Farias	anaregiane@terra.com.br	Presidente	Assoc. Beneficente Escandinava
4	André Kuchar	gabinetejuliano@gmail.com	presidente	Gabinete Vereador Juliana Cardoso
5	André Schell		Secretaria	
6	Angela M. Pamela Cursi	angelacursi@gmail.com	presidenta	Associação Cultural Italiana do Moisés no Brasil
7	Angela Pamela Cursi	angelacursi@gmail.com		Associação Moissara
8	Antônio de Almeida e Silva	antoniodealmeida@ig.com.br		
9	Antônio Franco Caccino	ccacino@bol.com.br		Conselho da Comunidade Lusobrasileira do Estado de São Paulo
10	Antônio Franco Caccino			Nadejda - Topka
11	Atílio de Castro	atilio.dacastro@bol.com.br	diretor	Círculo Cultural Nadejda
12	Bachara Aziz Ibrahim	bachara@clbham.org.br	diretor cultural	Instituto Italiano de Cultura
13	Boris Per	boris@clbham.org.br		CLB Ham
14	Boris Per	boris@clbham.org.br	diretor artístico	Federação Brasileira no Estado de São Paulo
15	Bruna Siqueira Shimell	brunasilva@bol.com.br	presidenta	Associação Cultural Grupo Volga
16	Carla Flávia Laurin	carlaflavia@bol.com.br	presidenta	Federação das Associações Verdes
17	Carla Flávia Laurin	carlaflavia@bol.com.br	presidenta	Associação Verdes de São Paulo
18	Carla Flávia Laurin	carlaflavia@bol.com.br	secretaria	Grupo Lym
19	Claudio Pien		membro	Conselho Geral das Itálicas no Estado
20	Claudio Pien			Conselho Estadual Parlamentar das Comunidades de Italianos no Estado de São Paulo
21	Daisy O. Lamas	daisy@clbham.org.br	presidenta	CLB Ham
22	Daniel Patrick Paschke	daniel.paschke@bol.com.br	coordenador artístico	Associação Cultural da América do Sul no Brasil
23	Daniel Patrick Paschke	daniel.paschke@bol.com.br	Coordenador de Arquivo e Biblioteca	Comitê Estadual de Danças Folclóricas
24	Danese			Instituto Marius-Staden
25	Danese			Reizato Tuma
26	Danese			Conselho Representando Consulado Árabe
27	Dr. Hina Sari		Presidenta	
28	Dr. Hina Sari			Instituto Marius-Staden
29	Dr. Hina Sari			Instituto Marius-Staden
30	Dr. Hina Sari			Câmara Italo-Brasileira de Comércio e Indústria
31	Dr. Hina Sari			Federação de Entidades Árabe Brasileiras do Estado de São Paulo

Ainda dentro das ações de comunicação e relacionamento, está sendo atualizado cadastro de pesquisadores e estudiosos do tema imigração, tendo sido consultadas algumas instituições para elaboração desse cadastro:

LEER – Laboratório de Estudos - USP

Associação Nacional dos Professores de História – ANPUH

Museu do Café – Santos

Instituto de Estudos Brasileiros

Centro de Estudos Migratórios

Fundação Arquivo Memória de Santos

Fundação Pró-Memória de São Caetano I

Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU

Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina

Leer – Laboratório de Estudos USP

NEPO – Núcleo de Estudos de População

NEHO – Núcleo de Estudo de História Oral

Foram realizadas 3 reuniões com a Prof. Dra. Marília Klaumann Cánovas, historiadora e pesquisadora do LEER – Laboratório de Estudos – USP, que tem colaborado com a construção desse cadastro de pesquisadores, não só sugerindo instituições a serem contatadas como também com nomes de pesquisadores importantes do tema imigração. Já contamos com cerca de 400 nomes de pesquisadores cadastrados e em breve realizaremos uma apresentação do projeto do Novo Memorial para esse grupo de acadêmicos.

